

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO  
(PPC)

**Curso de Arqueologia**

TERESINA – 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO  
(PPC)**

## **Curso de Arqueologia**

Projeto Pedagógico do Curso de Arqueologia  
apresentado à Pró-Reitora de Ensino de  
Graduação para fins de alteração curricular.

TERESINA – 2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

REITOR: Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

VICE-REITORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nadir do Nascimento Nogueira

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO**

Prof. Dr. João Xavier da Cruz Neto

**PRÓ-REITOR DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Lucia Ferreira Gomes

**PRÓ-REITOR DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Romina Julieta Sanchez Paradizo de Oliveira

**COORDENAÇÃO DE CURRÍCULO**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirtes Gonçalves Honório de Carvalho

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Diretor: Prof. Dr. Edmilson Miranda de Moura

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

Coordenadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Amparo Alves de Carvalho

Subcoordenador: Prof. Dr. Juan Carlos Cisneros Martínez

**COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO (2010/2011)**

NDE – Núcleo Docente Estruturante

Prof. Dr. Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Lourdes Monteiro Scabello

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacionira Coêlho Silva

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jóina Freitas Borges

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Conceição Soares Meneses Lage

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Campelo Magalhães

**COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO (2013/2015)**

NDE – Núcleo Docente Estruturante

Prof. Dr. Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Lourdes Monteiro Scabello

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabrícia de Oliveira Santos

Prof. Dr. Flávio Rizzi Calippo

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jacionira Coelho Silva

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jóina Freitas Borges

Prof. Dr. Luís Carlos Duarte Cavalcante

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Conceição Soares Meneses Lage

Prof.<sup>a</sup> MSc. Márcia Ferreira Netto

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Amparo Alves de Carvalho

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Campelo Magalhães

### **COMISSÃO DE REFORMULAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO (2016/2018)**

NDE – Núcleo Docente Estruturante

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento

Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa

Prof. Dr. Flávio Rizzi Calippo

Prof. Dr. Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jóina Freitas Borges

Prof. Dr. Juan Carlos Cisneros Martínez

Prof. Dr. Luís Carlos Duarte Cavalcante

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Conceição Soares Meneses Lage

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Amparo Alves de Carvalho

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Campelo Magalhães

Técnico

MSc. Igor Linhares de Araújo – Arqueólogo

### **COMISSÃO DE REFORMULAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO (2018)**

NDE - NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento

Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Minervina Souza Cunha

Prof. Dr. Grégoire André Henri Marie Ghislain van Havre

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jóina Freitas Borges

Prof. Dr. Juan Carlos Cisneros Martínez

Prof. Dr. Luis Carlos Duarte Cavalcante

Prof.<sup>a</sup> MSc. Márcia Ferreira Netto

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Conceição Soares Meneses Lage

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Amparo Alves de Carvalho

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Campelo Magalhães

### **COMISSÃO DE REFORMULAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO (2019)**

NDE - NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento

Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jóina Freitas Borges

Prof.<sup>a</sup> MSc. Márcia Ferreira Netto

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Amparo Alves de Carvalho

Prof. Dr. Grégoire André Henri Marie Ghislain Van Havre

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Campelo Magalhães

**ENDEREÇO:**

Coordenação do Curso de Graduação em Arqueologia  
Centro de Ciências da Natureza  
Universidade Federal do Piauí  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, CCN II, Bairro Ininga  
CEP: 64049-550, Teresina, Piauí.

**CONTATOS:**

Telefone da Coordenação de Curso: (86) 3237-2014  
E-mail: arqueologia@ufpi.edu.br

**DENOMINAÇÃO DO CURSO**

Arqueologia

**MODALIDADE**

Bacharelado

**ÁREA DE FORMAÇÃO**

Arqueologia

**INTEGRALIZAÇÃO**

Mínima: 4 anos

Máxima: 6 anos

**CARGA HORÁRIA TOTAL**

O curso terá um total de 2.835 horas, incluindo as Atividades Curriculares de Extensão, assim distribuídas:

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	2.100 h
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	210 h
DISCIPLINAS OPTATIVAS	120 h
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	120 h
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO</b>	<b>2.835h</b>
ATIVIDADES CURRICULARES DE EXTENSÃO	285 h

**NÚMERO MÁXIMO DE CRÉDITOS POR SEMESTRE**

32 créditos

**TURNO**

Matutino e vespertino

**FORMA DE ACESSO**

Exame Nacional do Ensino Médio (novo ENEM), através do Sistema de Seleção Unificada – SISU do Ministério da Educação – MEC.

**NÚMERO DE VAGAS**

40 vagas

**TÍTULO ACADÊMICO**

Bacharel em Arqueologia

**CÓDIGO e-MEC**

112454

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	8
2. JUSTIFICATIVA.....	12
3. PRINCÍPIOS CURRICULARES NORTEADORES.....	20
4. OBJETIVO.....	21
5. ACESSO AO CURSO.....	22
6. INFRAESTRUTURA DO CURSO.....	23
7. PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO.....	31
8. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA.....	33
8.1. ESTRUTURA CURRICULAR.....	33
8.2. APOIO AO DISCENTE.....	35
8.3. ORIENTAÇÃO ACADÊMICA.....	36
8.4. ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS.....	36
8.5. FLUXOGRAMA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA.....	38
8.6. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA .....	39
8.7. ESTÁGIO SUPERVISIONADO .....	39
8.8. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	40
9. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
10. SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO.....	44
10.1. AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL.....	44
10.2. PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO CURSO.....	44
10.3. PROCESSO DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS.....	45
11. CATEGORIAS DAS DISCIPLINAS.....	46
12. QUADRO DE DISCIPLINAS.....	47
13. EMENTÁRIO .....	51
13.1. DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS (DOS NÚCLEOS BÁSICO, COMPLEMENTAR E PROFISSIONALIZANTE) .....	51
13.2. DISCIPLINAS OPTATIVAS .....	94
14. COORDENAÇÃO DO CURSO.....	113
15. ESTRUTURA PARA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO.....	114
15.1. QUADRO DE RECURSOS HUMANOS.....	114

15.2. QUADRO DE MIGRAÇÕES.....	116
15.3. INFRAESTRUTURA DO CURSO .....	124
16. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
APÊNDICE A – FUNDAMENTOS LEGAIS DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO .....	148
APÊNDICE B – REGULAMENTO PARA EXECUÇÃO DO TRABALHO MONOGRÁFICO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	153
ANEXO A – QUADRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES.....	157



## 1. APRESENTAÇÃO

Pesquisas empreendidas desde os anos 1970 na porção sudeste do Piauí pela Missão Franco-Brasileira, em parceria com a Universidade Federal do Piauí – UFPI, revelaram a grande riqueza, variedade e antiguidade da ocupação humana neste território.

A partir de 1986, o Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP) da UFPI vem realizando o levantamento dos sítios arqueológicos do Estado, inicialmente com a colaboração da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e, em seguida, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão do Ministério da Cultura. Mais de 1400 sítios arqueológicos foram registrados em cerca de 60 municípios, de um extremo a outro do estado.

O Piauí é o único estado brasileiro a possuir quatro parques nacionais, além de ser detentor de uma diversidade ambiental extraordinária, com diferentes ecossistemas, que incluem zonas de caatinga, cerrado, vegetação litorânea, zonas de cocais e de características pré-amazônicas. Mesmo as porções com bioma de caatinga demonstram a grandeza da capacidade de adaptação e resistência da vegetação e da fauna. Essa diversidade é observada igualmente na geologia local, tendo grande relevância ainda a bacia sedimentar do Parnaíba.

Do ponto de vista paleontológico destaca-se, na capital, a existência de uma floresta fóssil de 270 milhões de anos, cuja importância deve-se ao fato dos troncos, outrora vegetais, se encontrarem em posição de vida, ou seja, na vertical, garantindo assim a certeza de sua localização original. Outros importantes achados paleontológicos foram verificados nas regiões da Serra da Capivara, nos municípios de Altos e Nazária e na Chapada do Araripe, divisa entre os estados do Piauí, Ceará e Pernambuco. Embora já existam várias pesquisas voltadas para os aspectos ambientais e culturais, ainda é escasso o conhecimento produzido sobre o Estado em termos da relação que se estabelece entre esses aspectos.

Diante desse quadro, com a finalidade de ter profissionais que atuem nessa área, estudando sítios arqueológicos, paleontológicos e os paleoambientes para entender os contextos ambientais pretéritos e recontar a história dos grupos humanos que habitavam o Piauí antes da colonização, bem como para entender os contextos ambientais ainda mais antigos, é imprescindível a atualização do projeto pedagógico do curso de graduação em Arqueologia, de forma que envolva também conhecimentos sobre paleontologia e ecologia, a fim de prover essa necessidade. Em virtude da comprovada riqueza em sítios de registros rupestres e reconhecimento das pesquisas já realizadas pelo NAP, o curso contemplou a formação em arqueologia, trazendo, porém, a proposta de

se trabalhar a conservação de arte rupestre<sup>1</sup> como uma singularidade da graduação em Arqueologia da UFPI, frente às outras graduações em arqueologia existentes no Brasil.

Deve-se ressaltar que atualmente existem duas graduações em Arqueologia no Piauí, uma criada pela UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco e a outra pela Universidade Federal do Piauí. Porém, em razão do acelerado processo de degradação ambiental e da grande quantidade de sítios arqueológicos ameaçados, apenas esses cursos são insuficientes para suprir a formação de profissionais especializados, sobretudo pela demanda crescente do turismo cultural, que requer a conservação e preparação de sítios antes de serem disponibilizados para visita pública.

O curso é inclusive mais abrangente, em virtude de compreender áreas das ciências naturais e humanas, permitindo ao estudante uma formação diversificada, o que atrai um público maior, proveniente de outras regiões do país, que também apresentem significativo potencial arqueológico.

A parte teórica do curso está sendo ministrada em Teresina, no Campus Ministro Petrônio Portella, e a prática de campo nos parques nacionais do Estado (Serra da Capivara, Sete Cidades, Serra das Confusões e no Parque das Nascentes)<sup>2</sup> ou em diversos outros locais (municípios) que possuem sítios arqueológicos, contemplando as linhas de pesquisa de Arqueologia Histórica e Arqueologia Pré-Histórica e suas especificidades.

Assim, este documento apresenta o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, em funcionamento no Campus Ministro Petrônio Portella, cuja fundamentação segue as linhas de ação da política de formação dos profissionais da Arqueologia<sup>3</sup>, discutidas pelo Fórum de Ensino de Arqueologia que acontece no âmbito da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), estabelecidas pelos órgãos e conselhos que se ocupam desse

---

<sup>1</sup>O curso apresenta equipe especializada na área de conservação de arte rupestre, com laboratório e equipamentos específicos para tais análises. A produção acadêmica dessa área já resultou em divulgações nacionais e internacionais dos trabalhos já realizados.

<sup>2</sup>A prática de campo concernente às atividades de estágio supervisionado poderá ocorrer nas dependências da Universidade Federal do Piauí, nos parques nacionais de outros municípios do interior ou em instituições conveniadas, sejam essas públicas ou privadas.

<sup>3</sup>Até o primeiro semestre de 2014 haviam sido criados e postos em funcionamento 11 (onze) cursos de graduação em Arqueologia e 2 (duas) habilitações (cursos de Antropologia com habilitação em Arqueologia), sendo que a maioria (oito cursos) está nas regiões Norte e Nordeste, institucionalizados em universidades públicas, federais e estaduais, e em uma universidade privada. Os cursos da UFOPA, UEA, UNIR, UFPE, UFS, UNEB, UCG, UERJ, FURG e UFPI atendem pela denominação de "Bacharelado" ou pela de "Graduação em Arqueologia", em referência à modalidade. Somente o curso da UNIVASF tem designação diferente, que remete a um aspecto da arqueologia por ele enfatizado: "Arqueologia e Preservação Patrimonial". Embora o Curso de Graduação em Arqueologia da UFPI tenha sido aprovado pelo CEPEX (Resolução CEPEX N° 14/07) com a denominação de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, o Ministério da Educação (MEC) o reconheceu com o nome de Arqueologia, motivo pelo qual estão as alterações aqui elencadas sendo solicitadas, inclusive na nomenclatura interna utilizada nesta UFPI. As alterações propostas consideram em especial as discussões recentes no âmbito do Fórum de Ensino de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira e as Referências Curriculares do MEC, de 2010.

patrimônio, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), em conformidade com as diretrizes do MEC<sup>4</sup>.

A proposta ora apresentada busca, então, superar as limitações referentes à escassez de profissionais qualificados e propõe a formação de um arqueólogo apto a lidar com a pesquisa, o estudo e a conservação do patrimônio arqueológico pré-histórico no contexto nacional. Assim, apresenta inovações em relação à formação profanissional desta área, uma vez que engloba conteúdos de áreas afins, notadamente das ciências naturais, além das humanas, em consonância com o caráter interdisciplinar da Arqueologia. Em 2011 o Projeto Político Pedagógico do Curso sofreu pequenas alterações, realizadas em função da adaptação da disciplina Estágio Curricular, cuja carga horária foi aumentada, passando a ser a única disciplina do 7º semestre do curso, em virtude da necessidade dos alunos terem que viajar para realizarem seus estágios. Na ocasião também foi incluído o regulamento dos trabalhos de conclusão de curso, como parte integrante do Projeto Pedagógico.

Após algumas alterações no processo de ingresso de novos alunos na UFPI (100% através do SISU a partir de 2012), assim como da alteração do sistema de blocos para o de créditos, devido a questões operacionais dos Sistemas SIG da UFPI, a adaptação do curso às novas demandas da Arqueologia<sup>5</sup> no país e a acomodação de novos professores com formações específicas para compor o corpo docente, houve a necessidade de reformular o Projeto Pedagógico do Curso.

O currículo proposto para o curso elege como área de formação a **pesquisa arqueológica**, o que garantirá uma formação ampla e ao mesmo tempo sólida, capacitando o bacharel formado na UFPI a atuar como pesquisador, ou em áreas relacionadas a este ramo, em instituições de pesquisa, de conservação do patrimônio e no ensino superior. Essa formação fundamenta-se nas seguintes orientações gerais:

---

4 Tendo como fundamentos legais a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; Lei 10.861, de 14 de abril de 2004, que institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior; a Resolução nº 2, de 18 de junho de 2007, do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior que dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial; o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005\*, e as Referências curriculares nacionais dos cursos de Bacharelado e Licenciatura MEC 2010. \* Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005 Regulamenta a **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

5 A Arqueologia é uma área que sofre constantes alterações e reformulações teórico-metodológicas. O curso precisa acompanhar as novas tendências sem deixar de discutir os aspectos históricos de construção do pensamento arqueológico.

- Período de funcionamento: diurno;
- Integralização: de quatro anos (mínimo) a seis anos (máximo);
- Definição de princípios norteadores do currículo, sobre os quais estão fundamentadas todas as disciplinas do Curso;
- Instituição da estrutura curricular por semestre acadêmico, levando o aluno a matricular-se em todas as disciplinas do semestre curricular e assim propiciar condições concretas para a integralização do Curso;
- Equilíbrio de carga horária das disciplinas curriculares predominando aquelas de 60 horas (uma das exceções refere-se ao estágio supervisionado, que terá duração de 210 horas; as outras exceções são o Seminário de Introdução ao Curso (15 h), duas disciplinas de 45h (Técnicas de Laboratório em Arqueologia I; Ecossistemas) e duas de 30h (Origem e Evolução Humana; Arqueologia e História das Primeiras sociedades);
- Definição de uma bibliografia básica e outra complementar, que expressam as obras a serem estudadas ao longo do curso, representando a literatura teórico-metodológica essencial para uma formação profissional de qualidade;
- Elaboração de monografia como exigência para a conclusão do curso, visando consolidar os estudos teóricos e investigativos realizados no decorrer do processo de formação, bem como estimular o aluno a prosseguir os estudos em nível de pós-graduação;
- Inserção do aluno no contexto da pesquisa arqueológica, onde atuará, desde o início do curso e durante toda a formação acadêmica, concretizando, dessa forma, a relação teoria-prática.

Desse modo, o profissional formado pelo curso de Arqueologia da UFPI estará capacitado para lidar com os desafios da pesquisa arqueológica, da conservação do patrimônio e da gestão de bens arqueológicos.

## 2. JUSTIFICATIVA

Desde as primeiras pesquisas arqueológicas realizadas, o estado do Piauí passou a ser conhecido como uma das regiões de ocupação humana mais antiga entre as já identificadas no continente americano.

Novas e numerosas informações foram sendo obtidas ao longo dos anos, de tal forma que se têm hoje neste Estado uma das maiores concentrações de sítios arqueológicos já cadastrados no Brasil.

Tendo em vista a imensa riqueza de material disponível para estudos, não só no Piauí, mas também nos Estados vizinhos, Maranhão, Pernambuco, Sergipe e Ceará, e no geral em todo o Brasil, é urgente a necessidade de formar bons profissionais, visando a preservação do patrimônio cultural e progresso das pesquisas arqueológicas no país.

Tendo início no ano de 2008 e com a primeira turma de concluintes em 2011.2, os dados comprovam que o curso de graduação em Arqueologia da UFPI tem sido bastante aproveitado por aqueles que o fizeram, por exemplo:

- Formaram-se, pela Universidade Federal do Piauí, 118 bacharéis em Arqueologia, sendo que 62% (sessenta e dois por cento) estão inseridos no mercado de trabalho, em instituições e/ou empresas públicas ou privadas.
- Mais de 35% (trinta e cinco por cento) dos egressos continuaram sua formação acadêmica, em nível de pós-graduação, em programas da UFPI e de outras Instituições de Ensino Superior, seja no Piauí ou em outros estados brasileiros.
- Do total de alunos que concluíram o Curso de Arqueologia da UFPI, somente 20% (vinte por cento) ainda não foram integrados a programas de pós-graduação, ou não ingressaram no mercado de trabalho exercendo a profissão de Arqueólogo.
- Além disso, as taxas de inserção no mercado de trabalho e a de continuidade da formação acadêmica evidenciam o fato de que a taxa de permanência do egresso em atividades ligadas ao patrimônio arqueológico, pesquisa, ensino e gestão é muito elevada. Tal fato evidencia também que a criação do Curso de Arqueologia tem contribuído substancialmente para a formação de quadros na Arqueologia Brasileira.

A reformulação do projeto foi motivada pelas demandas dos próprios alunos, que participaram ativamente do processo de reformulação do PPC, através de reuniões abertas a todos

os estudantes, ao Centro Acadêmico e aos egressos do curso que já participaram de processos seletivos de mestrado Brasil afora, mas também pelo ingresso de professores com áreas de conhecimento diversificadas, o que se refletiu em igual diversidade nas pesquisas realizadas por docentes e discentes do curso, exigindo assim uma grade curricular que aproveite melhor a potencialidade desses profissionais.

Soma-se a isso a necessidade de suprir exigências externas ao curso, notadamente a introdução de conhecimentos que os estudos acadêmicos internacionais e o próprio mercado de trabalho têm imposto aos profissionais frente às novas perspectivas teórico-metodológicas da Arqueologia no Brasil, área que tem sofrido ampla expansão, sobretudo nos empreendimentos que necessitam de licenciamento ambiental no país.

Esse debate gerou considerações acerca da ampliação da carga horária em disciplinas de caráter profissionalizante e de formação teórica. Em decorrência disso houve o acréscimo de 255 (duzentas e cinquenta e cinco) horas nas disciplinas obrigatórias, e uma redução de 240 para 120 (cento e vinte) horas nas disciplinas optativas. Tais mudanças são explicitadas nos pontos enumerados a seguir:

- 1) Três disciplinas anteriormente consideradas optativas (Arqueologia Pública, Arqueologia e Museus e Teoria e Métodos em Arqueologia), todas com 60 (sessenta) horas, passaram a constar no quadro das disciplinas obrigatórias (conforme se vê no Quadro III), acrescendo-se, assim, um total de 180 (cento e oitenta) horas nesta categoria e reduzindo-se 120 (cento e vinte) horas, na carga horária das disciplinas optativas;
- 2) Em virtude de demandas teóricas, práticas e da alteração da legislação arqueológica, foram criadas cinco novas disciplinas obrigatórias: Arqueologia e Ciências Naturais, Patrimônio Cultural e Legislação, Arqueologia Latino-Americana, Técnicas de Laboratório em Arqueologia II e Introdução à Bioarqueologia. A disciplina Arqueologia e Ciências Naturais foi criada devido à necessidade de uma base introdutória nestas ciências.
- 3) A disciplina Patrimônio Cultural e Legislação, anteriormente dividida em dois Seminários de 15 (quinze) horas cada (Seminário de Legislação do Patrimônio Cultural e Seminário de Legislação ambiental), que perfaziam um total de 30 (trinta) horas, ganhou mais 30 (trinta), o que a dota de uma carga horária de 60 (sessenta) horas, permanecendo com a mesma denominação e fundindo o conteúdo. Em virtude de demandas teóricas da Arqueologia, foi criada a disciplina Arqueologia

Latino-americana, de conteúdo teórico-crítico, também de 60 horas. A antiga disciplina Técnicas de Laboratório em Arqueologia foi desdobrada em duas, passando uma a chamar-se Técnicas de Laboratório em Arqueologia I (equivalente à antiga), e a outra (nova) Técnicas de Laboratório em Arqueologia II, de 60 (sessenta) horas (ver quadro I); ressalte-se que a criação da disciplina Técnicas de Laboratório em Arqueologia II deveu-se à necessidade de cobrir conteúdos de prática não alcançados anteriormente pela disciplina Técnicas de Laboratório em Arqueologia, no antigo projeto. A disciplina Introdução à Bioarqueologia foi criada em virtude de fazer parte de um *corpus* analítico próprio que se desenvolveu na Arqueologia nos últimos anos, com abordagem teórico-metodológica própria e distinta, tanto do enfoque exclusivamente arqueológico quanto do exclusivamente biológico, e tendo em vista que a única disciplina oferecida na atual grade curricular, Anatomia Humana, não atendia à necessidade básica de formação para a análise bioarqueológica, nem em termos de conteúdo programático, nem em termos de enfoque e abordagem teórico-metodológica.

A alteração no nome da disciplina Prática de Conservação de Arte Rupestre para Práticas de Conservação, bem como a redução na carga horária de 120 horas para 60 horas, se deu em razão da necessidade dos discentes adquirirem conhecimentos de conservação de diversos materiais (tecidos, papéis, louça, cerâmica, etc.) e não apenas de manifestações rupestres. A carga horária da disciplina foi alterada em virtude da diminuição das aulas práticas, já que o curso não tem mais por escopo a formação de arqueólogos conservadores, e sim, arqueólogos de formação geral.

Na presente proposta de reformulação foram acrescentadas ainda 283 horas de Atividades Curriculares de Extensão, atendendo à legislação vigente.

O número de créditos máximo por semestre foi ampliado, para que se pudesse enquadrar o novo perfil de disciplinas, tendo passado de 30 (trinta) para 32 (trinta e dois) créditos.

A carga horária, após os acréscimos, se coaduna com o atual corpo docente, sendo este suficiente para o desenvolvimento de todos os componentes curriculares. O Quadro I mostra as alterações de carga horária das disciplinas do curso.

Sendo assim, houve um acréscimo de 135 (cento e trinta e cinco) horas na carga horária total do curso, que passa a ser de 2.835 horas, sem as Atividades Curriculares de Extensão, cuja carga horária é de 283 horas. Quando estas são contabilizadas, os acréscimos somam 418 horas e a carga

horária total do curso, incluindo a extensão, passa para 2.835 horas.

#### QUADRO I. ALTERAÇÕES NA CARGA HORÁRIA

PPC 2011		PPC 2019	
Disciplinas obrigatórias	2.130 h	Disciplinas obrigatórias	2.100 h
Estágio supervisionado	210 h	Estágio supervisionado	210 h
Disciplinas Optativas	240 h	Disciplinas Optativas	120 h
Atividades complementares	120 h	Atividades complementares	120 h
<b>Carga horária total do curso</b>	<b>2.700 h</b>	<b>Carga horária total do curso</b>	<b>2.835 h</b>
		Atividades curriculares de extensão	285 h
Carga horária total do curso	2.700 h	<b>Carga horária total do curso</b>	2.835 h

Um leque de disciplinas optativas foi criado, para dar oportunidade de escolha ao aluno, que precisa cumprir 120 horas nesta modalidade, oferecendo-lhe amplas possibilidades de aprimoramento: “Etnografia e História Oral”, “Tópicos em Cultura Material”, “Desenho aplicado à Paleontologia”, “Processamento de Dados em Arqueometria”, “Arqueologia e as interfaces entre o Xamanismo e a Mitologia e Introdução à Antropologia Funerária”.

O Quadro II apresenta as disciplinas do antigo Projeto Pedagógico do Curso e suas **EQUIVALENTES** na nova matriz curricular, assim como as novas disciplinas, criadas para se adequarem ao contexto atual da Ciência Arqueológica. Algumas sofreram alterações na nomenclatura e concomitantemente uma atualização dos referenciais bibliográficos.



**QUADRO II. DISCIPLINAS EQUIVALENTES NAS DUAS MATRIZES CURRICULARES**

<b>MATRIZ CURRICULAR 2 (atual)</b>					<b>NOVA MATRIZ CURRICULAR</b>				
SEMESTRE	DISCIPLINA	CÓDIGO	CRÉDITOS	C. H.	SEMESTRE	DISCIPLINA	CÓDIGO	CRÉDITOS	C. H.
1	Seminário I: Introdução ao Curso	CGP0001	1.0.0	15	1	Seminário de Introdução ao Curso	CGP0001	1.0.0	15
1	Arqueologia I	CGP0002	4.0.0	60	1	Introdução ao Pensamento Arqueológico		4.0.0	60
1	Antropologia I	DCS0223	4.0.0	60	1	Arqueologia e Ciências Sociais		4.0.0	60
2	Arqueologia II	CGP0007	4.0.0	60	1	Arqueologia e História das Primeiras Sociedades		4.0.0	30
1	Origem e Evolução Humana	CGP0004	4.0.0	60	1	Origem e Evolução Humana		4.0.0	30
1	Introdução à Metodologia Científica	DFI0254	4.0.0	60	1	Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica		4.0.0	60
-	Sem equivalência				1	Arqueologia e Ciências Naturais		4.0.0	60
-	Sem equivalência				1	Patrimônio Cultural e Legislação		4.0.0	60
4	Seminário III: Legislação do Patrimônio Cultural	CGP0015	1.0.0	15		Sem equivalência			
5	Seminário IV: Legislação Ambiental	CGP0021	1.0.0	15		Sem equivalência			
2	Seminário II: Tópicos em Ciências Exatas	CGP0005	1.0.0	15		Sem equivalência			
4	Técnicas de Laboratório em Arqueologia	CGP0019	1.3.0	60	2	Técnicas de Laboratório em Arqueologia I		2.1.0	45
Optativa	Teoria e Métodos em Arqueologia	CGP0040	4.0.0	60	2	Teoria e Métodos em Arqueologia	CGP0040	4.0.0	60
2	Antropologia II	DCS0224	4.0.0	60	2	Arqueologia e Ciências Humanas		4.0.0	60
3	Arqueologia Americana	CGP0014	4.0.0	60	2	Arqueologia das Américas		4.0.0	60
3	Estatística Aplicada à Arqueologia	CGB0070	4.0.0	60	2	Amostragem e Tratamento de Dados Arqueológicos		3.1.0	60
4	Arte Rupestre I	CGP0020	2.2.0	60	2	Arte Rupestre I		4.0.0	60
3	Fundamentos de Geologia do Quaternário	CGP0012	4.0.0	60	2	Geologia Geral do Quaternário		3.1.0	60
6	Teoria do Trabalho de Campo	CGP 0027	2.2.0	60	3	Técnicas de Trabalho de Campo I		1.3.0	60
-	Sem equivalência				3	Técnicas de Laboratório em Arqueologia II		1.3.0	60

1	Teoria da Conservação	CGP0027	2.2.0	60	3	Teoria da Conservação		4.0.0	60
-	Sem equivalência				3	Arqueologia Latino-Americana		4.0.0	60
2	Arqueometria	CGP0006	2.2.0	60	3	Arqueometria	CGP0006	2.2.0	60
4	Geomorfologia	CGP0018	2.2.0	60	3	Geomorfologia	CGP0018	2.2.0	60
6	Anatomia Animal	DMV0003	2.2.0	60	3	Anatomia de Vertebrados para Arqueologia		2.2.0	60
3	História da América Portuguesa	CGP0011	4.0.0	60	4	História da América Portuguesa	CGP0011	4.0.0	60
6	Arqueologia Histórica	CGP0029	4.0.0	60	4	Arqueologia Histórica	CGP0029	4.0.0	60
2	Ecosistemas	CGP0009	2.2.0	60	4	Ecosistemas		2.1.0	45
4	Arqueologia Brasileira	CGP0016	4.0.0	60	4	Arqueologia Brasileira	CGP0016	4.0.0	60
5	Arte Rupestre II	CGP0024	2.2.0	60	4	Arte Rupestre II	CGP0024	2.2.0	60
2	Geoarqueologia	CGP0008	2.2.0	60	4	Geoarqueologia	CGP0008	2.2.0	60
3	Tópicos em Zooarqueologia	CGP0010	4.0.0	60	4	Zooarqueologia		2.2.0	60
4	História dos Índios no Brasil	CGP0017	4.0.0	60	5	História dos Povos Indígenas no Brasil		4.0.0	60
	Sem equivalência				5	Técnicas de Trabalho de Campo II		1.3.0	60
6	Técnicas de Levantamento de Sítios Arqueológicos e da Cultura Imaterial	CGP0026	1.1.0	30		Sem equivalência			
3	Filosofia e Ética	CGP0013	4.0.0	60	5	Arqueologia e Ética		4.0.0	60
6	Cartografia	CCGO0278	2.2.0	60	5	Mapeamento Arqueológico		2.2.0	60
	Sem equivalência				5	Introdução à Bioarqueologia		2.2.0	60
5	Anatomia Humana - Arqueologia	DMO0015	2.2.0	60		Sem equivalência			
8	Prática de Conservação de Arte Rupestre	CGP0050	2.6.0	120	5	Práticas de Conservação		1.3.0	60
5	História do Piauí	CGP0023	4.0.0	60	6	História do Piauí	CGP0023	4.0.0	60
5	Monografia I	CGP0025	4.0.0	60	6	Monografia I	CGP0025	4.0.0	60
6	Desenho Técnico do Material Arqueológico	CGP0030	2.2.0	60	6	Desenho Técnico de Material Arqueológico		1.3.0	60
Optativa	Arqueologia e Museus	CGP0046		60	6	Arqueologia em Museus		2.2.0	60
5	Paleontologia Geral	CGP0022	4.0.0	60	6	Paleontologia Geral		3.1.0	60
7	Estágio Supervisionado	CGP0049	0.0.14	210	7	Estágio Supervisionado	CGP0049	0.0.14	210
Optativa	Arqueologia Pública	CGP0043	3.1.0	60	8	Arqueologia Pública	CGP0043	3.1.0	60
8	Monografia II	CGP0033	4.0.0	60	8	Monografia II	CGP0033	4.0.0	60

### QUADRO III. DISCIPLINAS QUE SOFRERAM ALTERAÇÃO PASSANDO DE OPTATIVAS PARA OBRIGATÓRIAS

Disciplinas Optativas Matriz Curricular 2 (atual)	Créditos	C.H	Disciplinas Obrigatórias Nova Matriz Curricular	Créditos	C.H
Arqueologia e Museus	4.0.0	60	Arqueologia em Museus	2.2.0	60
Arqueologia Pública	4.0.0	60	Arqueologia Pública	3.1.0	60
Teoria e Métodos em Arqueologia	4.0.0	60	Teoria e Métodos em Arqueologia	4.0.0	60

### QUADRO IV. DISCIPLINAS QUE FORAM CRIADAS COMO OBRIGATÓRIAS

Disciplinas Novas Obrigatórias	Créditos	C.H
Arqueologia Latino-Americana	4.0.0	60
Técnicas de Laboratório em Arqueologia II	1.3.0	60
Arqueologia e Ciências Naturais	4.0.0	60
Patrimônio Cultural e Legislação	4.0.0	60
Introdução à Bioarqueologia	3.1.0	60

### QUADRO V. DISCIPLINAS QUE FORAM CRIADAS COMO OPTATIVAS

Disciplinas Novas Optativas	Créditos	C.H
Etnografia e História Oral	4.0.0	60
Tópicos em Cultura Material	3.1.0	60
Desenho Aplicado à Paleontologia	4.0.0	60
Processamento de dados em Arqueometria	0.4.0	60
Arqueologia e as Interfaces entre o Xamanismo e a Mitologia	2.2.0	60
Introdução à Antropologia Funerária	4.0.0	60

As mudanças nas disciplinas ora propostas são necessárias para a melhoria do processo ensino/aprendizagem no âmbito do bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, frente às novas demandas da Ciência, em termos acadêmicos e profissionais. O quadro II das **Disciplinas Equivalentes** indica as disciplinas que mudaram de nome, tiveram os referenciais bibliográficos atualizados e/ou carga horária modificada, mas poderão, contudo, ser aproveitadas como disciplinas equivalentes por aqueles discentes que desejarem realizar a migração curricular,

pois possuem conteúdo com pelo menos 75% de equivalência com relação às disciplinas antigas.

Não haverá impedimento para os alunos que desejarem migrar para a nova matriz curricular, independente do período que estejam cursando no currículo antigo. O aluno interessado na migração fará a solicitação à instância competente (DAA), devendo o Colegiado do Curso, analisar e emitir parecer para cada caso.

Com o rearranjo das disciplinas, especificamente nos primeiros semestres do curso, as modificações nas ementas e na carga horária de algumas, será necessário realizar a oferta paralela das duas matrizes curriculares, a fim de que os alunos que não desejarem realizar a transição para a matriz curricular nova possam concluir seus estudos na matriz curricular 2. Os ingressantes de 2020.1 já entrarão direto no novo Projeto Pedagógico do Curso (matriz curricular III).

### 3. PRINCÍPIOS CURRICULARES NORTEADORES

O currículo de um curso representa o conjunto de atividades, de experiências, de situações de ensino-aprendizagem a serem vivenciadas pelo aluno durante a sua formação. É o currículo que assegura a formação para uma competente atuação profissional. Assim, as atividades desenvolvidas devem articular harmoniosamente as dimensões: humana, técnica, político-social e ética.

Portanto deve-se, no decorrer do curso de Arqueologia, considerar os seguintes princípios:

- **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão** – este princípio demonstra que o ensino superior deve ser compreendido como espaço de produção do saber, por meio da centralidade da investigação como processo de formação, para que se possa compreender fenômenos, relações e movimentos de diferentes realidades, promovendo o repasse posterior do conhecimento resultante para a sociedade.
- **Formação profissional para a cidadania** – a UFPI tem o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, a fim de que o profissional, por meio do questionamento permanente dos fatos, possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.
- **Interdisciplinaridade** – este princípio demonstra que a integração disciplinar possibilita a análise dos objetos de estudo sob diversos olhares.
- **Relação orgânica entre teoria e prática** – todo o conteúdo curricular do curso de Arqueologia deve fundamentar-se na articulação teoria-prática, essencial ao processo de ensino-aprendizagem. Adotando este princípio, a prática estará presente na maioria das disciplinas do curso, permitindo o desenvolvimento de habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.
- **Flexibilidade** – o curso de Arqueologia, por sua característica interdisciplinar, possui um corpo docente diverso, que possibilita ao educando flexibilizar suas investigações e práticas acadêmicas, se inserindo em projetos de pesquisa que lhes permitem participação ativa no cotidiano profissional, além de adquirir experiência frente às demandas sociais. Disciplinas optativas, que abrangem conteúdos das diversas áreas arqueológicas, serão ofertadas todos os períodos, sendo que os alunos devem escolher obrigatoriamente pelo menos duas, no decorrer do curso, mas podem cursar quantas desejarem.

#### **4. OBJETIVO**

Formar profissionais éticos, reflexivos e atuantes em Arqueologia, portadores de conhecimentos interdisciplinares que contemplem conteúdos teóricos, práticos e profissionais de diversos campos das Ciências Humanas, Biológicas, Exatas e da Terra.

## 5. ACESSO AO CURSO

De acordo com as Normas de Funcionamento dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Piauí, homologadas em 2012, a admissão aos cursos de graduação integrantes do quadro desta instituição se fará através de duas formas de ingresso: o de natureza regular e o de natureza especial.

Conforme estabelece o artigo 139 das Normas acima referidas, entre as formas regulares destaca-se o ingresso através do SISU (Sistema de Seleção Unificado do MEC). Quando definido pelo CEPEX como processo de seleção ordinário para ingresso na UFPI, será realizado com periodicidade (anual ou semestral) definida pelo próprio CEPEX, sendo coordenado pelo Ministério da Educação (MEC), com normas especificamente aprovadas pelo CEPEX e válidas apenas para o processo seletivo do ano ou semestre em referência.

Além da forma *regular* de ingresso ao Curso de Graduação em Arqueologia, por meio do SISU, através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), acima referida, são admitidas ainda outras formas de ingresso regular, sendo essas as seguintes: transferência ex-ofício; transferência voluntária; reingresso automático; ingresso para portadores de curso superior; remoção; reintegração; outras, definidas mediante convênio ou determinadas por lei.

O ingresso sob a forma *especial* é definido por meio de convênios firmados entre a UFPI e instituições nacionais ou estrangeiras, ou em legislação federal, sem a necessidade de participação em processo seletivo na UFPI. É o caso, por exemplo, do aluno (a) na condição de "mobilidade nacional ou internacional". O ingresso como "aluno especial" dispensa, da mesma forma, a realização de processo seletivo, permitindo-se, neste caso, a matrícula em disciplinas isoladas de graduação, em períodos letivos regulares.

Há apenas um período de ingresso regular ao curso de Graduação em Arqueologia, que dispõe de 40 vagas, e sempre ocorre no primeiro semestre letivo de cada ano.

## 6. INFRAESTRUTURA DO CURSO

O demonstrativo da área geral construída da UFPI, por Campi, antes e durante a vigência do PDI 2010-2014, evidencia a grande expansão da infraestrutura física da Instituição, na última década. No início do último quinquênio (2010) a área total edificada era de 9.209,96 m<sup>2</sup>. Em julho de 2014 a PREUNI contabilizou a área edificada em 90.508,00 m<sup>2</sup>, com uma ampliação de mais de 900%. Todos os Campi cresceram em áreas edificadas. Esta expansão se deu tanto em termos de unidades administrativas, quanto de salas de aula, laboratórios e outros cenários de prática.

Merece destaque a construção do Cine Teatro, inaugurado em 28.09.2010, que é um espaço adequado para conferências, exibição de filmes, peças de teatro e apresentações culturais, sobretudo as que envolvem um grande número de componentes, como O Coral da UFPI, a Orquestra de cordas de UFPI e os Grupos de Dança vinculados à CACC/PREX. O próprio Museu de Arqueologia e Paleontologia teve seu prédio construído entre 2010 e 2012, abrigando tanto uma exposição permanente, quanto reserva técnica, auditório e as dependências do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica.

O Curso de Graduação em Arqueologia da UFPI possui os seguintes laboratórios:

I - Laboratórios de Arqueologia e Estudos de Tecnologias. As atividades desenvolvidas nestes laboratórios destinam-se às análises de cultura material por meio do entendimento da relação entre as técnicas de produção, uso e descarte dos artefatos e seus significados culturais nas diferentes populações. Dentre as atividades desenvolvidas estão o tratamento laboratorial e estudo de materiais lítico, cerâmicos, louças, vidros, metais, madeira, etc. Os alunos de graduação e pós-graduação desenvolvem atividades de arqueologia experimental, reproduzindo cadeias-operatórias de artefatos líticos e cerâmicos, o que permite um melhor entendimento das técnicas produtivas, o que vem ajudando na interpretação das coleções estudadas nos projetos de TCC e dissertações de mestrado. Estes laboratórios são equipados com dois computadores, 1 microscópio, 2 lupas, 10 paquímetros.

II - Laboratórios de Arqueometria e Arte Rupestre, reservados para a realização de exames e análises químicas e mineralógicas de materiais arqueológicos e atividades relacionadas com a arte rupestre. Estes laboratórios são equipados com: 2 estereomicroscópios; 1 medidor de pH; 1 espectrômetro Mössbauer miniaturizado (MIMOS II) com geometria de retroespalhamento de radiação gama, equipamento portátil utilizado na análise de superfícies e filmes, sobremaneira apropriado para análises *in situ*; 1 microscópio digital portátil USB (com lentes de aumento de até 400x).



III - Laboratórios de Paleontologia e Bioarqueologia dedicam-se ao estudo dos restos biológicos desde os provenientes de contextos arqueológicos, representados por material vegetal e faunístico (osteológico, malacológico, coprólitos, entomológico, etc) humano e não humano, até as evidências paleontológicas que por sua antiguidade já completaram a transição da biosfera para a litosfera, parcial ou completamente. São atividades desenvolvidas nestes espaços: tratamento laboratorial e estudo de materiais bioarqueológicos e paleontológicos; guarda de uma coleção de referência osteológica da fauna, em constante ampliação com novos exemplares a cada semestre e treinamento de alunos da graduação e pós-graduação na prática laboratorial com restos biológicos e paleontológicos. Estes laboratórios são equipados com: 4 microscópios estereoscópicos, 4 computadores, 1 capela exaustora, 1 cortadora de rocha Stihl, sistema de ar comprimido com 1 compressor de ar Schulz, 5hp, 175 psi, 300 litros e 5 micro-britadeiras pneumáticas.

O setor de Arqueologia da UFPI conta ainda com mais três laboratórios compartilhados com o Curso de Graduação em Ciências da Natureza, nomeadamente os laboratórios de Química, de Física e de Biologia.

Na Universidade Federal do Piauí, os docentes do Curso de Graduação em Arqueologia têm acesso também aos seguintes espaços, sobretudo aos laboratórios:

a) Laboratório Interdisciplinar de Materiais Avançados - LIMAV: Com 280 m<sup>2</sup>, contendo laboratório de síntese, Laboratório de tratamento térmico (para síntese e sinterização dos materiais), Laboratório de Difração e Fluorescência de Raios X, Laboratório de Análise térmica, laboratório de Espectroscopia óptica e vibracional, laboratório de filmes finos, laboratório de argilas, almoxarifado, salas de professores, salas de pesquisadores, laboratório de informática para alunos (contendo 7 (sete) computadores), cantina e sala de apoio. Os laboratórios estão munidos de espectrômetros UV/VIS, Raman e de infravermelho, Análise Térmica TG/DSC/DTA acoplado a um espectrômetro de massas, Difrátômetro de Raios X, Espectrômetro de Fluorescência de Raios X, Reômetro e analisador de área superficial (BET).

b) Laboratório do Grupo de Materiais e de Nanobiotecnologia da UFPI: Com aproximadamente 250 m<sup>2</sup>, contendo 1 (um) laboratório de síntese de materiais, 1 (um) laboratório de caracterização ótica, 1 (um) laboratório de microscopia e espectroscopia, 1 (um) laboratório de caracterização elétrica, 1 (um) almoxarifado, 1 (uma) sala de professores e pesquisadores, 1 (um) laboratório de informática para alunos contendo 10 (dez) computadores. Os laboratórios estão munidos de Impedancímetro, Eletrometros, Criostato (dedo frio), DMA (análise mecânica-dinâmica), metalizadora de alto vácuo, Espectrômetro no infravermelho FT-IR completo (DRS, ATR, dois detectores, bomba de purga e acessórios), Espectrofluorímetro (NIR-VIS), Espectrômetro UV-Vis portátil mini USB,

Modulador fotoelástico, Monocromador com fonte de luz, Cuba de Langmuir, Microscópio AFM-RAMAN e Elipsômetro.

c) Laboratório de Análise de Combustíveis LAPETRO, com área de 329 m<sup>2</sup>, que dispõe de equipamentos para diferentes tipos de análise, como cromatografia líquida e gasosa, espectrômetro de absorção atômica, analisador de Enxofre Horiba, analisador portátil mod. Fox, tipo FT-IR, condutivímetro, pHmetro, densímetro, ponto de fulgor Herzog, HFP 380, colorímetro Koehler, balança analítica, estufas, sistema de purificação de água Milli-Q, bomba de pressurização para sistema de purificação de água, aparelho de deposição de metais, prensa, colorímetro 220/240V 50/60Hz, voltímetro, balanças e destilador de água, análise térmica TGA 2950 Termogravimetric Analyzer, aparelho DSC, aspectômetro de absorção atômica, banho digital de alta temperatura, viscosímetro, banho de ultrason. cromatógrafos a gás acoplado a espectrômetro de massas (GCMS), detector Eletroquímico (HPLC), câmara das bombas, unidade de gaseificação, câmara da coluna (CTO 10A VP), detector ultravioleta (HPLC), detector do índice de refração (HPLC), sistema controlador e GCMS QP 5050A EI-CJ (11SV).

d) O Curso de Graduação em Arqueologia da UFPI conta ainda com o Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP), criado pela Dra. Niède Guidon, no início da década de 1980, na época voltado para a realização de pesquisas arqueológicas no Sudeste do Piauí, tendo mais tarde ampliado seu espectro de abrangência para englobar todo o estado. Hoje o NAP possui sob sua guarda um considerável acervo arqueológico, o qual é inventariado e analisado pelos alunos da graduação e da Pós-graduação em Arqueologia da UFPI. Desde a década de 1990 o NAP é responsável pelo levantamento geral, cadastramento e pesquisas arqueológicas de sítios arqueológicos em todo o território piauiense e foi através dele que surgiram tanto o Curso de Graduação em Arqueologia quanto o Curso de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPI.

e) O Curso de Graduação em Arqueologia da UFPI atua junto ao Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (MAP/UFPI), criado em 2012, como um museu universitário de caráter interdisciplinar, vinculado à Reitoria, como Órgão Suplementar desta, cujos conselheiros são em sua maioria membros do corpo docente da Graduação em Arqueologia. Desde sua criação, trabalha com arqueologia, paleontologia e ciências afins, por meio de exposições temáticas, além de atuar como local de pesquisa e guarda de acervo. Com o objetivo de potencializar a interação da sociedade com a produção técnica, científica e cultural da UFPI, o MAP consolida sua proposta de articulação entre os diferentes saberes e disciplinas, possibilitando a construção do conhecimento dentro do seu espaço. A sua estrutura conta também com auditório e área educativa, espaços utilizados para a realização de atividades como cursos, palestras e oficinas. Os educadores

do MAP atendem estudantes, professores e o público em geral em visitas mediadas para a apresentação da exposição e dos laboratórios de pesquisa do curso de Arqueologia (programação especial), além de promover atividades educativas no fim de cada visita.

### *RECURSOS DE INFORMÁTICA*

As instalações em que o Curso de Graduação em Arqueologia funciona estão interligadas com cabo de fibra ótica ao Núcleo de Tecnologia da Informação da UFPI, o que permite maior velocidade de acesso. Conta-se também com acesso Wireless nas dependências do prédio. Para dar suporte a todos os pontos disponíveis estão instaladas 02 (dois) switches com capacidade total de 120 pontos. Todas as salas de aula contam com projetores datashow.

Os estudantes podem ainda ter acesso à infraestrutura dos Laboratórios de Informática dos Centros de Ciências Humanas e Letras, Ciências da Natureza, Ciências Agrárias, Tecnologia e o Laboratório de Ensino à Distância (LED), equipado este com 18 computadores e aparelho Tandberg, que permite a realização de vídeo conferências, aproximando assim o programa de outros centros.

Toda a administração de dados na UFPI atualmente está sendo efetivada pelo Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), utilizado na gestão das inscrições, no processo seletivo, ofertas de disciplinas, matrículas no curso e em disciplinas, trancamentos, aproveitamento de disciplinas, digitação de notas, cadastro de bancas de qualificação e de defesa de dissertação, emissão de memorandos, saída e entrada de processos, etc. No caso do Mestrado, as informações administrativas e acadêmicas do curso são todas geridas neste sistema desde 2012. Neste ponto cabe a sugestão de que a Plataforma Sucupira permita, no futuro, a integração com os sistemas SIG, já que ambos os sistemas são desenvolvidos pela UFRN. Isso ajudaria em muito a carga de dados com relação a docentes, discentes, trabalhos de conclusão, entre outros.

Os discentes e docentes do Curso de Graduação em Arqueologia da UFPI têm acesso a computadores nos três laboratórios, bem como na Secretaria do referido Curso de Graduação, onde também existe uma impressora de livre acesso. Além disso, no mesmo prédio, há um Laboratório de Informática para uso compartilhado com os alunos do Curso de Estatística, estruturado com 30 computadores.

### *BIBLIOTECAS*

O Curso de Graduação em Arqueologia conta com uma importante biblioteca ( Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castelo Branco ) da UFPI e algumas bibliotecas menores: Setorial do CCN, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Núcleo de Antropologia

Pré-Histórica (NAP), da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), da Fundação Estadual Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí (CEPRO), do Núcleo de Estudos do Piauí, do Instituto Dom Barreto e a do Arquivo Público do Estado do Piauí.

*- Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco*

A Biblioteca Comunitária da UFPI dispõe de 70.798 títulos e 205.198 exemplares de livros (sendo 27.213 títulos e 87.937 exemplares em Bibliotecas Setoriais do Campus de Teresina e dos campi do interior do estado do Piauí), dos quais 12.385 títulos e 29.999 exemplares são da área de Ciências Humanas. A Biblioteca conta com 2.143 títulos e 57.274 fascículos de periódicos nacionais e internacionais, dos quais 590 títulos de periódicos são da área de Ciências Humanas.

É importante destacar que a Universidade Federal do Piauí disponibiliza acesso ao Portal de Periódicos da CAPES a todos os seus alunos, professores, servidores e visitantes desde que conectados à rede da UFPI. Graduandos e docentes também podem acessar fora do ambiente da UFPI, mediante liberação junto ao setor de tecnologia da informação.

Espaço físico da Biblioteca Central:

Acervo 1.296,82 m<sup>2</sup>

Leitura e Consulta 1.671,80 m<sup>2</sup>

Serviço ao Público 137,19 m<sup>2</sup>

Serviço Técnico 266,10 m<sup>2</sup>

Outros Fins 1.022,10 m<sup>2</sup>

Área Total 4.194,81 m<sup>2</sup>

A Biblioteca Central é estruturada com:

03 Salões de Estudos com 770 lugares, assim distribuídos:

307 Cabines individuais;

155 Cabines para NOTEBOOKS;

01 Mesa com 10 Lugares;

47 Mesas com 04 Lugares;

55 Mesas com 02 Lugares;

01 Sala de Projeção com 80 Lugares;

01 Sala de Xadrez com 06 Mesas;

09 Salas de Grupos, cada sala com 10 Lugares;

01 Laboratório para Deficientes Visuais;

Quadro de funcionários:

14 Bibliotecários

01 Técnico em Assuntos Educacionais

01 Economista

14 Assistentes em Administração

01 Encadernador

01 Operador de Máquina Fotocopiadora

01 Contínuo

01 Porteiro

01 Copeira

22 Colaboradores Terceirizados

02 Bolsistas da Informática

*A Biblioteca do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-PI)*

Além de grande parceiro para atividades de pesquisa, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) conta, na sede de sua 19ª Superintendência, com um acervo de livros e periódicos para consulta pública, estimado em 3.500 títulos, relativo sobretudo às áreas de Arqueologia e Patrimônio, marcando a forte prioridade que o órgão federal vem dando ao desenvolvimento de parcerias para a realização de pesquisas nessas áreas, relacionadas à preservação do patrimônio cultural, ao conhecimento e conservação do patrimônio arqueológico e, também, à elaboração de atividades de educação patrimonial.

*As Bibliotecas da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) e do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP)*

O acervo da Biblioteca da Fundação Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato, conta com mais de 5.000 títulos da área de Arqueologia e correlatas, tratando das mais diversas temáticas. O Núcleo de Antropologia Pré-Histórica, na UFPI, em Teresina, conta com cerca de 1.000 volumes, os quais enfocam, sobretudo, temas relativos à Arqueologia. Recentemente a Biblioteca do NAP recebeu a doação dos valiosos acervos da reconhecida antropóloga Vilma Chiara e das arqueólogas Ana Clélia Barradas Correia e Jacionira Coêlho Silva, o que deve triplicar o seu volume geral de obras raras e específicas sobre Arqueologia.

#### *A Biblioteca da Fundação CEPRO*

Órgão de administração indireta do estado do Piauí, criado em 1971, a CEPRO tem promovido pesquisas e a publicação de trabalhos sobre a realidade sócio-econômica piauiense, em particular excelentes indicadores sociais de uso cotidiano de discentes da UFPI. A biblioteca conserva um acervo importante sobre o Piauí e constitui referência não só para estudantes como também para pesquisadores, estimado em 5.000 títulos.

#### *A Biblioteca do Núcleo de Estudos do Piauí (Instituto Dom Barreto)*

O Instituto Dom Barreto, instituição de ensino secundário da rede privada, sediada em Teresina, montou, na década de 1990, o Núcleo de Estudos do Piauí, que conta atualmente com cerca de 5.000 títulos, relativos à evolução sócio-econômica do Estado e aos povos que aqui viveram.

#### *A Biblioteca do Arquivo Público do Estado do Piauí*

O arquivo público do Piauí, fundado em 1909, é depositário de uma rica fonte de materiais sobre a história do Estado, recolhida e preservada ao longo de décadas. Tais documentos se constituem em uma importante fonte de investigação, sobretudo de Arqueologia Histórica para pesquisadores do Curso de Graduação em Arqueologia da UFPI. O Arquivo conta com Documentação Oficial, uma Hemeroteca, uma Fototeca, uma Biblioteca e uma Fonoteca.

#### *Portal de Periódicos da CAPES*

Oferece acesso aos textos completos de artigos de mais de 36 mil títulos de revistas internacionais e nacionais, e 130 bases de dados com resumos de documentos em todas as áreas do conhecimento. Inclui também uma seleção de importantes fontes de informação acadêmica com acesso gratuito na Internet. O uso do Portal é livre e gratuito para os usuários das instituições participantes. O acesso é realizado a partir de qualquer terminal ligado à Internet, localizado na instituição.

#### **OUTRAS INFORMAÇÕES**

O Curso de Graduação da UFPI conta ainda com vários espaços para finalidades diversas:

- 1 sala para a secretaria
- 1 sala para a coordenação
- 1 sala de estudos para os discentes
- 1 espaço de convivência comum

1 cantina

6 conjuntos de banheiros

7 salas de aula

19 salas para professores permanentes (as salas são individuais)

1 auditório para realização de Exames de Qualificação, Defesas de Dissertação de Mestrado e para Apresentações de Seminários.

1 Museu, com áreas de exposições e reserva técnica

3 Laboratórios de ensino e pesquisa

## 7. PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

A intenção da presente proposta pedagógica é proporcionar vivências teóricas e profissionais relacionadas ao exercício do trabalho em Arqueologia, qualificando o egresso nas funções que compõem sua área de atuação: tratamento do material arqueológico: limpeza, identificação, registro e acondicionamento; análises técnicas e tecnológicas da cultura material desenvolvidas em laboratório; pesquisa documental e/ou de fontes, realizada em acervos de variadas matizes; gestão e socialização dos bens arqueológicos em instituições públicas, privadas ou em ONGs. Além disso, essa formação foi pensada no sentido de proporcionar ao cidadão egresso do curso, a análise da prática arqueológica dentro de uma discussão ética, levando em consideração os vários interesses e conjunturas que estão presentes na vida do arqueólogo.

A concepção do perfil proposto para o profissional de Arqueologia fundamenta-se na necessidade de possuir sólida formação técnica e teórica, humanista e cultural, em consonância com as premissas e demandas internacionais, nacionais, regionais e locais, que expressam as necessidades socioculturais, políticas, ambientais e econômicas para a área de Arqueologia no Estado do Piauí e no Brasil.

Desta forma, busca-se contribuir para que o egresso do Curso de Graduação em Arqueologia da UFPI possa se inserir em um mercado de trabalho em crescente expansão, acompanhando o processo de crescimento econômico e político do país, através de sua absorção, também, por empresas, projetos ou outros trabalhos, no campo do licenciamento ambiental; da mesma maneira, procura-se possibilitar a inserção de arqueólogos formados na UFPI em cargos técnicos, em instituições públicas ou do terceiro setor; ou, ainda, consoante formação posterior em nível de pós-graduação *stricto sensu*, na carreira do magistério superior, em instituições de ensino públicas ou privadas, que sejam dotadas de cursos de arqueologia ou de áreas correlatas, tais como: antropologia, ciências sociais, e história.

A formação do egresso fundamenta-se no desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes imprescindíveis ao exercício da referida atividade profissional, a saber:

### **Competências e habilidades**

- Conhecer, sob o ponto de vista teórico e metodológico, a ciência Arqueologia, inclusive no que diz respeito à vinculação com os demais campos do saber, possibilitando ainda a integração entre saber acadêmico e exercício profissional.



- Compreender e avaliar criticamente os aspectos socioculturais, tecnológicos, ambientais, políticos e éticos relacionados à aplicação dos princípios da arqueologia.
- Elaborar e executar projetos de pesquisa e de socialização do patrimônio arqueológico.
- Desenvolver habilidades inerentes ao trabalho arqueológico, tanto nas pesquisas de campo quanto nas de laboratório. Essas habilidades incluem: procura, localização, mapeamento e registro documental dos sítios; intervenções arqueológicas; elaboração de sínteses, relatórios e textos científicos para divulgação e gestão do patrimônio cultural.

### **Atitudes**

- Ter atitude crítica em relação aos conteúdos conceituais e procedimentais aprendidos, analisando-os acuradamente, a fim de aplicá-los com eficácia.
- Refletir de forma crítica e ética sobre a sua prática de pesquisa e atuação nos diferentes setores da arqueologia.
- Ser proativo e saber trabalhar em equipe.
- Respeitar a liberdade de expressão e a diversidade cultural existente na sociedade em que vivemos.
- Atuar de forma colaborativa junto às comunidades envolvidas com a gestão do patrimônio arqueológico.

## 8. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

### 8.1. ESTRUTURA CURRICULAR

#### TERCEIRO CURRÍCULO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

##### PREVISÃO PARA ENTRADA EM VIGOR: 2020.1

CURRÍCULO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA - Proposta de reformulação				
DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS, OPTATIVAS E ESTAGIO SUPERVISIONADO: DISTRIBUIÇÃO POR SEMESTRE.				
1º SEMESTRE				
CENTRO DEPTO.	DISCIPLINAS	CRÉDITOS		C. H. TOTAL
		TEORIA	PRÁTICA	
CCN/Arqueologia	Seminário de Introdução ao Curso	1	0	15
CCN/Arqueologia	Introdução ao Pensamento Arqueológico	4	0	60
CCN/Arqueologia	Arqueologia e Ciências Sociais	4	0	60
CCN/Arqueologia	Origem e Evolução Humana	2	0	30
CCN/Arqueologia	Arqueologia e História das Primeiras Sociedades	2	0	30
CCN/Arqueologia	Arqueologia e Ciências Naturais	4	0	60
CCN/Arqueologia	Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica	4	0	60
CCN/Arqueologia	Patrimônio Cultural e Legislação	4	0	60
	<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>0</b>	<b>375</b>
2º SEMESTRE				
CENTRO DEPTO.	DISCIPLINAS	CRÉDITOS		C. H. TOTAL
		TEORIA	PRÁTICA	
CCN/Arqueologia	Técnicas de Laboratório em Arqueologia I	2	1	45
CCN/Arqueologia	Teorias e Métodos em Arqueologia	4	0	60
CCN/Arqueologia	Arqueologia e Ciências Humanas	4	0	60
CCN/Arqueologia	Arqueologia das Américas	4	0	60
CCN/Arqueologia	Arte Rupestre I	4	0	60
CCN/Arqueologia	Geologia Geral e do	3	1	60

	Quaternário			
CCN/Arqueologia	Amostragem e Tratamento de Dados Arqueológicos	3	1	60
	<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>3</b>	<b>405</b>
<b>3º SEMESTRE</b>				
CENTRO DEPTO.	DISCIPLINAS	CRÉDITOS		
		TEORIA	PRÁTICA	C. H. TOTAL
CCN/Arqueologia	Técnicas de Laboratório em Arqueologia II	1	3	60
CCN/Arqueologia	Técnicas de Trabalho de Campo I	1	3	60
CCN/Arqueologia	Arqueologia Latino-Americana	4	0	60
CCN/Arqueologia	Teoria da Conservação	4	0	60
CCN/Arqueologia	Geomorfologia	2	2	60
CCN/Arqueologia	Arqueometria	2	2	60
CCN/Arqueologia	Anatomia de Vertebrados para a Arqueologia	2	2	60
	<b>TOTAL</b>	<b>16</b>	<b>12</b>	<b>420</b>

<b>4º SEMESTRE</b>				
CENTRO DEPTO.	DISCIPLINAS	CRÉDITOS		
		TEORIA	PRÁTICA	C. H. TOTAL
CCN/Arqueologia	História da América Portuguesa	4	0	60
CCN/Arqueologia	Arqueologia Brasileira	4	0	60
CCN/Arqueologia	Arte Rupestre II	2	2	60
CCN/Arqueologia	Arqueologia Histórica	4	0	60
CCN/Arqueologia	Ecosistemas	2	1	45
CCN/Arqueologia	Geoarqueologia	2	2	60
CCN/Arqueologia	Zooarqueologia	2	2	60
	<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>7</b>	<b>405</b>

<b>5º SEMESTRE</b>				
CENTRO DEPTO.	DISCIPLINAS	CRÉDITOS		
		TEORIA	PRÁTICA	C. H. TOTAL
CCN/Arqueologia	História dos Povos Indígenas no Brasil	4	0	60
CCN/Arqueologia	Técnicas de Trabalho de Campo II	1	3	60
CCN/Arqueologia	Práticas de Conservação	1	3	60
CCN/Arqueologia	Arqueologia e Ética	4	0	60
CCN/Arqueologia	Introdução à Bioarqueologia	2	2	60
CCN/Arqueologia	Mapeamento Arqueológico	2	2	60
CCN/Arqueologia	Optativa	NA	NA	60
	<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>10</b>	<b>420</b>

<b>6º SEMESTRE</b>		
CENTRO	DISCIPLINAS	CRÉDITOS

DEPTO.		TEORIA	PRÁTICA	C. H. TOTAL
CCN/Arqueologia	História do Piauí	4	0	60
CCN/Arqueologia	Monografia I	4	0	60
CCN/Arqueologia	Paleontologia Geral	3	1	60
CCN/Arqueologia	Desenho Técnico de Material Arqueológico	1	3	60
CCN/Arqueologia	Arqueologia em Museus	2	2	60
CCN/Arqueologia/outro	Optativa	NA	NA	60
	<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>360</b>

7º SEMESTRE					
CENTRO DEPTO.	DISCIPLINAS	CRÉDITOS			C. H. TOTAL
		TEORIA	PRÁTICA	ESTÁGIO	
CCN/Arqueologia	Estágio Supervisionado	0	0	14	210
	<b>TOTAL</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>14</b>	<b>210</b>

8º SEMESTRE					
CENTRO DEPTO.	DISCIPLINAS	CRÉDITOS			C. H. TOTAL
		TEORIA	PRÁTICA	C. H. TOTAL	
CCN/Arqueologia	Monografia II	4	0	60	
CCN/Arqueologia	Arqueologia Pública	3	1	60	
	<b>TOTAL</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>120</b>	

<b>CARGA HORÁRIA OBRIGATÓRIA</b>	<b>2.100 h</b>
<b>CARGA HORÁRIA OPTATIVA</b>	<b>120h</b>
<b>CARGA HORÁRIA DE ESTÁGIO</b>	<b>210h</b>
<b>ATIVIDADES COMPLEMENTARES CONF. RESOLUÇÃO 177/2012</b>	<b>120h</b>
	<b>2550h</b>
<b>ATIVIDADES CURRICULARES DE EXTENSÃO</b>	<b>285h</b>
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO</b>	<b>2.835h</b>

## 8.2. APOIO AO DISCENTE

O apoio ao discente se fará por meio das seguintes estratégias:

- Realização de seminários para complementação de conteúdos, conforme a demanda dos alunos.
- Criação do Núcleo de Apoio ao Discente, com horário de atendimento semanal a ser feito por técnicos e professores do curso.
- Aproveitamento de ações diversas oferecidas pela PRAEC tais como: bolsas e benefícios estudantis destinados exclusivamente a estudantes em situação de vulnerabilidade

socioeconômica; serviço social, responsável pelo planejamento de ações de assistência estudantil com o objetivo de melhorar o desempenho acadêmico dos estudantes; serviço de apoio psicológico, visando a resolução de problemas psicossociais; apoio à representação estudantil; serviço odontológico e serviço oferecido pelo Restaurante Universitário como uma forma de acesso a uma alimentação nutritiva e balanceada.

### 8.3. ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

O aluno, ao matricular-se na Instituição, recebe um número de matrícula sequencial que será utilizado durante toda a sua vida acadêmica, inclusive quando caracterizar-se como egresso.

Para assuntos acadêmicos (acompanhamento de notas, frequências, matrículas, etc.), os alunos podem ser atendidos pessoalmente na Coordenação do Curso e na Diretoria de Administração Acadêmica. Além do atendimento pessoal, os alunos podem consultar e acompanhar sua vida acadêmica por via eletrônica, através do sítio [www.ufpi.br](http://www.ufpi.br). O atendimento à comunidade acadêmica busca responder às necessidades dos diversos segmentos universitários.

As notas dos rendimentos obtidos nas disciplinas e atividades acadêmicas são computadas semestralmente, e as frequências no encerramento da planilha de registro de atividades acadêmicas.

Com as estatísticas semestrais disponíveis on-line é possível à instituição acompanhar a situação acadêmica dos alunos, como matrícula, rendimento escolar, trancamento, transferência, evasão, etc.

### 8.4. Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC)

A matriz curricular é constituída também pelas **Atividades Acadêmico-Científico-Culturais** (AACC), que permitem, no âmbito do currículo, a articulação entre teoria e prática, e a complementação, por parte do aluno, dos saberes e habilidades necessárias à sua formação. Estas **atividades complementares** poderão ser realizadas a partir do primeiro semestre letivo do curso, devendo perfazer um total mínimo de 120 horas. Conforme a Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPEX/UFPI n° 177/2012 da Universidade Federal do Piauí, serão consideradas como atividades complementares as listadas no quadro a seguir:

## QUADRO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

### **I - Atividades de iniciação à docência e à pesquisa**

- Exercício de monitoria;
- Participação em pesquisa e projetos institucionais;
- Participação em grupos de estudo/pesquisa sob supervisão de professores e/ou alunos dos Cursos de Mestrado e/ou Doutorado da UFPI.

### **II - Atividades de participação e/ou organização de eventos gerais**

- Congressos;
- Seminários;
- Conferências;
- Palestras;
- Fóruns;
- Semanas acadêmicas (participação e organização).

### **III - Experiências profissionais e/ou complementares**

- Realização de estágios não obrigatórios cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão;
- Realização de estágios em Empresa Júnior/Incubadora de Empresas;
- Participação em projetos sociais governamentais e não governamentais;
- Participação em programas de bolsa da UFPI.

### **IV - Publicações e prêmios**

- Trabalhos publicados em revistas indexadas, jornais e anais;
- Apresentação de trabalhos em eventos científicos;
- Aprovação ou premiação em concursos.

### **V - Atividades de extensão**

- Cursos à distância;
- Estudos realizados em programas de extensão;
- Participação em projetos de extensão.

### **VI - Vivências de gestão**

- Participação em órgãos colegiados da UFPI;
- Participação em comitês ou comissões de trabalho na UFPI, não relacionados a eventos;
- Participação em entidades estudantis da UFPI como membro de diretoria.

### **VII - Atividades artístico-culturais e esportivas e produções técnico-científicas**

- Participação em grupos de arte, tais como: teatro, dança, coral, poesia, música;
- Produção ou elaboração de vídeos, softwares, exposições e programas radiofônicos.

### **VIII - Disciplina optativa ofertada por outro Curso desta Instituição ou por outras Instituições de Educação Superior**

### **IX - Estágio não obrigatório, diferenciado do estágio supervisionado.**

## X - Visitas técnicas

O **Anexo A** disponibiliza para consulta o Quadro de Atividades Complementares, em que se estabelece a pontuação mínima e máxima de cada atividade, a fim de orientar o cômputo das mesmas e o registro no Histórico Escolar.

Cada aluno deverá registrar as atividades no sistema eletrônico disponibilizado pela UFPI no link (<http://atividades.ufpi.br/>), nos períodos específicos divulgados pela PREG, e apresentar na Coordenação do Curso de Graduação em Arqueologia a documentação comprobatória (certificados, declarações e outros, conforme orienta o **Anexo A**). Serão computadas 120 horas de AACC, ou o equivalente a 8 créditos.

### 8.5. FLUXOGRAMA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre	7º Semestre	8º Semestre	
Seminário de Introdução ao Curso 1.0.0 / 15h Núcleo C	Técnicas de Lab. em Arqueologia I 2.1.0 / 45h Núcleo P	Técnicas de Lab. em Arqueologia II 1.3.0 / 60h Núcleo P	História da América Portuguesa 4.0.0 / 60h Núcleo C	História dos Povos Indíg. no Brasil 4.0.0 / 60h Núcleo C	História do Piauí 4.0.0 / 60h Núcleo C	Estágio Supervisionado 0.0.14 / 210h Núcleo P	Arqueologia Pública 3.1.0 / 60h Núcleo C	
Introdução ao Pensamento Arqueológico 4.0.0 / 60h Núcleo B	Teoria e Métodos em Arqueologia 4.0.0 / 60h Núcleo B	Técnicas de Trabalho de Campo I 1.3.0 / 60h Núcleo P	Arqueologia Histórica 4.0.0 / 60h Núcleo B	Técnicas de Trabalho de Campo II 1.3.0 / 60h Núcleo P	Monografia I 4.0.0 / 60h Núcleo C		Monografia II 4.0.0 / 60h Núcleo C	
Arqueologia e Ciências Sociais 4.0.0 / 60h Núcleo B	Arqueologia e Ciências Humanas 4.0.0 / 60h Núcleo B	Teoria da Conservação 4.0.0 / 60h Núcleo C	Ecosistemas 2.1.0 / 45h Núcleo C	Práticas de Conservação 1.3.0 / 60h Núcleo P	Desenho Téc. de Material Arqueológico 1.3.0 / 60h Núcleo P			
Origem e Evolução Humana 2.0.0 / 30h Núcleo B	Arqueologia das Américas 4.0.0 / 60h Núcleo B	Arqueologia Latino-americana 4.0.0 / 60h Núcleo B	Arqueologia Brasileira 4.0.0 / 60h Núcleo B	Introdução à Bio-arqueologia 2.2.0 / 60h Núcleo C	Arqueologia em Museus 2.2.0 / 60h Núcleo C			
Arqueologia e História das Prim. Sociedades 2.0.0 / 30h Núcleo B	Arte Rupestre I 4.0.0 / 60h Núcleo B	Arqueometria 2.2.0 / 60h Núcleo P	Arte Rupestre II 2.2.0 / 60h Núcleo B	Mapeamento Arqueológico 2.2.0 / 60h Núcleo P	Paleontologia Geral 3.1.0 / 60h Núcleo C			
Arqueologia e Ciên. Naturais 4.0.0 / 60h Núcleo C	Geologia Geral e do 3.1.0 / 60h Núcleo B	Geomorfologia 2.2.0 / 60h Núcleo C	Geoarqueologia 2.2.0 / 60h Núcleo C	Arqueologia e Ética 4.0.0 / 60h Núcleo B	Optativa 60h Núcleo C			
Iniciação à Pesq. Cien. e Arqueológica 4.0.0 / 60h Núcleo B	Amostragem e Tratamento de Dados 3.1.0 / 60h Núcleo P	Anatomia de Vertebrados para 2.2.0 / 60h Núcleo C	Zoarqueologia 2.2.0 / 60h Núcleo B	Optativa 60h Núcleo C				
Patrimônio Cultural e Legislação 4.0.0 / 60h Núcleo B						Núcleo B - Disciplinas Básicas	Núcleo C - Disciplinas Complementares	Núcleo P - Disciplinas Profissionalizantes

## **8.6. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

A extensão universitária deve ser inserida nos currículos de graduação em no mínimo 10% (dez por cento) da carga horária total, segundo a Lei Federal Nº10. 172/2001, que estabelece a Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nº9. 394/1996, tendo sido prorrogada a adequação desta medida nos currículos até 2024 pela Lei Federal Nº 13.005/2014. A Universidade Federal do Piauí regulamentou as atividades de extensão como componente obrigatório dos cursos de graduação, através da Resolução nº 053/2019.

O Curso de Graduação em Arqueologia comprometido com a cultura e a valorização dos bens culturais busca, cada vez mais intensificar, na formação do arqueólogo, sua interação com as comunidades detentoras destes bens, para, numa parceria profícua, desenvolverem ações e políticas que garantam às novas gerações o acesso ao conhecimento e ao patrimônio cultural dos antepassados.

Faz parte do escopo do curso a execução de projetos nos quais se realiza atividades de socialização do patrimônio e educação, envolvendo escolas públicas e privadas, assim como comunidades em geral. Tais ações são empreendidas no âmbito do Museu de Arqueologia e Paleontologia, assim como nas próprias comunidades, através dos projetos de extensão desenvolvidos pelo corpo docente do curso. Dentre as atividades que são realizadas: palestras e oficinas de sensibilização nas escolas com o objetivo de esclarecer e divulgar a importância dos estudos e da pesquisa arqueológica na sociedade atual; visitas guiadas e exibição de vídeos para alunos e professores das escolas públicas; palestras, oficinas e outras práticas junto às comunidades. Todas estas atividades estarão inseridas nos programas e projetos de extensão desenvolvidos no âmbito do curso e devidamente cadastrados na PREXC-UFPI.

A extensão será implementada no curso de Arqueologia a partir do 2º semestre de 2020, conforme Resolução 53/2019, que regulamenta a extensão na UFPI. No 1º semestre serão elaborados projetos para submissão a cadastro na PREXC-UFPI, conforme eixos temáticos pertinentes à formação em Arqueologia. Assim, no primeiro período do curso não será exigido que o aluno desenvolvam atividades de extensão, entretanto se desejar participar em alguma atividade, programa ou projeto de extensão, não lhe será negado esta possibilidade.

## **8.7. Estágio Supervisionado**



Ao ingressar no sétimo semestre letivo do curso os alunos deverão realizar o **Estágio Supervisionado**, com carga horária total de 210 horas, podendo o mesmo ser realizado em dependências da UFPI como, por exemplo, Museu de Arqueologia e Paleontologia, Núcleo de Antropologia Pré-histórica, Laboratório de Química Analítica, Laboratório de Arqueologia e Estudos de Tecnologias, Laboratório de Arte Rupestre e Arqueometria, Laboratório de Paleontologia e Ambientes Costeiros, Núcleos e laboratórios ligados aos diversos cursos afins desde que tenham supervisores na área de Arqueologia, ou em instituições e/ou empresas públicas ou privadas conveniadas, desde que atendendo ao disposto na resolução nº 177/12 CEPEX/UFPI.

O Estágio Supervisionado contará, obrigatoriamente, com uma Coordenação de Estágio Supervisionado, exercida por um coordenador eleito entre os docentes orientadores; e um supervisor de estágio do quadro das instituições ou empresas conveniadas, com formação ou experiência comprovada na área de formação do curso. A carga horária do estágio curricular supervisionado atinge 7,77% da carga horária total do Curso de Arqueologia da UFPI e inclui atividades relacionadas ao exercício profissional, podendo incluir tanto as atividades em campo (prospecção, escavação e conservação de arte rupestre) quanto as de laboratório e de gestão de bens arqueológicos.

O Estágio Supervisionado segue as exigências legais em relação às diretrizes curriculares do MEC (2001), o Regimento Geral da UFPI e a normatização específica do âmbito acadêmico da UFPI. De acordo com tais documentos, o estágio é uma das atividades constantes no currículo pleno que tem por finalidade a preparação dos educando para o trabalho produtivo.

Através do Estágio Supervisionado o aluno tem contato com diversas dimensões do trabalho inerente à sua profissão e a oportunidade de vivenciar situações reais a serem enfrentadas em sua futura vida profissional, observando, participando, interagindo e criticando, de forma construtiva.

A prática de Estágio Supervisionado em Arqueologia acontecerá no sétimo semestre do curso, visando consolidar a formação acadêmica, proporcionar integração teoria-prática e favorecer o desenvolvimento das habilidades do futuro profissional.

A Coordenação de Estágio tem a responsabilidade de oferecer possibilidades de estágio em diferentes campos de atuação, tanto na UFPI como fora dela, mediante o estabelecimento de convênios com instituições públicas e/ou privadas. Os locais de estágio devem ter profissionais com formação ou experiência na área do curso e oferecer condições adequadas ao bom desenvolvimento do estágio.

Os alunos receberão orientação individual e o seu desempenho será avaliado pelo docente-

orientador e pelo supervisor de estágio da instituição ou empresa conveniada quanto aos aspectos experimentais-práticos, éticos e humanos. O aluno deverá apresentar, ao final dessa atividade, um relatório detalhado sobre o estágio desenvolvido.

OBS: O Regimento do Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado do Curso de Arqueologia encontra-se no apêndice I, deste documento.

### **8.8. Trabalho de Conclusão de Curso**

Reconhecendo a importância dos paradigmas da pedagogia moderna e atendendo às orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MEC, 1996) este projeto contempla, na matriz curricular do Curso de Arqueologia, o Trabalho de Conclusão de Curso (integralizado nas disciplinas Monografia I e Monografia II), com o objetivo de oferecer aos alunos a oportunidade de articular o conhecimento adquirido e construído ao longo do curso em torno de um tema organizador, como também estimular a iniciação científica. O regulamento e as orientações relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso estão descrito no apêndice II, deste documento.

## 9. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### a) Da postura do professor

A grade curricular do curso de Arqueologia da UFPI é composta por disciplinas teóricas, obrigatórias, que enfatizam conteúdos conceituais e informativos; disciplinas práticas, que introduzem o discente na pesquisa e no fazer arqueológico, possibilitando o contato com o campo e o laboratório; estágio obrigatório e disciplinas optativas, que exigirão posturas éticas, teóricas e práticas, frente à realidade e atividades complementares, cuja função é enriquecer a formação do estudante, dentro da visão interdisciplinar característica da Arqueologia.

Ao ministrar sua disciplina, cada professor fornecerá bibliografia básica e atualizada, e as atividades devem visar a preparação do profissional para atuar em contextos diversos, tanto no âmbito da pesquisa quanto de órgãos públicos ou instituições privadas nos quais o arqueólogo possa ter assento e contribuir, de forma significativa, para a ampliação do conhecimento e a preservação/conservação dos bens culturais e sítios arqueológicos em geral. Neste sentido deve sempre procurar interligar teoria e prática, conhecimento sistematizado e ação profissional.

Os professores utilizarão além do espaço da sala de aula, os espaços como laboratório de informática, para atividades do curso na própria instituição que garanta formação articulada com o campo de trabalho e responda às exigências da atualidade, incluindo-se neste particular o contexto das novas tecnologias da comunicação e da informação, com o intuito de proporcionar a estudante o uso competente das tecnologias para aprimoramento da prática profissional e sua ampliação na formação cultural. Com atenção especial a relação ensino e as novas tecnologias, pois a relação entre tecnologia e Arqueologia necessita de movimento interdisciplinar que possibilite pensá-la ao longo de todo o curso, como conceito e como prática.

Seguindo o princípio acima, o professor deve procurar aplicar atividades que deem oportunidade de diálogo com o aluno e permitam sua participação ativa, facultando-lhe manifestar atitude crítica, inclusive relativa à postura docente.

A assistência do professor deve priorizar a necessidade de rompimento de barreiras de cunho pedagógico, por parte do discente, a fim de que ele alcance a competência exigida em sua formação.

### b) Da postura do aluno

A aprendizagem é geralmente um processo lento e depende quase que exclusivamente do interessado. A presença do professor serve para orientar, apontar caminhos, motivar, mediar e

sugerir aprofundamentos. Porém, ninguém pode aprender pelo aluno. Logo, cabe a este procurar acompanhar o processo de ensino, agindo sempre no sentido de ampliar seu aprendizado, adotando para isso atitudes responsáveis, sobretudo no cumprimento das atividades curriculares que a ele são apresentadas; deve demonstrar comprometimento e adotar uma postura de pesquisador, condição exigida de um bacharel nesta área, sendo assim responsável por sua própria formação profissional, no sentido de buscar autonomia intelectual como pré-requisito para a autonomia profissional. A sua participação em projetos de pesquisa (IC, ICV, PIBIC...) e de Monitoria é recomendada, para que se ampliem as oportunidades de vivenciar situações de produção técnico-científica, de gestão e prática de docência, bem como para permitir o contato do estudante com a realidade social, cultural e econômica da sociedade, o que se refletirá no seu aprimoramento pessoal e profissional.

## **10. SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO**

### **10.1. AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL**

O processo de autoavaliação institucional é efetivado pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), a qual publica relatórios de autoavaliação que contemplam as dez dimensões do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES anualmente no sistema E-MEC.

A metodologia da autoavaliação da UFPI baseia-se nos princípios de: adesão voluntária, avaliação total e coletiva, unidade de linguagem e competência técnico-metodológica, sendo realizada pela CPA com o apoio da Diretoria de Governança (DGOV), obedecendo às normas propostas pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES.

No âmbito do Curso de Arqueologia, são utilizadas metodologias e critérios para o acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, em consonância com o sistema de avaliação e a dinâmica curricular definida pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UFPI e aprovada pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPEX), embasados nos referenciais de qualidade para os cursos de graduação.

A abordagem pedagógica do curso pressupõe o aluno como construtor de seu conhecimento e da sua história, buscando a necessária relação entre a teoria e a prática. Desde o início do curso, os discentes têm oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas que os estimulam a: ler e interpretar textos; analisar e criticar informações; extrair conclusões por indução e/ou dedução; estabelecer relações, comparações e contrastes em diferentes situações; detectar contradições; fazer escolhas valorativas avaliando consequências; questionar a realidade e argumentar coerentemente, de forma a proporcionar-lhes competências e habilidades para propor ações de intervenção e soluções para situações-problema; elaborar perspectivas integradoras, sínteses e, também, administrar conflitos dentro da temática pertinente ao Curso.

### **10.2. PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO CURSO**

Durante a execução do currículo ocorrerá, ao final de cada semestre, uma avaliação, a ser realizada através de consultas a professores e alunos, as quais serão analisadas e discutidas em reuniões pedagógicas.

Após a conclusão da 1ª turma do novo plano pedagógico, pretende-se implantar um sistema de acompanhamento do egresso, através da aplicação de questionários, usando para isto meios

eletrônicos com o objetivo de verificar a inserção do profissional no mercado de trabalho ou o prosseguimento de sua formação. Em tal avaliação serão considerados os aspectos relacionados aos objetivos e perfil do profissional-arqueólogo que o curso deseja formar.

Caberá ao Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Arqueologia planejar, organizar e coordenar ações para a implantação, desenvolvimento e avaliação desse currículo, assim como sistematizar resultados e propor novos encaminhamentos.

### **10.3. PROCESSO DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS**

As avaliações deverão verificar quais conteúdos, competências e habilidades foram adquiridos/desenvolvidos pelo aluno ao longo do processo de formação. O aluno será avaliado no decorrer de cada disciplina, em conformidade com a Resolução nº 177/12 do CEPEX/UFPI (UFPI, 1995), que regulamenta a verificação do rendimento escolar. Desta forma, para efeito de registro, o número de notas parciais deverá ser proporcional à carga horária da disciplina, respeitado o mínimo de: I – 2 (duas), nas disciplinas com carga horária igual ou inferior a 45 (quarenta e cinco) horas; II – 3 (três), nas disciplinas com carga horária de 60 (sessenta) a 75 (setenta e cinco) horas; III – 4 (quatro), nas disciplinas com carga horária superior a 75 (setenta e cinco) horas. O rendimento acadêmico deve ser expresso em valores de 0 (zero) a 10 (dez), variando até a primeira casa decimal, após o arredondamento da segunda casa decimal. Será considerado “aprovado” no componente curricular o aluno que: I – obtiver frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária do componente curricular e média aritmética igual ou superior a 7 (sete) nas avaliações parciais; II – submetido ao exame final, obtiver média aritmética igual ou superior a 6 (seis), resultante da média aritmética das avaliações parciais e da nota do exame final.

Embora exista um sistema único de avaliação para a IES, em termos de períodos e notas, a avaliação dos alunos de Arqueologia se dá de forma contínua, não se limitando a instrumentos como provas e exames, mas incentivando e valorizando a realização de trabalhos teóricos e/ou práticos, seminários, provas práticas, discussão de casos, entrevistas, relatórios, etc.

Embora o desempenho do aluno seja avaliado continuamente nas disciplinas, é no Estágio Supervisionado que se verificará com mais intensidade a postura profissional, o relacionamento interpessoal, o trabalho em equipe, a participação, a organização e a responsabilidade, entre outros valores.

O curso de graduação em Arqueologia utilizará, assim, metodologias e critérios para o acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem em consonância com o sistema de

avaliação definido pela UFPI, mantendo a comunidade universitária informada sobre os resultados obtidos. Tal prática constituir-se-á em poderoso instrumental dialético de identificação de novos rumos para a prática de condutas acadêmicas e formação profissional.

## 11. CATEGORIAS DAS DISCIPLINAS

Na organização curricular estão definidas duas categorias de disciplinas, de acordo com o conteúdo: **obrigatórias e optativas**. Entre as primeiras se incluem as de **conteúdo básico**, as de **conteúdo profissional** e as de **conteúdo complementar**. A segunda categoria corresponde às **optativas**, disciplinas escolhidas pelo discente por apresentarem relação com seus anseios profissionais. Além destas, ainda compõem o quadro curricular o **estágio supervisionado** e as **atividades acadêmico-científico-culturais**.

As **disciplinas obrigatórias (de conteúdo básico, conteúdo profissional e conteúdo complementar)** destinam-se a propiciar ao aluno uma formação teórica sólida e consistente nos conteúdos da Arqueologia e das ciências afins, bem como nos conteúdos de caráter instrumental da prática arqueológica. Constituem a parte substancial do curso.

As **disciplinas optativas** destinam-se ao aprofundamento dos conteúdos próprios de um campo mais especializado da atuação do Arqueólogo, oferecendo ao aluno elementos a mais para a sua formação profissional, bem como incentivo à continuidade dos estudos em nível de pós-graduação. O aluno deverá cursar, obrigatoriamente, no mínimo 2 disciplinas optativas de sessenta (60) horas cada uma, ou seja, 120 horas no total.



## 12. QUADRO DE DISCIPLINAS

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DE CONTEÚDOS BÁSICOS – NÚCLEO B		
DISCIPLINA	SEMESTRE	CARGA HORÁRIA
Arqueologia e Ciências Sociais	1	60 h
Arqueologia e História das Primeiras Sociedades	1	30 h
Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica	1	60 h
Introdução ao Pensamento Arqueológico	1	60 h
Origem e Evolução Humana	1	30 h
Patrimônio Cultural e Legislação	1	60 h
Arqueologia das Américas	2	60 h
Arqueologia e Ciências Humanas	2	60 h
Arte Rupestre I	2	60 h
Geologia Geral e do Quaternário	2	60 h
Teoria e Métodos em Arqueologia	2	60 h
Arqueologia Latino-Americana	3	60 h
Arte Rupestre II	4	60 h
Arqueologia Brasileira	4	60 h
Arqueologia Histórica	4	60 h
Zooarqueologia	4	60 h
Arqueologia e Ética	5	60 h

<b>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DE CONTEÚDOS COMPLEMENTARES – NÚCLEO C</b>		
<b>DISCIPLINA</b>	<b>SEMESTRE</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
Seminário de Introdução ao Curso	1	15 h
Arqueologia e Ciências Naturais	1	60 h
Anatomia de Vertebrados para Arqueologia	3	60 h
Teoria da Conservação	3	60 h
Geomorfologia	3	60 h
História da América Portuguesa	4	60 h
Ecosistemas	4	45 h
Geoarqueologia	4	60 h
Introdução a Bioarqueologia	5	60 h
História dos Povos Indígenas no Brasil	5	60 h
Arqueologia e Museus	6	60 h
História do Piauí	6	60 h
Monografia I	6	60 h
Paleontologia Geral	6	60 h
Arqueologia Pública	8	60 h
Monografia II	8	60 h

<b>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DE CONTEÚDOS PROFISSIONAIS – NÚCLEO P</b>		
<b>DISCIPLINA</b>	<b>SEMESTRE</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
Amostragem e Tratamento de Dados Arqueológicos	2	60 h
Técnicas de Laboratório em Arqueologia I	2	45 h
Técnicas de Laboratório em Arqueologia II	3	60 h
Técnicas de Trabalho de Campo I	3	60 h
Arqueometria	3	60 h
Técnicas de Trabalho de Campo II	5	60 h
Práticas de Conservação	5	60 h
Mapeamento Arqueológico	5	60 h
Desenho Técnico do Material Arqueológico	6	60 h
Estágio Supervisionado	7	210 h

<b>DISCIPLINAS OPTATIVAS</b>		
<b>DISCIPLINA</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
Arqueologia e Licenciamento Ambiental	4.0.0	60 h
Arqueologia e Turismo	2.2.0	60 h
Arqueologia em Ambiente Costeiro	4.0.0	60 h
Arqueologia Subaquática	3.1.0	60 h
Estudo dos Artefatos Cerâmicos	2.2.0	60 h
Estudo dos Artefatos Líticos	2.2.0	60 h
Etnoarqueologia	4.0.0	60 h
Francês Instrumental Básico	4.0.0	60h
Etnografia e História Oral	3.1.0	60 h
Inglês instrumental Básico	4.0.0	60 h
Português I - Prática de Redação	3.1.0	60 h
Relações Étnico-Raciais Gênero e Diversidade	4.0.0	60 h
Introdução à Antropologia Funerária	4.0.0	60 h
LIBRAS – Linguagem Brasileira dos Sinais	3.1.0	60 h
Tópicos da Cultura Material	3.1.0	60h
Arqueologia e as Interfaces entre o Xamanismo e a Mitologia	2.2.0	60h
História Cultural	4.0.0	60 h
Processamento de Dados em Arqueometria	0.4.0	60h
Desenho Aplicado a Paleontologia	1.3.0	60h

## 13. EMENTÁRIO

### 13.1. DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS (DOS NÚCLEOS BÁSICO, COMPLEMENTAR E PROFISSIONALIZANTE)

#### 1º SEMESTRE

<b>Disciplina:</b> Seminário de Introdução ao Curso	<b>Código:</b> CGP0001
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 15 h	<b>Créditos:</b> 1.0.0
<b>Ementa:</b> Estrutura e funcionamento da UFPI. Apresentação do curso: Estrutura curricular, proposta pedagógica (PPC), corpo docente. A arqueologia e o arqueólogo: campo acadêmico e profissional.	
<b>Bibliografia Básica:</b>  UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. <b>Informações gerais sobre o funcionamento da UFPI.</b> Disponível em: <a href="http://www.ufpi.br">www.ufpi.br</a> .  UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Curso de Arqueologia. <b>Projeto Político Pedagógico.</b>  UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. <b>Normas de funcionamento dos cursos de graduação da Universidade Federal do Piauí.</b> Disponível em: <a href="http://www.ufpi.br/arquivos/File/normas%20da%20graduacao%20APROVADO%20CEPEX%20(2).pdf">http://www.ufpi.br/arquivos/File/normas%20da%20graduacao%20APROVADO%20CEPEX%20(2).pdf</a>	
<b>Bibliografia Complementar:</b>  MARTIN, Gabriela. <b>Pré-História do Nordeste do Brasil.</b> 3. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 1999.  PROUS, A. <b>Arqueologia Brasileira.</b> Brasília: UNB Editora, 1992.  BICHO, N. F. <b>Manual de Arqueologia Pré-histórica.</b> Lisboa, Portugal: Edições 70, 2006.  UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. <b>Regimento Geral da Universidade Federal do Piauí.</b> Disponível em: <a href="http://www.ufpi.br/arquivos/File/estatutos_e_regimentos/regimento_geral_ufpi.pdf">http://www.ufpi.br/arquivos/File/estatutos_e_regimentos/regimento_geral_ufpi.pdf</a> .  UNIVERSIDADE FEDERAL PIAUÍ. Guia do Calouro.2018. Disponível em: <a href="http://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/PREG/Guia_do_Calouro_2018-1.c20180425171719.pdf">http://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/PREG/Guia_do_Calouro_2018-1.c20180425171719.pdf</a>	

<b>Disciplina:</b> Introdução ao Pensamento Arqueológico	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Relação do colecionismo e do antiquariado moderno com as raízes da arqueologia. Estabelecimento das primeiras tipologias e cronologias na sistematização das coleções de antiguidades existentes em museus, associações de eruditos, ou sob a posse de indivíduos. Primeiras técnicas de escavação e a identificação do registro arqueológico através da estratigrafia. Principais paradigmas da arqueologia: histórico-culturalismo, processualismo e pós-processualismo.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>FUNARI, Pedro Paulo Abreu. <b>Arqueologia</b>. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>RENFREW, Colin; BAHN, Paul. <b>Arqueologia: teoria, métodos y practica</b>. Madrid: Akal Ediciones, 1993.</p> <p>TRIGGER, Bruce. <b>História do Pensamento Arqueológico</b>. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BINFORD, Lewis. Archaeology as Anthropology. <b>American Antiquity</b>. v. 8, n. 2, outubro, 1962.</p> <p>CERAM, C. W..<b>Deuses, Túmulos e Sábios: as grandes descobertas da arqueologia</b>. 21. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.</p> <p>JOHNSON, Matthew. <b>Teoría Arqueológica - Una Introducción</b>. Barcelona: Ariel S. A., 2000.</p> <p>LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. <b>Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi</b>. Ciências Humanas. v. 6, n. 1, janeiro/abril, 2011.</p> <p>WYLIE, Alison. Thinking from Things. <b>Essays in the Philosophy of Archaeology</b>. Berkeley: University of California Press, 2002.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia e Ciências Sociais	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Desenvolvimento do pensamento moderno e das ciências sociais. Positivismo; Evolucionismo; Marxismo; Estruturalismo; Pós-modernismo, Pós-colonialismo: principais autores, obras e influências teóricas nas ciências sociais. Modernidade. Diálogos entre os saberes: as ciências humanas e sociais na arqueologia.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ARON, Raymond. <b>As etapas do pensamento sociológico</b>. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.</p> <p>GIDDENS, Antony. <b>As consequências da modernidade</b>. São Paulo: UNESP, 1991.</p> <p>LEVY-STRAUSS, Claude. <b>Antropologia Estrutural</b>. São Paulo: Cosac Naif, 2008.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BURKE, Peter. <b>O que é história cultural</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.</p> <p>FOUCAULT, Michel. <b>As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas</b>. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.</p> <p>LANDER, Edgardo (org.). <b>A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas</b>. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005. Disponível em: <a href="https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf">https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf</a>.</p> <p>MORIN, Edgar. <b>Ciência com consciência</b>. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.</p> <p>NETTO, José Paulo. <b>O que é marxismo</b>. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009 (Coleção Primeiros Passos).</p>	

<b>Disciplina:</b> Origem e Evolução Humana	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 30 h	<b>Créditos:</b> 2.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>O aparecimento do ser humano na Terra: antecedentes. O processo evolutivo. Primatas e o processo de hominização. As características físicas dos primeiros homínidos e o seu registro fóssil, os australopitecinos, o gênero <i>Homo</i>, primeiros <i>Homo sapiens</i>.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>DAWKINS, Richard. <b>A grande história da evolução:</b> na trilha dos nossos ancestrais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.</p> <p>DOBZHANSKY, Theodosius Grigorievich. <b>O Homem em evolução.</b> 2ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968. 422p.</p> <p>NEVES, Walter Alves. <b>Assim Caminhou a Humanidade.</b> São Paulo, Palas Athena, 2015. 320p.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>LEAKEY, Richard. <b>A origem da espécie humana.</b> Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.</p> <p>JOHANSON, Donald; EDGARD Blake; BRILL, David. <b>From Lucy to Language.</b> New York: Simon &amp; Schuster, 2006.</p> <p>BERGER, Lee, HILTON-BARBER, Brett. <b>In the footsteps of Eve:</b> The mystery of human origins. Washington: National Geographic Society, 2000.</p> <p>BERGER, Lee; HAWKS, John. <b>Almost Human:</b> The Astonishing Tale of Homo naledi and the Discovery That Changed Our Human Story. Washington: National Geographic Society, 2017.</p> <p>STRINGER, Chris; ANDREWS, Peter. <b>The Complete World of Human Evolution.</b> Thames &amp; Hudson, 2012.</p>	



<b>Disciplina:</b> Arqueologia e História das Primeiras Sociedades	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 30 h	<b>Créditos:</b> 2.0.0
<b>Ementa:</b> Primeiros conceitos, métodos e periodizações da arqueologia e história do “Velho Mundo”. Surgimento e desenvolvimento das primeiras sociedades e civilizações no “Velho Mundo”: tecnologia, organização sociocultural e econômica.	
<b>Bibliografia Básica:</b> CHILDE, Gordon V. <b>A Evolução cultural do Homem</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1986. LEAKEY, Richard; LEWIN, Roger. <b>O povo do lago: o homem – suas origens, natureza e futuro</b> . 2.ed. Brasília: UNB, 1996. OLSON, Steve. <b>A história da humanidade</b> . Rio de Janeiro: Campus, 2003.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> FOLEY, Robert. <b>Os humanos antes da humanidade</b> . São Paulo: UNESP, 2003. GOWLETT, John. <b>Arqueologia das primeiras culturas</b> . Barcelona: Folio, 2007. 212p. MITHEN, Steven. <b>Pré-História da Mente</b> . São Paulo: Unesp, 2002. RIDLEY, Matt. <b>O que nos faz humanos</b> . Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004. KI-ZERBO, Joseph (ed.). <b>História geral da África I: Metodologia e pré-história da África</b> . 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <a href="http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf">http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf</a>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia e Ciências Naturais	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Átomo. Molécula. Íon. Elemento Químico. Tabela Periódica. Isótopos, isóbaros, isótonos. Substâncias Simples e Compostas. Funções Químicas. Soluções. Misturas. pH e pOH. Espectro eletromagnético. Processos nucleares. Ciclos Biogeoquímicos. Operações básicas em matemática (regra de três simples, equações). Princípios de Geometria. Teorema de Pitágoras. Cálculos de datação, por diferentes métodos.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ATKINS, Peter; JONES, Loretta. <b>Princípios da Química</b> - Questionando a vida moderna e o meio ambiente. 5. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2011.</p> <p>BRADY, James E.; HUMISTON, Gerard E. <b>Química Geral</b>. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1983. Volume 1.</p> <p>MAHAN, Bruce M.; MYERS, R. J. <b>Química</b> - Um Curso Universitário. 4. ed. São Paulo: Ed. Edgard Blucher LTDA, 1995.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BECK C. W. <b>Archaeological Chemistry</b>. Ed. American Chemical Society, Advances in Chemistry Series, 1974.</p> <p>BEDNARIK, Robert G. <b>Rock Art Science: the scientific study of paleoart</b>. New Delhi: Ed. Aryan Books International, 2007.</p> <p>BROTHWELL, D.; HIGGS E. <b>Science in Archaeology, a survey of progress and research</b>. Thames &amp; Hudson, London, 1969.</p> <p>RODNEY, Carlos Bassanezi. <b>Modelagem Matemática: Ensino e Aprendizagem</b>. Editora Contexto, 2002.</p> <p>RUSSELL, John Blair. <b>Química Geral</b>. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2008. Volumes 1 e 2.</p>	

<b>Disciplina:</b> Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<b>Ementa:</b> Conceitos de ciência e de método. Arqueologia como ciência. Procedimentos de leitura. Procedimentos de pesquisa bibliográfica: elaboração de fichamentos e resumos. Tipologia e crítica de fontes para pesquisa arqueológica. Elaboração e normatização de trabalhos científicos.	
<b>Bibliografia Básica:</b> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>NBR 14724/2011:</b> Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. Disponível em: < <a href="http://www.abnt.org.br/">http://www.abnt.org.br/</a> >. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. <b>Metodologia Científica:</b> ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis; metodologia jurídica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009. RENFREW, Colin; BAHN, Paul. <b>Arqueologia:</b> teorias, métodos y práctica. 3.ed. Madrid: Akal, 2007.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>NBR 10719/1989:</b> Apresentação de relatórios técnico-científicos. Disponível em: < <a href="http://www.abnt.org.br/">http://www.abnt.org.br/</a> >._____. <b>NBR 10520/2002:</b> Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Citações em documentos. Disponível em: < <a href="http://www.abnt.org.br/">http://www.abnt.org.br/</a> >. ECO, Humberto. <b>Como se faz uma tese.</b> 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos). GOMES, Denise Maria Cavalcante. Metodologia da pesquisa arqueológica: uma introdução. <b>Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi.</b> Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 513-516, set.-dez. 2013. Disponível em: <a href="http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n3/02.pdf">http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n3/02.pdf</a> . MICHEL, Maria Helena. <b>Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais.</b> 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. MORIN, Edgar. <b>Ciência com consciência.</b> 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.	

<b>Disciplina:</b> Patrimônio Cultural e Legislação	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Cartas Patrimoniais. A relação entre preservação patrimonial e natural e a socialização do conhecimento arqueológico através da educação. Legislação brasileira de preservação do patrimônio cultural, do patrimônio arqueológico em particular e do patrimônio natural (Constituição Federal, Leis Federais que incidem sobre patrimônio cultural e natural, Portarias e Resoluções IPHAN, IBAMA e Interministeriais). Os efeitos do tombamento e outros instrumentos legais sobre o patrimônio arqueológico. Licenciamento ambiental.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CURY, Isabele. <b>Cartas Patrimoniais</b>. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.</p> <p>FONSECA, Maria Cecília Londres. <b>O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil</b>. Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 1997.</p> <p>HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. <b>Guia prático de Educação patrimonial</b>. Brasília: IPHAN, 1999.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>GONÇALVEZ, J. Reginaldo Santos. <b>A Retórica da Perda</b>. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/IPHAN, 1996.</p> <p>LEMOS Carlos A.C. <b>O que é patrimônio histórico</b>. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.</p> <p>MAGALHÃES, Aloísio. <b>E Triunfo?</b> A questão dos Bens Culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1995.</p> <p>SOARES, A L. Ramos. <b>Educação Patrimonial: Relatos e Experiências</b>. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2003.</p> <p>INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN – Disponível em <a href="http://portal.iphan.gov.br/legislacao">http://portal.iphan.gov.br/legislacao</a></p>	

**2º SEMESTRE**

<b>Disciplina:</b> Técnicas de Laboratório em Arqueologia I	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 45 h	<b>Créditos:</b> 2.1.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>O tratamento do material arqueológico: limpeza, identificação, registro e acondicionamento. O tratamento do material arqueológico: sistemas de classificação e análise. Análises tecno-tipológicas e funcionais da cultura material: estabelecendo os parâmetros de análise.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BICHO, Nuno Ferreira. <b>Manual de Arqueologia Pré-Histórica</b>. Lisboa: Edições 70, 2006.</p> <p>DUNNEL, Robert C. <b>Classificação em Arqueologia</b>. São Paulo: EDUSP, 2006.</p> <p>RESOURCE: The Council for Museums, Archives and Libraries. <b>Conservação de Coleções</b>. São Paulo: EDUSP/Fundação Vitae, 2005. (Museologia. Roteiros Práticos; 9).</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BOTTALLO, Marilúcia. A gestão documental do patrimônio arqueológico e etnográfico. <b>Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia</b>. n. 6. São Paulo: EDUSP, 1996.</p> <p>FAGUNDES, Marcelo. O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. <b>CANIDÉ</b>. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. n. 4. Aracaju: UFS, dezembro de 2004.</p> <p>LORÊDO, Wanda M.. <b>Manual de Conservação em Arqueologia de Campo</b>. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Proteção, 1994.</p> <p>MARTINS, Dilamar Cândida et. al.. Gestão e tratamento do acervo arqueológico: rta – salas Judite Ivanir Breda. <b>Revista de Arqueologia</b>. v. 14/15. São Paulo: SAB, 2001 – 2002.</p> <p>ROUSE, Irving. The classification of artifacts in archaeology. <b>American Antiquity</b>. v. 23, n. 3, 1960.</p>	

<b>Disciplina:</b> Teorias e Métodos em Arqueologia	<b>Código:</b> CGP0040
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>História da arqueologia no Brasil: pesquisas, pesquisadores, instituições e temáticas. Sociedades ceramistas no Brasil. Caçadores, coletores, horticultores, pescadores e agricultores: espacialidade e desenvolvimento social no Brasil. Arqueologia brasileira contemporânea: debates e perspectivas.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BICHO, Nuno Ferreira. <b>Manual de Arqueologia Pré-Histórica</b>. Lisboa: Edições 70, 2006.</p> <p>REIS, José Alberione dos. <b>“Não pensa muito que dói”</b>: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Tese de Doutorado. Campinas: 2004. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em História.</p> <p>TRIGGER, Bruce. <b>História do Pensamento Arqueológico</b>. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>DUNNEL, Robert C. <b>Classificação em Arqueologia</b>. São Paulo: EDUSP, 2006.</p> <p>HODDER, Ian (Ed.). <b>Archaeological Theory Today</b>. Cambridge: Polity Press, 2001.</p> <p>RENFREW, Colin; BAHN, Paul. <b>Arqueología: teoria, métodos y practica</b>. Madrid: AkalEdiciones, 1993.</p> <p>WHEELER, Mortimer. <b>Arqueología de campo</b>. 3. reimpr. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.</p> <p>ZARANKIN, Andrés; ACUTO, Félix A. (Eds). <b>Sed non satiata. Teoria social enla Arqueologia LatinoamericanaContemporanea</b>. BuenosAires:Edicionesdel Tridente, 1999.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia e Ciências Humanas	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b> Conceitos ligados à organização cultural, social e espaço-temporal dos grupos humanos em uma visão transdisciplinar. Grupos étnicos; sinais diacríticos; etnocentrismo. Sociedade. Espaço/fronteira/território. Cultura: processos e componente culturais (costumes, valores, crenças, rituais, religião, língua, entre outros). Cultura material.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BARTH, Fredrik. <b>O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas</b> (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.</p> <p>BURKE, Peter. <b>Hibridismo Cultural</b>. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006</p> <p>MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. <b>Antropologia: uma introdução</b>. 7.ed., São Paulo: Atlas, 2010.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>FUNARI, P. P. <b>Cultura Material e Arqueologia Histórica</b> – Campinas, SP : UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.</p> <p>GEERTZ, Clifford. <b>A Interpretação das Culturas</b>. São Paulo: LTC, 1989.</p> <p>INGOLD, Tim. <b>Antropologia: para que serve?</b> Rio de Janeiro: Vozes, s/d.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. <b>O pensamento selvagem</b>. Campinas: Papyrus, 1992.</p> <p>MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. Revista de História. n. 115. 1983. Disponível em: <a href="http://www.periodicos.usp.br/revhistoria/article/view/61796/64659">http://www.periodicos.usp.br/revhistoria/article/view/61796/64659</a>.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia das Américas	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Correntes teóricas sobre a colonização pré-colombiana. Periodização da ocupação americana. Estudos sobre os povos pré-colombianos no sudoeste e nas planícies estadunidenses. Cultura, sociedade e natureza no México e na América Central. Sociedades andinas e subandinas. Revisão dos conceitos de “Terras Altas” e “Terras Baixas”.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ADOVASIO, J. M.; PAGE, J. Os primeiros americanos. Rio de Janeiro: Record, 2011.</p> <p>FIEDEL, S. Prehistoria de América. Barcelona: Critica, 1996.</p> <p>NEVES, W. A.; PILÓ, L. B. O povo de Luzia. Em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo, 2008.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>AMICO, J. C. Ciudad y territorio em los Andes. Contribuciones a la historia del urbanismo prehispánico. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006.</p> <p>DAVIES, N. Los antiguos reinos del Peru. Barcelona: Critica, 1998.</p> <p>FUNDAMENTOS – Revista da Fundação Museu do Homem Americano. São Raimundo Nonato (Piauí): Anais da Conferência Internacional sobre o povoamento das Américas, 1996.</p> <p>GENDROP, P. A civilização maia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.</p> <p>MEGGERS, B. América pré-histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.</p> <p>RENFREW, C.; BAHN, P. Arqueologia. Teoria, métodos y práctica. Madri: Akal, 1993.</p>	



<b>Disciplina:</b> Arte Rupestre I	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<b>Ementa:</b> Definição de arte rupestre e métodos de estudo. O estudo da arte rupestre ao redor do mundo: Europa, Ásia, África, América. O estudo de arte rupestre no Brasil. A classificação proposta para os sítios do Brasil e Piauí.	
<b>Bibliografia Básica:</b>  GUIDON, N. <b>As Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato</b> . Revista CLIO, Recife, n. 5, 1988. (Série Arqueológica).  MARTIN, G. <b>Pré-História do Nordeste</b> . 5. ed. Recife, UFPE. 2008.  PROUS, A. <b>Arqueologia Brasileira</b> . Brasília: UnB, 1992.	
<b>Bibliografia Complementar:</b>  BAHN, P. <b>Prehistoric Art</b> . Cambridge, Cambridge University Press. 1998.  CORREIA, A.C. <b>Engraved World: a contextual analysis of engravings and markings in South-Eastern Piaui, Brazil</b> . PhD Thesis. Newcastle University (UK), 2009.  WHITLEY, D. <b>Introduction to Rock Art Research</b> . Walnut Creek, CA: Left Coast Press, Inc. 2005.  COMERLATO, F. <b>As representações rupestres do litoral de Santa Catarina</b> . CONGRESSO DA SAB: arqueologia, patrimônio e turismo, XIII, 2005, Campo Grande (MS). Anais... Campo Grande (MS): Ed. Oeste, 2005. CD ROM.  GUIDON, N.; BUCO, C. <b>Zone 3: Brésil - Nordeste – Etats du Piaui, Pernambuco, Rio Grande do Norte et Paraíba</b> . In: ICOMOS - World Heritage Convention. (Org.) Paris, Rock Art of Latin America & the Caribbean, n. 1, p. 122-137, 2006.	

<b>Disciplina:</b> Geologia Geral e do Quaternário	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 3.1.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Estrutura da Terra e a Tectônica de Placas. O tempo geológico. Vulcanismo. Ciclo das rochas. Clima, intemperismo e erosão. Princípios de estratigrafia. Definição do Período Quaternário. As glaciações pleistocênicas e suas prováveis causas. As mudanças paleoclimáticas e suas prováveis causas. Neotectônica e tectônica quaternária. Quaternário litorâneo brasileiro. Quaternário Continental do Brasil. Ambientes cársticos.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>GROTZINGER, John; JORDAN, Tom. <b>Para entender a Terra</b>. 6ed. Porto Alegre: Bookman, 2013. 738p.</p> <p>SILVA, Cassio Roberto da. <b>Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro</b>. Rio de Janeiro: CPRM, 2008. 265p.</p> <p>SUGUIO, Kenitiro. <b>Geologia do Quaternário e mudanças ambientais</b>. São Bernardo do Campo: Oficina de Textos, 2010. 408p.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BOWEN, D. Q. <b>Quaternary Geology - A Stratigraphic Framework for Multidisciplinary Work</b>. Londres: Pergamon, 1978, 217 p.</p> <p>FLINT, R. F. <b>Glacial and Quaternary Geology</b>. Nova York: John Wiley &amp; Sons, 1971, 892 p.</p> <p>MATINI, L. et al. <b>Fundamentos e reconstrução de antigos níveis marinhos do Quaternário</b>. Boletim IG-USP, publicação Especial 4, 1986, 161 p.</p> <p>SUGUIO, Kenitiro; SUZUKI, Uko. <b>A Evolução geológica da Terra e a fragilidade da vida</b>. São Paulo: Edgard Blucher, 2003. 152p.</p> <p>VIVAS, L. (1984) <b>El Cuaternario</b>, Mérida (Venezuela), Imprenta, 266 p.</p>	

<b>Disciplina:</b> Amostragem e Tratamento de Dados Arqueológicos	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 3.1.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Definições, conceitos e princípios estatísticos. Análise exploratória de dados (distribuição de frequências, representações gráficas, medidas de tendência central, distribuição, dispersão e assimetria). Amostragem e estimação (conjunto de dados, esforço amostral, tamanho das amostras, tipos de amostragem, principais parâmetros, distribuição amostral, intervalos de confiança, precisão e exatidão).</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>TOLEDO, Geraldo Luciano; OVALLE, Ivo Izidoro. <b>Estatística básica</b>. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014.</p> <p>LEVIN, Jack. <b>Estatística aplicada a ciências humanas</b>. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1978.</p> <p>LAPPONI, Juan Carlos. <b>Estatística usando excel</b>. São Paulo: Laponi Treinamento, 2000.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>CARVALHO FILHO, Sergio de. <b>Estatística básica</b>. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.</p> <p>LEVINE, David M.; STEPHAN, David; BERENSON, Mark L. <b>Estatística: teoria e aplicações usando Microsoft Excel em português</b>. Rio de Janeiro: LTC, 2000.</p> <p>GATTI, Bernardete Angelina; FERES, Nagibe Lima. <b>Estatística básica para ciências humanas</b>. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.</p> <p>DRENNAN, R. D. <b>Statistics for Archaeologists: a common sense approach</b>. 2. ed. Berckley: Springer, 2009.</p> <p>RIBEIRO, Maria do Carmo Franco. <b>A Arqueologia e as Tecnologias de Informação</b>. Uma Proposta para o Tratamento Normalizado do Registo Arqueológico. Dissertação (Mestrado em Arqueologia – Universidade do Minho, Braga, 2001. Disponível em:  <a href="https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8603/1/TESE_MESTRADO.pdf">https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8603/1/TESE_MESTRADO.pdf</a>. Acesso em: 26 abr. 2019.</p>	

**3º SEMESTRE**

<b>Disciplina:</b> Técnicas de Laboratório em Arqueologia II	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 1.3.0
<b>Ementa:</b> Prática em análises de materiais arqueológicos pré-históricos (lítico e cerâmica), e em materiais históricos: louça e vidro.	
<b>Bibliografia Básica:</b>  BUENO, L.; ISNARDIS, A. (Orgs.). <b>Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira.</b> Belo Horizonte: Argumentum, 2007.  CHMYZ, Igor (Ed.). <b>Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica.</b> Curitiba: CEP/UFPR, 1966. (Série Manuais de Arqueologia, n. 1).  TOCHETTO, Fernanda; MEDEIROS, João Gabriel Toledo. A louça em lixeiras urbanas: reflexões sobre atributos, datações e consumo em Porto Alegre. <b>Revista de Arqueologia.</b> v. 22, n. 1, jan./jul., 2009.	
<b>Bibliografia Complementar:</b>  ALVES, Márcia A.. Estudo técnico em cerâmica do Brasil. <b>Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.</b> n. 4. São Paulo: EDUSP, 1994.  ANDREFSKY JR., William (Ed.). <b>Lithic Debitage: context, form, meaning.</b> Salt Lake City: University Of Utah Press, 2001.  LAMING-EMPERAIRE, Annette. <b>Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul.</b> Curitiba: EDUFPR, 1967.  ORTON, Clive. <b>Pottery in Archaeology.</b> Cambridge: Cambridge University Press, 1997.  PROUS, André. Os artefatos líticos: elementos descritivos classificatórios. In: <b>Arquivos do Museu de História Natural – UFMG.</b> Belo Horizonte: UFMG, v. 11, 1986/90.  ZANETTINI, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando Bava. <b>Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?</b> São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2005.	

<b>Disciplina:</b> Técnicas de Trabalho de Campo I	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 1.3.0
<b>Ementa:</b> Emprego e funcionalidade de diferentes métodos e técnicas de pesquisa arqueológica de campo: prospecção.	
<b>Bibliografia Básica:</b> BICHO, N. F. <b>Manual de arqueologia pré-histórica</b> . Lisboa: Edições 70, 2006. p. 85-185. RENFREW, C.; BAHN, P. <b>Arqueología: teoria, métodos y practica</b> . Madrid: Akal Ediciones, 1993. WHEELER, M. <b>Arqueología de campo</b> . – 3. reimpr. – Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> ARAUJO, A. G. M. <b>Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo</b> . Tese de Doutorado. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental de Arqueologia. DE BLASIS, P. A. D.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com full-coverage survey no Bairro da Serra. <b>Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP</b> . v. 5. São Paulo: USP, 1995. p. 125-143. FISH, S. K.; KOWALEWSKI, S. A. (Eds.). <b>The Archaeology of Regions. A Case for Full-Coverage Survey</b> . Washington: Smithsonian Institution Press, 1990. JOUKOWSKY, M. <b>A Complete Manual of Field Archaeology: tools and techniques of field work for archaeologists</b> . New York: Prentice-Hall Press, 1986. REDMAN, C. Multistage Fieldwork and Analytical Techniques. <b>American Antiquity</b> . 38 (1), 1973, p. 61-79.	

<b>Disciplina:</b> Teoria da Conservação	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<b>Ementa:</b> Aspectos teóricos e conceituais na abordagem do patrimônio cultural. Correntes teóricas sobre conservação, restauração, reestruturação e reconstrução do patrimônio cultural. A conservação do patrimônio arqueológico. Breve histórico sobre trabalhos de conservação arqueológica.	
<b>Bibliografia Básica:</b> BRANDI, C. <b>Teoria da restauração</b> . Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2004. 261p. IPHAN. <b>Revista do Patrimônio</b> . Rio de Janeiro, n. 33, 2007. UNESCO. <b>Cartas patrimoniais</b> . Disponível em: < <a href="http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=12024&amp;URL_DO=DO_TOPIC&amp;URL_SECTION=201.html">http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=12024&amp;URL_DO=DO_TOPIC&amp;URL_SECTION=201.html</a> >.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> CÂMARA DOS DEPUTADOS. <b>Legislação sobre Patrimônio Cultural</b> . 2. ed. 2013. Disponível em: < <a href="http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/4844">http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/4844</a> >. CHOAY, F. <b>A Alegoria do patrimônio</b> . 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2006. 282p. FONSECA, M. C. L. <b>O Patrimônio em processo</b> : trajetória da política federal de preservação no Brasil / Maria Cecília Londres Fonseca, Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 1997. GOMIDE, J. H., SILVA, P. R., BRAGA, S. M. M. <b>Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural</b> . Brasília: Ministério da Cultura. 2005. RIEGL, A. <b>O Culto Moderno dos Monumentos</b> . 1. ed. Ed. Perspectiva. 2014.	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia Latino-Americana	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Origem e desenvolvimento da arqueologia na América Latina: perspectivas teórico-metodológicas. Arqueologia social latino-americana e desdobramentos críticos. Abordagens histórico-arqueológicas sobre modos de vida nas sociedades latino-americanas.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>FUNARI, P.P.A. Teoria Arqueológica na América do Sul. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Coleção "Primeira Versão" 76), 1998, 51pp.</p> <p>POLITIS, G (ed). <b>Arqueología Latinoamericana Hoy</b>. Bogotá, Editorial del Fondo de Promoción de la Cultura, 1992.</p> <p>TANTALÉAN, Henry; AGUILAR, Miguel (compiladores). <b>La arqueología social latinoamericana: de la teoría a la praxis</b>. Bogotá: Universidad de Los Andes, 2012. Disponível em: <a href="http://laguanablanca.unca.edu.ar/assets/libro-arqueologia-social-latinoamericana.pdf">http://laguanablanca.unca.edu.ar/assets/libro-arqueologia-social-latinoamericana.pdf</a>.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ARENAS, Iraida Vargas; SANOJA, Mario. Archaeology as a social science: its expression in Latin America. In: NEVES, Eduardo G.. Changing perspectives in Amazonian archaeology. In: POLITIS, Gustavo G.; ALBERTI, Benjamin (Eds.). <b>Archaeology in Latin America</b>. 2. ed. New York: Routledge, 2005.</p> <p>GNECCO, Cristóbal; HABER, Alejandro. <b>Arqueología Suramericana – Arqueologia Sul-Americana</b>. V.4, N.1, Janeiro 2008. Disponível em: <a href="http://worldarch.org/wp-content/uploads/2008/05/RAS_4.1_2008.pdf">http://worldarch.org/wp-content/uploads/2008/05/RAS_4.1_2008.pdf</a></p> <p>GNECCO, Cristóbal. Archaeology and historical multivocality: a reflection from the Colombian multicultural context. In: POLITIS, Gustavo G.; ALBERTI, Benjamin (Eds.). <b>Archaeology in Latin America</b>. 2. ed. New York: Routledge, 2005.</p> <p>PIAZZINI, C. - Arqueología, espacio y tiempo: una mirada desde latinoamerica in: <b>Arqueología Suramericana</b> 2 (1): 3-25. 2006</p> <p>Zarankin, Andrés e Acuto, Félix A. (Eds). <b>Sed non satiata. Teoria social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporanea</b>, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, Colección Científica, 1999, 287 pp</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueometria	<b>Código:</b> CGP0006
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Definição e histórico da arqueometria. Pesquisas arqueométricas no Piauí. Coleta, acondicionamento e preparação de amostras. Métodos de datação. Técnicas de exames – uso de estereomicroscópios e de microscópios ópticos (de bancada e portáteis) na investigação de materiais arqueológicos. Técnicas de análises químico-mineralógicas [EDXRF, DRX (métodos do pó e com ângulo de incidência rasante), MEV, EDS, UV-Vis, Espectroscopia Mössbauer (nas geometrias de transmissão de raios gama e de retroespalhamento de raios gama - MIMOS, de elétrons de conversão - CEMS e de raios X de conversão - CXMS), espectroscopias atômicas, PIXE, ICP-OES, etc.]. Experimentos em campo e em laboratório.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ISKANDER, Z. A Arqueologia da África e suas técnicas – Processos de datação. In: KI-ZERBO, J. (Edit.). <b>História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África</b>. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 213-246. Disponível em: &lt;<a href="http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf">http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf</a>&gt;. Acesso em: 26 abr. 2019.</p> <p>REVISTA BRASILEIRA DE ARQUEOMETRIA, RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO. Recife: AERPA, 2006.</p> <p>SKOOG, D. A.; HOLLER, F. J.; NIEMAN, T. A. <b>Princípios de Análise Instrumental</b>. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BICHO, N. F. <b>Manual de arqueologia pré-histórica</b>. Lisboa: Edições 70, 2006.</p> <p>BRADLEY, D.; CREAGH, D. (Edit.). <b>Physical techniques in the study of art, archaeological and cultural heritage</b>. Amsterdam: Elsevier, 2006. v. 1. Disponível em: &lt;<a href="http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/1">http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/1</a>&gt;. Acesso em: 10 dez. 2014.</p> <p>CANINDÉ – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2001-. Disponível em: &lt;<a href="http://max.ufs.br/pagina/publica-es-11292.html">http://max.ufs.br/pagina/publica-es-11292.html</a>&gt;. Acesso em: 10 dez. 2014.</p> <p>CREAGH, D. C.; BRADLEY, D. A. (Edit.). <b>Physical techniques in the study of art, archaeological and cultural heritage</b>. Amsterdam: Elsevier, 2007. v. 2. Disponível em: &lt;<a href="http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/2">http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/2</a>&gt;. Acesso em: 10 dez. 2014.</p> <p>CREAGH, D. C.; BRADLEY, D. A. (Edit.). <b>Radiation in art and archeometry</b>. Amsterdam: Elsevier, 2000. Disponível em: &lt;<a href="http://www.sciencedirect.com/science/book/9780444504876">http://www.sciencedirect.com/science/book/9780444504876</a>&gt;. Acesso em: 10 dez. 2014.</p>	



<b>Disciplina:</b> Geomorfologia	<b>Código:</b> CGP0018
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Natureza da Geomorfologia. Métodos e Técnicas. Fenômenos Geomorfológicos: gênese e evolução das formas de relevo. Relevo terrestre: as grandes unidades estruturais do Globo. As formas de relevo e os tipos de estruturas no Brasil e no Piauí. Observação e análise de documentos cartográficos geomorfológicos. A inserção dos sítios arqueológicos na morfoestrutura da paisagem. O relevo e a ocupação humana nos períodos pré-históricos e históricos. Influência dos processos ambientais sobre os registros arqueológicos e reconhecimento das principais feições geomorfológicas do Piauí.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BICHO, N. F. <b>Manual de Arqueologia Pré-histórica</b>. Lisboa: Edições 70, 2006.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. <b>Geomorfologia</b>. São Paulo: Edgard Blüher, 1974.</p> <p>GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. da (org). <b>Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos</b>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>CASSETI, V. <b>Elementos de Geomorfologia</b>. Editora da UFG, Goiânia2, 1994.</p> <p>DAVIDSON, D. A. <b>Geomorphology and archaeology</b>. IN: Archaeological Geology. London, 1985.</p> <p>GUERRA, A. J. T.; BATISTA, Sandra da Cunha. (org.). <b>Geomorfologia e Meio Ambiente</b>. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1996.</p> <p>PENTEADO, M.M. <b>Fundamentos de Geomorfologia</b>. IBGE, Rio de Janeiro, 1994, 113p.</p> <p>ROSS, J. L. S. <b>Relevo Brasileiro: Uma Nova Proposta de Classificação</b>. Revista do Departamento de Geografia, 4, FFLCH/USP, São Paulo, 253 p.</p>	

<b>Disciplina:</b> Anatomia de Vertebrados para Arqueologia	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Termos e nomenclatura anatômica, planos e pontos de orientação do corpo dos vertebrados. Preservação de partes esqueléticas em sítios arqueológicos. O tegumento. O esqueleto ósseo: crânio e mandíbula, a dentição, coluna vertebral, cinturas, membros locomotores. Técnicas de maceração e conservação de material esquelético.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>AFONSO, J. (2003). Notas de apoio às aulas práticas de Osteologia da disciplina Anatomia I (texto elaborado para a disciplina Anatomia I do curso de licenciatura em Medicina Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa).</p> <p>HILDEBRAND, Milton; GOSLOW, G. E. <b>Análise da estrutura dos vertebrados</b>. 2ed. Sao Paulo: Atheneo, 2006. 637p.</p> <p>SISSON, S. e GROSSMAN, J.M. (1981). <b>Anatomia dos Animais Domésticos</b>. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>AURICCHIO, P.; SALOMAO, M. da G. (2002) Técnicas de coleta e preparação de vertebrados. 350 p. Editora: Terra Brasilis.</p> <p>DYCE, K.M, SACK, W.O. e WENSING, C.J.G. (1996). <b>Textbook of Veterinary Anatomy</b>. W.B. Saunders Company, Philadelphia, Pennsylvania, U.S.A.</p> <p>MARQUES, P. (1995). <b>Lições de Propedêutica Anatômica</b>. Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa.</p> <p>ORR, Robert T. Biologia dos vertebrados. 5ed. Sao Paulo: Roca, 1986. 508p.</p> <p>SCHALLER, O. (1992). <b>Illustrated Veterinary Anatomical Nomenclature</b>. Ferdinand EnkeVerlag, Stuttgart.</p>	

**4º SEMESTRE**

<b>Disciplina:</b> História da América Portuguesa	<b>Semestre:</b> CGP0011
<b>Departamento:</b> Arqueologia	<b>Código:</b>
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Problematicando o encontro: discursos históricos. Do escambo à escravidão: resistência e adaptação. A construção cultural e socioeconômica da colônia. Os vestígios da colonização: articulando história, cotidiano e arqueologia.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ALENCASTRO, Luiz Felipe de. <b>O trato dos viventes:</b> formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.</p> <p>CERTEAU, Michel de. <b>A escrita da história.</b> 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.</p> <p>HEMMING, John. <b>Ouro vermelho:</b> a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ABREU, J. Capistrano de. <b>Capítulos de história colonial, 1500-1800.</b> 7. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.</p> <p>BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. <b>O feudo:</b> A Casa da Torre de Garcia D'Ávila – da conquista dos sertões à independência do Brasil. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.</p> <p>GRUZINSKI, Serge. <b>A passagem do século - 1480-1520:</b> as origens da globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.</p> <p>HOLANDA, Sérgio Buarque de. <b>Caminhos e fronteiras.</b> 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.</p> <p>SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. <b>A América Latina na época colonial.</b> Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.</p> <p><b>Filme:</b></p> <p>1492 – <i>A Conquista do Paraíso</i> (1492: Conquest of Paradise, ESP/FRA/ING 1992) DIREÇÃO: Ridley Scott.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia Histórica	<b>Código:</b> CGP0029
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>A produção histórica das paisagens e a cultura material. Interfaces entre Arqueologia, História e Antropologia: abordagens da cultura material. Teoria e método em arqueologia histórica. Estudos em arqueologia histórica no Brasil.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>FUNARI, P. P.; ZARANKIN, A.; REIS, J. A. (orgs.). <b>Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)</b>. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.</p> <p>NAJJAR, Rosana. <b>Arqueologia Histórica</b>: manual. Brasília: IPHAN, 2005.</p> <p>ORSER Jr., Charles E. <b>Introdução à arqueologia histórica</b>. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. <b>CLIO – Série Arqueológica</b>. n. 8, v. 1. Recife: EDUFPE, 1993.</p> <p>LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico. <b>Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material</b>. n. 1. São Paulo: EDUSP, 1993.</p> <p>SOUTH, Stanley. Reconhecimento de padrões na arqueologia histórica. <b>VESTÍGIOS</b>. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. v. 1, n. 1, jan./jun., 2007.</p> <p>SYMANSKI, Luís Cláudio P.; SOUZA, Marcos André T. de. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. In: LIMA, Tânia A. (org.) <b>Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional</b>. n. 33, p. 215-243, 2007.</p> <p>TOCCHETO, F.; THIESEN, B. A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. <b>Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional</b>. n. 33, p. 175-199, 2007.</p>	

<b>Disciplina:</b> Ecossistemas	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 45h	<b>Créditos:</b> 2.1.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Introdução à Ecologia. Conceitos básicos de Ecossistemas, Comunidades e Populações. Identificação de Ecossistemas terrestres, dulcícolas, transicionais, marinhos e antrópicos. Ecossistemas Brasileiros. Ecossistemas do Piauí. Conceitos de Sustentabilidade. Sucessão ecológica em habitats alterados por ação humana. Planejamento e manejo de Unidades de conservação.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ESTEVES, F.A. <b>Fundamentos de limnologia</b>. Rio de Janeiro, Interciência, 1998.</p> <p>ODUM, Eugene Pleasants. <b>Fundamentos de ecologia</b>. 8ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.</p> <p>RICKLEFS, Robert E. <b>A Economia da natureza</b>. 5ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>COLINVAUX, P. <b>Ecology</b>. Editora John Wiley &amp; Sons, Inc. 1986.</p> <p>FERNANDES, A. G. &amp; BEZERRA, P. <b>Estudo fitogeográfico do Brasil</b>. Fortaleza: Stilus Comunicações, 1990.</p> <p>RIZZINI, C. T. <b>Tratado de fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos</b>. Âmbito Cultural Edições Ltda., 1997.</p> <p>RIZZINI, C. T.; COIMBRA, A. F. &amp; HOVAISS, A. <b>Ecossistemas brasileiros</b>. Rio de Janeiro: Index, 1988.</p> <p>SEMAR - Secretária de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí. <b>ZEE – Zoneamento Ecológico e Econômico do Piauí</b>. 2010.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia Brasileira	<b>Código:</b> CGP0016
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>História da arqueologia no Brasil: pesquisas, pesquisadores, instituições e temáticas. Sociedades ceramistas no Brasil. Caçadores, coletores, horticultores, pescadores e agricultores: espacialidade e desenvolvimento sociocultural no Brasil. Arqueologia brasileira contemporânea: debates e perspectivas.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>PROUS, André. <b>Arqueologia Brasileira</b>. Brasília: UNB, 1992.</p> <p>MARTIN, Gabriela. <b>Pré-História do Nordeste do Brasil</b>. 6. ed. Recife: UFPE, 2013.</p> <p>TENÓRIO, M. C. (Org.). <b>Pré-história da Terra Brasilis</b>. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. <b>Revista USP</b>. São Paulo, n.44, p.10-31, dezembro/fevereiro, 1999-2000.</p> <p>LIMA, Tania Andrade. Nos mares do sul: a pré-história do centro-meridional brasileiro. In: BANCO DO BRASIL. <b>Antes - História da Pré-História</b>. Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo: Centro Cultural do Brasil, 2004.</p> <p>NEVES, E. G. <b>Arqueologia da Amazônia</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.</p> <p>PESSIS, Anne-Marie. <b>Imagens da Pré-história</b>. São Raimundo Nonato (PI): A &amp; A Comunicação, Parque Nacional Serra da Capivara, 2003.</p> <p>REIS, José Alberione dos. <b>“Não pensa muito que dói”</b>: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Tese de Doutorado. Campinas: 2004. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em História.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arte Rupestre II	<b>Código:</b> CGP0024
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<b>Ementa:</b> A relação da arte rupestre com as novas e velhas abordagens teóricas: arqueologia da paisagem, sensorial, semiótica, xamanismo, arqueoastronomia, fenomenologia e Gestalt. Gênero e arte rupestre.	
<b>Bibliografia Básica:</b> HORTAS, A. I. <b>Entre as Pedras:</b> as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres de Diamantina, Minas Gerais. São Paulo. MAE – USP, 2009. (Tese de Doutorado). SANCHIDRIAN, J. L. <b>Manual de Arte Prehistórico.</b> Ed. Ariel Historia, 2001. SANTAELLA, Lúcia. <b>O que é semiótica.</b> São Paulo: Brasiliense, 1983.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> CRIADO-BOADO, F. <b>Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje.</b> CAPA 6. Criterios y Convenciones em Arqueología del Paisaje. Universidade de Santiago de Compostela. 1999. FLOOD, J. <b>Rock art of the dream time.</b> Sydney: Angus & Robertson, 1997. FORSSMAN, T.; GUTTERIDGE, L. <b>Bushman Rock Art.</b> Pinetown: Southbound, 2012. HAYS-GILPIN, K. A. <b>Ambiguous Images.</b> Walnut Creek. Altamira Press, 2003. MORALES JR. R. Considerations on the Art and Aesthetics of the Rock Art. In: T. Heyd and J. Clegg (ed.) <b>Aesthetics and Rock Art.</b> Aldeshot: Ashgate. 2005a.	

<b>Disciplina:</b> Geoarqueologia	<b>Código:</b> CGP0008
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Relações de convergência entre a Geociência e a Arqueologia como integrantes do espaço contextual na pesquisa arqueológica. Aplicação de técnicas geoarqueológicas. Os ambientes de deposição e os sítios arqueológicos. O contexto ambiental/arqueológico. Formação de solos. Estratigrafia. Aula de campo para identificação, descrição, registro e coleta de amostras de sedimentos em sítios arqueológicos.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BICHO, N. F. <b>Manual de Arqueologia Pré-histórica</b>. Lisboa: Edições 70, 2006. RAPP, Jr., G. e RUBIN, Julio Cezar Rubin de; SILVA, Rosiclér Theodoro da. <b>Geoarqueologia: teoria e prática</b>. Editora da UCG, 2008.</p> <p>VILLAGRAN, Ximena S. <b>Geoarqueologia de um Sambaqui Monumental – estratigrafias que falam</b>. São Paulo: Annablume. Fapesp, 2010. 213p.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. <b>Geomorfologia</b>. São Paulo: Edgard Blücher, 1974.</p> <p>GUERRA, A. T. <b>Novo dicionário geológico-geomorfológico</b>. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.</p> <p>HILL, C.L., <b>Geoarchaeology</b>. The Earth-Science Approach to Archaeological Interpretation. Chelsea: BrookCrafters, 1998.</p> <p>GOLDBERG, Paul &amp; MACPHAIL, Richard I. <b>Practical and Theoretical Geoarchaeology</b>. Oxford: Blackwell Science, 2006.</p> <p>WATERS, Michael R. <b>Principles of Geoarchaeology</b>. Tucson: University of Arizona Press, 1997.</p>	



<b>Disciplina:</b> Zooarqueologia	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Princípios básicos de Zooarqueologia. Coleções de referência para estudos zooarqueológicos. Métodos e Técnicas da Zooarqueologia. Estudos de processos tafonômicos. Processos Formativos (culturais e naturais). Etnozooarqueologia. Estratégias de subsistência. Paleoambientes. Descrição de elementos esqueléticos. Recuperação de vestígios faunísticos.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ANDRADE, L. T. <b>Zooarqueologia: Considerações Teórico- Metodológicas</b>. Dédalo. São Paulo, 1989.</p> <p>PACHECO, Mirian L. A. F. <b>Zooarqueologia dos sítios arqueológicos Maracaju 1, MS e Santa Elina, MT</b>. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. São Paulo, 2008, 285 p.</p> <p>BICHO, N. F. <b>Manual de Arqueologia Pré-histórica</b>. Lisboa: Edições 70, 2006.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>DAVIS, S. J. M. <b>The Archaeology of Animals</b>. London. New Haven: Yale University Press. 1987. REITZ, E. J. &amp; WING, E. S. <b>Zooarchaeology</b>. Cambridge: Cambridge University Press (Cambridge Manuals in Archaeology), 1999.</p> <p>KLOKLER, D.; VILLAGRÁN, X.S.; GIANNINI, P.C.F., PEIXOTO, S.; DEBLASIS, P. Juntos na costa: zooarqueologia e geoarqueologia de sambaquis do litoral sul catarinense. <b>Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia</b>, São Paulo, 20: 53-75, 2010.</p> <p>ROMER, A. S. &amp; PARSONS, T. S. <b>Anatomia Comparada dos Vertebrados</b>. São Paulo. Atheneu, 1985.</p> <p>RUPPERT, E. F. &amp; BARNES, D. <b>Zoologia dos Invertebrados</b>. 7ª edição. São Paulo. Roca. 2005.</p> <p>SOBOLICK, K. D. <b>Archaeobiology</b>. California: Alta Mira Press. 2003 (Archaeologist's Toolkit 5)</p>	

## 5° SEMESTRE

<b>Disciplina:</b> História dos Povos Indígenas no Brasil	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>A caracterização dos indígenas como sujeitos históricos (agenciamento indígena na história). A historiografia sobre os indígenas no Brasil e a sua influência na arqueologia. Trajetórias de alguns povos indígenas desde o período colonial até a atualidade. A atuação do arqueólogo junto aos povos indígenas.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BANIWA, Gersem dos Santos. <b>O índio brasileiro</b>: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, SECAD, UNESCO; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <a href="http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf">http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf</a>.</p> <p>CUNHA, Manoela Carneiro (org.). <b>História dos índios no Brasil</b>. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.</p> <p>HEMMING, John. <b>Ouro vermelho</b>: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ALMEIDA, Maria Regina Celestino. <b>Os índios na história do Brasil</b>. Rio de Janeiro: FGV, 2010.</p> <p>BARTH, Frederick. Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: _____ <b>O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas</b> (org. TomkeLask). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.</p> <p>LERY, Jean. <b>Viagem à terra do Brasil</b>. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 205-222.</p> <p>OLIVEIRA, João Pacheco de. <b>A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena</b>. 2.ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.</p> <p>MONTEIRO, John. <b>O índio na história do Brasil</b>: informações, estudos, imagens. <a href="http://www.ifch.unicamp.br/ihb/">http://www.ifch.unicamp.br/ihb/</a></p>	

<b>Disciplina:</b> Técnicas de Trabalho de Campo II	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 1.3.0
<b>Ementa:</b> Emprego e funcionalidade de diferentes métodos e técnicas de pesquisa arqueológica de campo: escavação.	
<b>Bibliografia Básica:</b>  ARAÚJO, A. G. M. <b>Teoria e Método em Arqueologia Regional:</b> Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental de Arqueologia.  BICHO, N. F. <b>Manual de arqueologia pré-histórica.</b> Lisboa: Edições 70, 2006.  WHEELER, M. <b>Arqueología de campo.</b> – 3. reimpr. – Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.	
<b>Bibliografia Complementar:</b>  FUNARI, P. P. A. <b>Arqueologia.</b> Contexto: 2003.  BALME, J.; PATERSON, A. <b>Archaeology en practice.</b> A Student Guide to Archaeology Analyses. Oxford: Blackwell, 2006.  DREWETT, P. L. <b>Field Archaeology:</b> An Introduction. London: Taylor & Francis, 2001.  RENFREW, C.; BAHN, P.. <b>Arqueología:</b> teoria, métodos y practica. Madrid: Akal Ediciones, 1993  SCHEEL-YBERT, R.; KLOKLER, D.; GASPAR, M.D. & FIGUTI L. 2005-2006 Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16: 139-163. RKE, H.; SMITH, C. <b>The Archaeologist's Field Handbook.</b> Crows Nest: Alenandunwin, 2004.	

<b>Disciplina:</b> Práticas de Conservação	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 1.3.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Práticas de trabalhos de conservação de material arqueológico e de arte rupestre: levantamento de dados para elaboração de diagnósticos; técnicas de amostragem; intervenções de conservação, monitoramento e conservação preventiva.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CAMPOS, G. N. e GRANATO, M. (organizadores) Preservação do Patrimônio Arqueológico: desafios e estudos de caso. Editor: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)-RJ-RJ, 2017; <a href="http://site.mast.br/hotsite_livro_desafios_e_estudos_de_caso/pdf/livro_completo.pdf">http://site.mast.br/hotsite_livro_desafios_e_estudos_de_caso/pdf/livro_completo.pdf</a>.</p> <p>LAGE, Maria Conceição Soares Meneses. A conservação de sítios de arte rupestre. In: <b>Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional</b>, n. 33 – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN, 2007.</p> <p>LORÊDO, W. M. <b>Manual de Conservação em Arqueologia de Campo</b>. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Proteção, 1994.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BRUNET, J; VIDAL, P.; VOUVÉ, J. <b>Conservation de l'art rupestre: deux études, glossaire illustré</b>. UNESCO: Études et documents sur le patrimoine culturel, n. 7, 1985.</p> <p>CANEVA, Giulia; SALVADORI, Ornella. <b>La dégradation et La conservation de La Pierre</b>. Paris: UNESCO, n. 16, 1996.</p> <p>LAGE, M. C. S. M. e LAGE, W. Conservation of rock-art sites in Northeastern Brazil; IN: <b>Open-Air Rock-Art Conservation and Management – State of the Art and Future Perspectives</b>; Ed. Routledge Studies in Archaeology, 2014.</p> <p>NEVES, W. Uma proposta pragmática para cura e recuperação de esqueletos humanos de origem arqueológica. Bol. do Museu paraense Emílio Goeldi, Série Antropológica, 4(1);3-26. 1988.</p> <p>SOLEILHAVOUP, F. L'étude, la dégradation et la protection des peintures rupestres préhistoriques. Exemple du Tassili (SaharaAlgérien). <b>Revue Caesar Augusta</b>, p. 115-153, n. 49 e 50, 1979.</p>	

<b>Disciplina:</b> Introdução à Bioarqueologia	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Conceito de Bioarqueologia – gênese, evolução teórica e campos de aplicação; princípios éticos e legais em pesquisas relacionadas com restos humanos; introdução à composição óssea e anatomia do esqueleto humano; noções de Tafonomia; elaboração de perfil paleobiológico; noções de paleodemografia; caracterização da amostra, representatividade óssea e NMI; morfologia métrica e não-métrica; noções de paleopatologia.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>SUSANNE, C.; REBATO, E.; CHIARELLI, B. <b>Antropologia Biológica: Evolução e Biologia Humana</b>. Lisboa: Edições Piaget, 2014.</p> <p>MADRIGAL, L.; GONZALÉZ-JOSÉ, R. <b>Introducción a la Antropología Biológica</b>. Book 1, 2016. Publicação opensource disponível em: <a href="http://scholarcommons.usf.edu/islac_alab_antropologia/1">http://scholarcommons.usf.edu/islac_alab_antropologia/1</a></p> <p>RIBEIRO, M.S. <b>Arqueologia das Práticas Mortuárias: uma abordagem historiográfica</b>. São Paulo: Alameda, 2007.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BUIKSTRA, J.; UBELAKER, D. <b>Standards for data collection from human skeletal remains</b>. Proceedings of a Seminar at The Field Museum of Natural History. Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Research Series No. 44, 1994.</p> <p>IRISH, J.D; SCOTT, G.R. <b>A Companion to Dental Anthropology</b>. Chichester: <i>Wiley Blackwell</i>, 2016.</p> <p>SHAEFER, M.; BLACK, S.; SCHEURER, L. <b>Juvenile Osteology – a Laboratory and field Manual</b>. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2009.</p> <p>WALDRON, T. Paleopathology. <b>Cambridge Manuals in Archaeology</b>. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.</p> <p>WHITE, T.; BLACK, M.; FOLKENS, P. 2012. <b>Human Osteology</b>. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2012.</p>	

<b>Disciplina:</b> Mapeamento Arqueológico	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Abordagem histórica da cartografia. Noções básicas de georreferenciamento. Introdução aos Sistemas de Informações Geográficas: tipos de feições, atributos e relações. Aplicações em arqueologia: análise e prospectiva. Mapeamento arqueológico: registro e apresentação de dados. Práticas de produção cartográfica.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>IBGE. <b>Noções básicas de Cartografia</b>. Manuais Técnicos em Geociências. No. 8. Rio de Janeiro: FIBGE, 1999. 130p.</p> <p>GONZALES, I.; FREIRE, C.; MORENTE, L.; ASENSIO, E. <b>Los Sistemas de Información Geográfica y la Investigación em Ciencias Humanas y Sociales</b>. Madrid, 2012.</p> <p>SILVA, Jorge Xavier da; Z Aidan, Ricardo Tavares. <b>Geoprocessamento e análise ambiental: aplicações</b>. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 363p.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>CONNOLLY, J. e LAKE, M. (2006). <b>Geographical Information Systems in Archaeology</b>. Cambridge: Cambridge University Press.</p> <p>DORLING, D., FAIRBAIRN, D. <b>Mapping ways of representing the world</b>. Essex: Longman, 1997. 184p.</p> <p>MEHRER, M. &amp; WESCOTT, K. <b>GIS and Archaeological Site Location Modeling</b>. New York, 2006.</p> <p>QGIS 2.8 <b>Guia do Usuário</b>. 2016.</p> <p>SHEKHAR, S.; XIONG, H. (Org.) <b>Encyclopedia of GIS</b>. New York, 2008.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia e Ética	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<b>Ementa:</b> A construção do(s) conceito(s) de ética. A inserção da ética no meio científico. Ética e ciências humanas. Ética e compromisso social. Ética e prática arqueológica.	
<b>Bibliografia Básica:</b> OLIVÉ, Leon (Ed.). <b>Ética y diversidad cultural</b> . Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1997. SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. Código de Ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira, aprovado em Assembléia Geral em 2015. VALLS, Álvaro L. M. <b>O que é ética</b> . São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1994.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> BURSZTYN, Marcel (Org.). <b>Ciência, Ética e Sustentabilidade: desafios ao novo século</b> . São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001. LIMA, Tânia Andrade. Restos humanos e arqueologia histórica: uma questão de ética. In: <b>Historical Archaeology in Latin America</b> . n. 5. Columbia: The University of South Carolina, 1994. SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. Código de Ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira, aprovado em Assembleia Geral em 1997. LINOTT, Mark J. Ethical principles and archaeological practice: development of an ethics policy. <b>American Antiquity</b> . v. 62, n. 4, 1997. SCARRE, Geoffrey; SCARRE, Chris. <b>The Ethics of Archaeology: philosophical perspectives on archaeological practice</b> . Cambridge: Cambridge University Press, 2006.	

**6° SEMESTRE**

<b>Disciplina:</b> História do Piauí	<b>Código:</b> CGP0023
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<b>Ementa:</b> O processo de colonização do Piauí. A formação da sociedade piauiense. O processo de independência do Piauí. Tópicos sobre a nova historiografia piauiense.	
<b>Bibliografia Básica:</b>  CHAVES, Monsenhor Joaquim. <b>O Piauí nas lutas pela Independência do Brasil</b> . Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005. Obra completa.  BRANDÃO, Tânia Maria Pires. <b>A elite colonial piauiense: família e poder</b> . Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995. 344p  MOTT, Luiz R. B. Piauí Colonial. <b>População, economia e sociedade</b> . Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.	
<b>Bibliografia Complementar:</b>  ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de; EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). <b>Gente de longe: histórias e memórias</b> . Teresina: Halley, 2006.  BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. <b>O feudo</b> . A casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.  BAPTISTA, João Gabriel. <b>Etnohistória indígena piauiense</b> . 2. ed. Teresina: EDUFPI, APL, FUNDAC, 2009. (Grandes Textos, v. 2).  BARBOSA, Edson; SILVA, Lina Pereira da. <b>Casa grande de São Domingos</b> . Teresina: EDUFPI, 1984.  NUNES, Odilon. <b>Os primeiros currais</b> . Teresina: Comepi, 1972. (Monografias do Piauí, série histórica).  REGO, Junia Motta A. N. do. <b>Dos Sertões aos Mares: História do Comércio e dos Comerciantes de Parnaíba (1700 – 1950)</b> . 2010. 291 f. Tese (Doutorado em História). – Universidade Federal Fluminense: UFF. Niterói, 2010.	



<b>Disciplina:</b> Monografia I	<b>Código:</b> CGP0025
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<b>Ementa:</b> Planejamento e projeto de pesquisa. Técnicas de pesquisa. Coleta de dados. Problemas e hipóteses. O lugar da teoria. Variáveis. A pesquisa bibliográfica e documental.	
<b>Bibliografia Básica:</b> BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide. <b>Fundamentos da metodologia</b> científica: um guia para a iniciação científica. 3. ed.ampl. São Paulo: Makron Books, 2007. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. <b>Metodologia do trabalho científico:</b> procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001. SALOMON, Délcio Vieira. <b>Como fazer uma monografia.</b> 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> BARAAS, Robert. <b>Os cientistas precisam escrever:</b> guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979. CERVO, Amado Luiz. <b>Metodologia do trabalho científico.</b> 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. GRANJA, Elza Corrêa et.al. <b>Normalização de referências bibliográficas:</b> manual de orientação. 3ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1997. LUCKESI, Cipriano et.al. <b>Fazer Universidade: uma proposta metodológica.</b> 18. ed. São Paulo: Cortez, 1998. SEVERINO, Antônio Joaquim. <b>Metodologia do trabalho científico.</b> 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.	

<b>Disciplina:</b> Desenho Técnico do Material Arqueológico	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 1.3.0
<b>Ementa:</b> Caracterização do desenho arqueológico na construção dos registros gráficos, no contexto do desenho técnico. Técnicas de representação e interpretação: Secção, vistas, perfis, corte e plano.	
<b>Bibliografia Básica:</b> GIONGO, Afonso Rocha. <b>Curso de desenho geométrico</b> . 34ª edição. São Paulo: Nobel, 1984. LIMA, Luís C. F. <b>O desenho como substituto do objecto: Descrição científica nas imagens do desenho de materiais arqueológicos</b> . Dissertação de mestrado, Faculdade de Belas Artes: Universidade do Porto, 2007. MADEIRA J. L. <b>O desenho na Arqueologia</b> , Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras , 2002, Coimbra.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> ADDINGTON, L. R. <b>Lithic Illustration: Drawing Flaked Stone Artifacts for Publication</b> . Chicago: University of Chicago Press, 1986. ADKINS, L. e R. <b>Archaeological Illustration</b> . Cambridge: Cambridge University Press, 1989. ARCELIN, P. <b>Normalisation du dessin en ceramologie</b> . Montpellier: D.A.M, 1979. BURKE, H.; SMITH, C. (2004) - <b>The Archaeologist's Field Handbook</b> . Crows Nest: Allen &Unwin, 2004. DAUVOIS, M. <b>Precis du dessin dynamique et struturel des industries lithiques préhistoriques</b> . Paris: Ed. Pierre Fanhac, 1976.	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia em Museus	<b>Código</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Museus e Arqueologia: uma perspectiva histórica. Musealização de vestígios arqueológicos por meio das coleções ou a partir dos territórios. Musealização da Arqueologia: cultura material, identidades e extroversão do conhecimento.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BRUNO, Maria Cristina Oliveira. <b>Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema, São Paulo.</b> Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, nº 17).</p> <p>LOPES, Maria Margaret. <b>O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX.</b> São Paulo: Hucitec, 1997.</p> <p>MENSCH, Peter Van. <b>O objeto de estudo da museologia.</b> Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BITTENCOURT, José Neves. Museu Paraense Emílio Goeldi: uma instituição científica em um museu. <b>MUSAS</b>. n. 2. Brasília: IPHAN, 2006.</p> <p>BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Arqueologia e antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. <b>Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional</b>: Museus: antropofagia da memória e do patrimônio, Brasília: IPHAN, n. 31, 2005.</p> <p>JORGE, Vítor Oliveira. <b>Arqueologia, património e cultura.</b> Lisboa: ED. Instituto Piaget, 2000.</p> <p>MATOS, Alexandre. Da escavação ao Museu: caminhos da informação. <b>Práxis Archaeologica</b>, Lisboa: Associação Profissional de Arqueólogos, n. 2. 2007.</p> <p>SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro; DEMARTINI, Célia Maria Cristina; BUSTAMANTE, Alejandra. O aproveitamento científico de coleções arqueológicas: a coleção Tapajônica do MAE/USP. <b>Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia</b>. São Paulo, EDUSP, n. 6, 1996.</p>	

<b>Disciplina:</b> Paleontologia Geral	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 3.1.0
<b>Ementa:</b> Termos e nomenclatura anatômica, planos e pontos de orientação do corpo dos vertebrados. Preservação de partes esqueléticas em sítios arqueológicos. O tegumento. O esqueleto ósseo: crânio e mandíbula, a dentição, coluna vertebral, cinturas, membros locomotores. Técnicas de maceração e conservação de material esquelético.	
<b>Bibliografia Básica:</b> CARVALHO, I. de S. (ed.) 2000. <b>Paleontologia</b> . Editora Interciência, Rio de Janeiro, 628 p. CARVALHO, I. de S. (ed.) 2004. <b>Paleontologia</b> . 2ª. ed. Editora Interciência, Rio de Janeiro, v. 1, 861 p., v. 2, 261. HOLZ, M. e SIMÕES, M.G. <b>Elementos Fundamentais de Tafonomia</b> . Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002. 232p.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> BENTON, M.J. 1997. <b>Vertebrate Paleontology</b> . Chapman & Hall, London, 452 p. CAMACHO, H.H. <b>Invertebrados fósseis</b> . Buenos Aires: Universitária, 1974. COUTO, C. de P. <b>Tratado de Paleomastozoologia</b> ., Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1979. IANNUZZI, R. e VIEIRA, C. E. L. Paleobotânica. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005. NIELD E.W. & Tucker, V.C.T. 1985. <i>Palaeontology: an Introduction</i> . Pergamon Press, Oxford, 178p.	

**7º SEMESTRE**

<b>Disciplina:</b> Estágio Supervisionado	<b>Código:</b> CGP0049
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 210 h	<b>Créditos:</b> 0.0.14
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Vivências profissionais com os métodos e técnicas associadas ao exercício do trabalho de campo em arqueologia. Experiência profissional com o tratamento do material arqueológico: limpeza, identificação, registro e acondicionamento. Análises tecno-tipológicas e funcionais da cultura material desenvolvidas em laboratório. Exercício da prática profissional relacionada à gestão dos bens arqueológicos em instituições públicas, privadas ou em ONGs.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BICHO, Nuno Ferreira. <b>Manual de arqueologia pré-histórica</b>. Lisboa: Edições 70, 2006. p. 85-185.</p> <p>RENFREW, Colin; BAHN, Paul. <b>Arqueología: teoria, métodos y practica</b>. Madrid: AkalEdiciones, 1993.</p> <p>WHEELER, Mortimer. <b>Arqueología de campo</b>. – 3. reimpr. – Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>MARTIN, Gabriela. <b>Pré-História do Nordeste do Brasil</b>. 6. ed. Recife: UFPE, 2013.</p> <p>BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de; GALLO, Haroldo (Orgs.). <b>Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico</b>. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005.</p> <p>LAGE, M. C. S. M. <b>Conservação de Arte Rupestre</b>. Teresina: Ed. Alinea, 1996.</p> <p>LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. <b>Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi</b>. Ciências Humanas. v. 6, n. 1, janeiro/abril, 2011.</p> <p>PROUS, A. <b>Arqueologia Brasileira</b>. Brasília: UNB Editora, 1992.</p>	

**8° SEMESTRE**

<b>Disciplina:</b> Arqueologia Pública	<b>Código:</b> CGP0043
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 3.1.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>A socialização do saber científico. Abordagens arqueológicas: Arqueologia Pública, Simétrica, Multivocal, Decolonial e afins. Identidades e comunidades: associações e apropriações do patrimônio arqueológico.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>FERNANDES, T. <b>Vamos criar um sentimento?</b> Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <a href="http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-15042008-144626/pt-br.php">http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-15042008-144626/pt-br.php</a>.</p> <p>RUIBAL, Alfredo Gonzalez. Hacia otra arqueología: diez propuestas. <b>Complutum</b>, 2012, Vol. 23 (2): 103-116. Disponível em: <a href="https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/viewFile/40878/39138">https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/viewFile/40878/39138</a>.</p> <p>SILVA, Fabíola Andréa. Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu: Um relato sobre a pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo. <b>Revista de Antropologia</b>, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 143-172, dec. 2015. ISSN 1678-9857. Disponível em: &lt;<a href="http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108570/107406">http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108570/107406</a>&gt;.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>FUNARI, P.; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. <b>Ética, Capitalismo e Arqueologia Pública no Brasil</b>. História, v.27, n.2, p.13-30, 2008. Disponível em: <a href="http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a02v27n2.pdf">http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a02v27n2.pdf</a>.</p> <p>FUNARI, P.P.A.; ORSER, E.C. Jr.; SCHIAVETTO, S.N.O. (Orgs.) <b>Identidades, Discurso e Poder: Estudos de Arqueologia Contemporânea</b>. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.</p> <p>GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (ed.). Arqueología Simétrica. Un Giro Teóricos in Revolucion Paradigmática (withcommentary). <b>Complutum</b>, 18, p. 283-319, 2007. Disponível em: <a href="http://humanitieslab.stanford.edu/23/814">http://humanitieslab.stanford.edu/23/814</a>.</p> <p>LAP – Laboratório de Arqueologia Pública. <b>Revista de Arqueologia Pública</b>. Unicamp. Disponível em: <a href="http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica/">http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica/</a></p> <p>MARX, K. <i>On Society and Social Change</i>. Chicago: Chicago University Press, 1973.</p>	

<b>Disciplina:</b> Monografia II	<b>Código:</b> CGP0033
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<b>Ementa:</b> Desenvolvimento do projeto de pesquisa com elaboração e defesa do trabalho de conclusão de curso.	
<b>Bibliografia Básica:</b>  BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide. <b>Fundamentos da metodologia</b> científica: um guia para a iniciação científica. 3. ed.ampl. São Paulo: Makron Books, 2007.  LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. <b>Metodologia do trabalho científico:</b> procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001.  SALOMON, Dêlcio Vieira. <b>Como fazer uma monografia.</b> 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.	
<b>Bibliografia Complementar:</b>  BARAAS, Robert. <b>Os cientistas precisam escrever:</b> guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979.  CERVO, Amado Luiz. <b>Metodologia do trabalho científico.</b> 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.  GRANJA, Elza Corrêa et.al. <b>Normalização de referências bibliográficas:</b> manual de orientação. 3ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1997.  LUCKESI, Cipriano et.al. <b>Fazer Universidade: uma proposta metodológica.</b> 18. ed. São Paulo: Cortez, 1998.  SEVERINO, Antônio Joaquim. <b>Metodologia do trabalho científico.</b> 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.	

## 13.2. DISCIPLINAS OPTATIVAS

<b>Disciplina:</b> Arqueologia e Licenciamento Ambiental	<b>Código:</b> CGP0045
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Legislação relacionada ao exercício da arqueologia por contrato. Impactos ao patrimônio arqueológico ocasionados por diferentes tipos de empreendimentos. Procedimentos arqueológicos de campo e de laboratório associados às etapas do licenciamento ambiental. Planejamento e manejo do patrimônio natural e cultural. Gerenciamento das informações arqueológicas advindas dos trabalhos de arqueologia por contrato.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>FARIAS, Talden. <b>Licenciamento Ambiental:</b> aspectos teóricos e práticos. Belo Horizonte: Fórum, 2007.</p> <p>FOGOLARI, Everson Paulo. <b>Gestão em Projetos de Arqueologia.</b> Erechim: Habilis, 2009.</p> <p>SILVA, Vicente Gomes da. <b>Legislação Ambiental Comentada.</b> 3. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2007.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de; GALLO, Haroldo (Org.). <b>Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico.</b> São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005.</p> <p>DE BLASIS, P. A. D.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com full-coverage survey no Bairro da Serra. <b>Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP</b>, São Paulo: USP, v. 5, p. 125-143, 1995.</p> <p>LIMA, Tânia Andrade (Org.). <b>Atas do Simpósio Arqueologia no Meio Empresarial.</b> Goiânia: SAB/IGPA/UCG, 28 a 31 de agosto de 2000.</p> <p>MORAIS, José Luiz de. Reflexões acerca da arqueologia preventiva. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Org.). <b>Patrimônio: atualizando o debate.</b> São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2006.</p> <p>REDMAN, C. Multistage Fieldwork and Analytical Techniques. <b>American Antiquity</b>, 38 (1), p. 61-79, 1973.</p>	



<b>Disciplina:</b> Arqueologia e Turismo	<b>Código:</b> CGP0041
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 3.1.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>História e conceito de Patrimônio Arqueológico. A legislação referente ao turismo e patrimônio arqueológico no Brasil. Tipos de turismo arqueológico. Normas e técnicas de manejo, interpretação, sinalização e preparo de sítios arqueológicos visando a visitação turística. Exemplos de guias e roteiros turísticos arqueológicos. Riscos e ameaças ao patrimônio cultural oriundo de um turismo não planejado.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>GÓMEZ, M. R. <b>Patrimonio y Turismo</b>. Disponível em &lt; <a href="http://www.naya.org.ar/">www.naya.org.ar/</a> &gt;. Capturado em dezembro de 2007.</p> <p>SEPLAN. <b>Plano Diretor de desenvolvimento Turístico Arqueológico do Piauí</b>. Governo do Estado do Piauí, PRODETUR, Banco do Nordeste, 2000.</p> <p>VELOSO, T. P. G.; CAVALCANTI, J. E. A. O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico. <b>Revista de arqueologia</b>, v. 20</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BASTOS, Rossano Lopes. <b>O papel da Arqueologia na Inclusão Social</b>. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília-DF, Nº33/2007, IPHAN, p. 289-303.</p> <p>CHADBURN, Amanda. <b>An Overview of Recent Developments and Initiatives by UNESCO and ICOMOS with Especial Reference to World Heritage Sites</b> in Open-Air Rock-Art Conservation and Management State of the Art and Future Perspectives. Routledge Studies in Archaeology, 2014. p.272-281.</p> <p>GONÇALVES, José Reginaldo Santos. <b>Os Limites do Patrimônio in Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e Desafios Contemporâneos</b>. Org. Manuel Ferreira Filho, Cornélia Eckert e Jane Felipe Beltrão. Ed. Nova Letra, 2007. p.239-248.</p> <p>LIMAVERDE, Rosiane. <b>Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe, Nova Olinda, Ce</b>. Tese de doutorado em Arqueologia, Universidade de Coimbra, Portugal, 2015.</p> <p>SWARBROOKE, J. <b>Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental</b>. São Paulo: Aleph, 2000.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia em Ambiente Costeiro	<b>Código CGP0042</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Conceitos e características do ambiente costeiro. Formação do registro arqueológico em sítios inseridos no ambiente costeiro. A relação homem-ambiente na elaboração da cultura material existente em sítios arqueológicos de regiões costeiras. Informações arqueológicas acerca das ocupações humanas em ambiente costeiro.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CALIPPO, Flávio Rizzi. <b>Sociedade sambaqueira, Comunidades Marítimas</b>. 2010, p. 290. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.</p> <p>GASPAR, Madu. <b>Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.</p> <p>TENÓRIO, Maria Cristina . <b>Pré-história de Terra brasilis</b>. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BANDEIRA, Arkley Marques. <b>Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na ilha de São Luís – Maranhão</b>. Dissertação. São Paulo: 2008. Universidade de São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.</p> <p>BAVA DE CAMARGO, P. F. <b>Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, séculos XIX-XX</b>. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.</p> <p>MEDEIROS, Iago Henrique Albuquerque de. <b>Processos de formação do registro arqueológico em dunas eólicas: os sítios do litoral setentrional do Rio Grande do Norte, Brasil</b>. Dissertação. Aracaju: 2005. Universidade Federal de Sergipe: Centro de Educação e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.</p> <p>RAINBIRD, Paul. <b>The archaeology of the islands</b>. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.</p> <p>ULM, Sean. <b>Coastal themes: an archaeology of the Southern Curtis Coast, Queensland</b>. Canberra: Anu Press, 2006.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia Subaquática	<b>Código:</b>	CGP0047
<b>Departamento:</b> Arqueologia		
<b>Curso:</b> Arqueologia		
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b>	3.1.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Estudo das diversas relações que se estabeleceram entre as sociedades humanas e toda diversidade de ambientes aquáticos e de transição por elas apropriados. História da Arqueologia Subaquática. Teoria, Método e Técnica em Arqueologia Subaquática. Os desdobramentos da Arqueologia praticada em ambientes subaquáticos.</p>		
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BASS, George F. <b>Arqueologia subaquática</b>. Lisboa: Verbo, 1969.</p> <p>RAMBELLI, Gilson. <b>Arqueologia até debaixo d'água</b>. São Paulo: Maranta, 2002.</p> <p>DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. <b>Ilhas e mares: simbolismo e imaginário</b>. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.</p>		
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>DURAN, Leandro D. <b>Arqueologia Marítima de Um Bom Abrigo</b>. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.338.</p> <p>FERREIRA, Ialy Cintra et al. ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA: Linhas de pesquisa científica no Brasil entre 1970 e 2014. <b>Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)</b>, v. 14, n. 27, p. 219-234, 2017.</p> <p>ICOMOS. A carta internacional do ICOMOS sobre proteção e gestão do patrimônio cultural subaquático. <b>Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia</b>, São Paulo, n. 7, 1997, p. 209-213.</p> <p>MUCKELROY, Keith. <b>Maritime Archaeology</b>. (New Studies in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, 1978.</p> <p>NAUTICAL ARCHAEOLOGY SOCIETY. <b>Archaeology underwater: the NAS guide to principles and practice</b>. Portsmouth, 1995.</p>		

<b>Disciplina:</b> Estudo dos Artefatos Cerâmicos	<b>Código</b>	CGP0038
<b>Departamento:</b> Arqueologia		
<b>Curso:</b> Arqueologia		
<b>Carga Horaria:</b> 60h	<b>Créditos</b>	2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Origens da olaria. Produção e consumo entre as populações ceramistas. O estudo da cerâmica no panorama brasileiro: o PRONAPA. Categorias analíticas: tradição, horizonte, fase, estilo. Abordagens teóricas e considerações metodológicas. O gesto técnico e a cadeia operatória como indicador do domínio tecnológico. Reconstituição morfológica. Traços de uso. Os registros cerâmicos como marcadores culturais: interpretação e inferências sociais.</p>		
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica brasileira: novas perspectivas analíticas. <b>Revista CLIO, Série Arqueológica</b>. Recife: UFPE, n.7, 1991.</p> <p>LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. <b>Cerâmica Guarani</b>. Porto Alegre: Posenato Arte &amp; Cultura, 1989.</p> <p>LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Darcy. (ed.). <b>Suma etnológica brasileira</b>. Petrópolis: Vozes, v.2, p. 137-229. 1986. (Edição atualizada do Handbook of south american indians).</p>		
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em torno da utilização do antiplástico como elemento classificatório da cerâmica pré-histórica. <b>Revista CLIO</b>. Recife: UFPE, n.6, p.109-112, 1984. (Série Arqueológica).</p> <p>ALVES, M. A. As culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: estudo tecnotipológico. <b>Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia</b>. São Paulo: MAE – USP, v.1, 1991.</p> <p>BAUDRILLAR, Jean. A moral dos objetos. Função-signo e lógica de classe. In: MOLES, Abraham et al. <b>Semiologia dos objetos</b>. Petrópolis: Vozes, 1972.</p> <p>BROCHADO, José Proenza. <b>Alimentação na floresta tropical</b>. Porto Alegre: UFRGS, 1977. (Cadernos, 2).</p> <p>BROCHADO, José Proenza. Expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. <b>Dédalo</b>, São Paulo: USP, n. 27, p.65-82, 1998.</p>		

<b>Disciplina:</b> Estudo dos Artefatos Líticos	Código	CGP0039
<b>Departamento:</b> Arqueologia		
<b>Curso:</b> Arqueologia		
<b>Carga Horaria:</b> 60h	Créditos	2.2.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Os artefatos líticos dos homens fósseis no processo de hominização. Influência do meio e fontes de recursos. Abordagens teóricas e categorias analíticas no estudo dos materiais de pedra. Os artefatos de pedra e a dinâmica na produção e na utilização. Cadeias operatórias e identificação de técnicas. Reflexo do domínio da matéria-prima na organização tecnológica. As principais “tradições” líticas na pré-história geral e brasileira. Inferências econômicas e identidades culturais: interpretação dos níveis tecnológicos.</p>		
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BUENO, L; ISNARDIS, A. (Org). <b>Das pedras aos homens</b>. Tecnologia lítica na Arqueologia brasileira. São Paulo: Argvmentvm, 2007.</p> <p>INIZIAN, Marie-Louise, et al. "Tecnologia da Pedra Lascada". Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, 2017.</p> <p>LOURDEAU, Antoine. A pertinência de uma abordagem tecnológica para o estudo do povoamento pré-histórico do Planalto Central do Brasil. <b>Habitus</b>, v. 4, n. 2, p. 985-710, 2006.</p>		
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>FAGUNDES, Marcelo. Atributos formais e tecnológicos da indústria lítica do Sítio Topo, Canindé de São Francisco - SE: estudo da organização tecnológica para a compreensão do sistema de assentamento regional de Xingó. <b>Canindé</b>. Xingó: MAX, n. 9, p. 89-120, jun., 2007.</p> <p>LEROI-GOURHAN, André. <b>Evolução e técnicas</b>. Lisboa: Ed. 70, 1984.</p> <p>FOGAÇA, E. Análise preliminar de algumas indústrias líticas lascadas recuperadas em Xingó. <b>Cadernos de Arqueologia</b>. Xingó: UFS, Chesf, Petrobras. 1997 (Documento 3).</p> <p>MARQUES, Marcélia. Pedra que te quero palavra: discursividade e semiose no (con)texto arqueológico. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2010.</p> <p>MORAIS, J. L. <b>Tecnologia lítica</b>. Erechim (RS): Habilis, 2009.</p>		

<b>Disciplina:</b> Etnoarqueologia	<b>Código</b>	<b>CGP0044</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia		
<b>Curso:</b> Arqueologia		
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos</b>	4.0.0
<b>Ementa:</b> Surgimento e desenvolvimento. As diferentes abordagens teórico-metodológicas. A pesquisa e os campos de estudo. O trabalho de campo e suas especificidades. A analogia etnográfica. As possibilidades e limites da pesquisa etnoarqueológica.		
<b>Bibliografia Básica:</b> DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. <b>Horizontes Antropológicos</b> , v. 8, n. 18, p. 13-60, 2002. SILVA, Fabíola Andréa. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. <b>Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas</b> , v. 4, n. 1, p. 27-37, 2009. _____. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. <b>Métis: história &amp; cultura</b> , v. 8, n. 16, 2009.		
<b>Bibliografia Complementar:</b> WÜST, Irmhild. Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. <b>Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia</b> , n. 2, p. 13-26, 1992. EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Descolonizando a arqueologia no brasil: contribuições da etnoarqueologia para a compreensão e preservação de cemitérios indígenas no estado de mato grosso do sul. <b>Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano–Series Especiales</b> , v. 2, n. 3, 2015. KENT, S. <b>Method and Theory for Activity Area Research</b> (An Ethnoarchaeological Approach). New York, Columbia University Press, 1987. WYLIE, A. The reaction against analogy. In: SCHIFFER, M.B. (ed.). <b>Advances in Method and Theory</b> . New York: Academic Press, 1985. pp. 63-111 GOULD, R. <b>Recovering the Past</b> . Albuquerque: University of New Mexico, 1990.		

<b>Disciplina:</b> Francês Instrumental Básico	Código	CLE0229
Centro de Ciências Humanas e Letras -CCHL	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<b>Ementa:</b> Estudo da língua francesa visando ao desenvolvimento da prática de leitura em diferentes níveis de compreensão: global, seletiva e linear.		
<b>Bibliografia Básica:</b> AZEVEDO, Domingos de. <b>Grande dicionário</b> (Francês-Português). Lisboa: Bertrand Ed., 1998. BESCHERELLE, <b>La conjugaison 1200 verbes</b> . Paris: Hatier, 1990. GREGOIRE, Maia; MERLO, Gracia. <b>Grammaire progressive du Français: avec 400 exercices</b> , niveau débutant. Paris: Cle International, 2004.		
<b>Bibliografia Complementar:</b> BADY, J. et al. <b>Exerçons-nous: grammaire</b> (cours de civilisation de la Sorbonne). 350 exercices niveau débutant. Paris: Hachette, 1990. LE PETIT ROBERT. Dictionnaire de la Langue Française. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993. MAROTE, d'Olim. Mini-dicionário (Francês-Português). São Paulo: Ática, 1998. Textos extraídos de revistas e jornais franceses. Bulletin de Français Instrumental – Ed. PUC.		

<b>Disciplina:</b> Etnografia e História Oral	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 3.1.0
<b>Ementa:</b> Evolução e Conceitos da Etnografia e História Oral nas Ciências Humanas; Métodos Etnográficos; Metodologia em História Oral; Ética e regulamentação nas pesquisas com seres humanos.	
<b>Bibliografia Básica:</b> ALBERTI, Verena. <b>Manual de história oral</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. PORTELLI, Alessandro. <b>Tentando aprender um pouquinho</b> : Algumas Reflexões sobre ética na História Oral, In: <i>Ética e História Oral Projeto História</i> , nº 15, Revista do departamento de História da PUC SP, São Paulo: Abril de 1997, p. 13-33. MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. <b>História oral</b> : como fazer, como pensar. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> BOSI, Ecléa. <b>O tempo vivo da memória</b> : ensaios de Psicologia Social. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. <b>O Trabalho do Antropólogo</b> . Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998. DA SILVA, Vagner G. 2006. <b>O Antropólogo e sua Magia nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras</b> . São Paulo: EDUSP. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). <b>Usos e Abusos da História Oral</b> . Rio de Janeiro: FGV, 1998. GOLDENBERG, M. 2009. <b>Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais</b> . In: _____. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record. (pp.16-24).	



<b>Disciplina:</b> Inglês Instrumental Básico	Código	CLE0174
Centro de Ciências Humanas e Letras -CCHL	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<b>Ementa:</b> Treinar as estratégias de leitura skimming, scanning etc. Exercitar diferentes níveis de compreensão GENERAL COMPREHENSION, MAIN POINTS COMPREHENSION AND DITAILS.		
<b>Bibliografia Básica:</b> MURPHY, Raymond. <b>English grammar in use:</b> a self study reference and practice book for intermediate students. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. SOUZA, M. do S. E. de; SOUZA, C. N. N. de; GONÇALVES, L. R. L. R. et al. <b>Inglês instrumental. Estratégias de Leitura.</b> Teresina: Editora Halley, 2002. SOUZA, Adriana Grade Fiori et. al. <b>Leitura em língua inglesa:</b> uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal, 2005.		
<b>Bibliografia Complementar:</b> Dicionário bilingüe: Inglês-Português. HEWINGS, Martin. <b>Advanced grammar in use:</b> a self study reference and practice book for advanced learners of English. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. MUNHOZ, Rosangela. Inglês instrumental: estratégias de leitura. Módulo I. São Paulo: Textonovo, 2000. NUNAN, David. Second language teaching & learning. Massachusetts: Heinle & Heinle Publishers, 1999. SWAN, Michael. <b>Practical english usage.</b> Oxford: Oxford University Press, 2005.		
<b>Sites para consulta:</b> <a href="http://www.onelook.com">http://www.onelook.com</a> (dicionário) <a href="http://sk.com.br/sk.html">http://sk.com.br/sk.html</a> <a href="http://www.rd.com">http://www.rd.com</a>		

<b>Disciplina:</b> Português I – Prática de Redação	Código	CLV0002
Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<b>Ementa:</b> Leitura e compreensão de textos. Processo de criação do texto escrito. Descrição. Narração. Dissertação.		
<b>Bibliografia Básica:</b> FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. <b>Prática de textos:</b> língua portuguesa para nossos estudantes. Vozes: Petrópolis, 1992. FREIRE, Paulo. <b>A importância do ato de ler.</b> Brasiliense: São Paulo, 1994. MARTINS, Dileta Silveira e ZILBERNOP, Lúbia Seliar. Português instrumental. Prodil: Porto Alegre, 1979.		
<b>Bibliografia Complementar:</b> FARACO, Carlos Alberto e MANDARIK, David. <b>Prática de redação para estudantes universitários.</b> Vozes: Petrópolis, 1987. GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1980. INFANTE, Ulisses. Do texto ao texto. Scipione: São Paulo, 1991. MARTINS, Maria Helena. <b>O que é leitura.</b> Brasiliense: São Paulo, 1994. SILVA, Ezequiel Teodoro da. <b>O ato de ler.</b> Cortez: São Paulo, 1984.		

<b>Disciplina:</b> Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade.	Código	CGP0048
Centro de Ciências da Educação - CCE	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Educação e Diversidade Cultural. O racismo, o preconceito e a discriminação racial e suas manifestações no currículo da escola. As diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais. Diferenças de gênero e Diversidade na sala de aula.</p>		
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ABRAMOVAY, Miriam; GARCIA, Mary Castro (Coord.). <b>Relações raciais na escola:</b> reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília-DF: UNESCO; INEP; Observatório de Violências nas Escolas, 2006. 370 p.</p> <p>APPLE, Michael W. <b>Ideologia e currículo.</b> São Paulo: Brasiliense, 1982.</p> <p>ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho; TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). <b>Ensino Fundamental:</b> orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.</p>		
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>AQUINO, J. G. (Org.). <b>Diferenças e preconceitos na escola:</b> alternativas teóricas e práticas. 2ª edição. São Paulo: Summus. 1998.</p> <p>BHABHA, H. <b>O local da cultura.</b> Trad.: Ávila, Myriam e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001.</p> <p>GOMES, N. L; SILVA, P. B. G. e (Org). <b>Experiências étnico-culturais para a formação de professores.</b> Belo Horizonte: Autêntica. 2002.</p> <p>PERRRENOUD, P. <b>A Pedagogia na escola das diferenças:</b> fragmentos de uma sociologia do fracasso. 2ª edição. Trad.: Schilling, Cláudia. Porto Alegre: Artmed. 2001.</p> <p>SANTOS, Isabel Aparecida dos Santos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial. In: CAVALLEIRO, E. (org.). <b>Racismo e anti-racismo:</b> repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 97-114.</p>		

<b>Disciplina:</b> Introdução à Antropologia Funerária	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Conceito de Antropologia Funerária – gênese, evolução teórica e campos de aplicação; princípios éticos e legais em pesquisas relacionadas com contextos funerários; métodos e técnicas em escavação de contextos funerários; Anthropologie de Terrain – abordagens de recolha de informações em campo; Arquitetura dos espaços funerários; o mundo dos mortos na perspectiva indígena; o mundo dos mortos na perspectiva cristã; o mundo dos mortos na perspectiva das religiões de matriz africana.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CARNEIRO DA CUNHA, M. <b>Os mortos e os Outros</b> – uma Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os Índios Krahó. Editora Hucitec, São Paulo, 1978.</p> <p>MARTIN, G. <b>Pré-História do Nordeste do Brasil</b>. Ed 5°. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.</p> <p>RIBEIRO, M.S. <b>Arqueologia das Práticas Mortuárias</b>: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>AGARWAL, S.C.; GLENCROSS, B.A. <b>Social Bioarchaeology</b>. Wiley-Blackwell, 2011.</p> <p>ROBBEN, A.C.G.M. <b>Death, Mourning, and Burial</b>: A Cross-Cultural Reader. Victoria: Wiley-Blacwell, 2004.</p> <p>STEWART, J.H. <b>Handbook of South American Indians</b>. Volume 1 – The Marginal Tribes, 1946. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Publicação opensource disponível em: <a href="https://archive.org/details/bulletin14311946smit">https://archive.org/details/bulletin14311946smit</a></p> <p>PEARSON, M.P. <b>The Archaeology of death and burial</b>. Gloucestershire: Sutton Publishing, 2005.</p> <p>WHITE, T.; Black, M.; Folkens, P. <b>Human Osteology</b>. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2012.</p>	

<b>Disciplina:</b> LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais	Código	LIBRAS012
Centro de Ciências da Educação - CCE	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Perspectiva cultural e linguística dos surdos. Língua de sinais enquanto língua dos surdos. Aspectos da organização educacional e cultural dos surdos. Aspectos gramaticais da língua de sinais. Atividades de base para a aprendizagem da língua de sinais para uso no cotidiano ou relacionado ao trabalho docente. Diferentes etapas utilizadas pelo contador de histórias para as crianças surdas. Exploração visual espacial das diferentes narrativas bem como da criação literária surda.</p>		
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>BRASIL. Decreto 5.626. Lei 10.436 de 2002. Diário Oficial, Brasília, 24 de abril de 2002, p. 23. <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L10.436.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L10.436.htm</a>. Acesso em 15/05/2010.</p> <p>CAPOVILA, Fernando C. e RAPHAEL, W. D. <b>Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira</b>. 1v. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 2001.</p> <p>SOUZA, Regina M. de; GOES, Maria C. R. de. <b>O ensino para surdos na escola Inclusiva</b>: considerações sobre o excludente contexto da incluso. In: SKLIAR, C. <i>Atualidades da Educação Bilingüe para surdos</i>. Porto Alegre: Mediações. 1999. 1V. p. 163-187.</p>		
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>PIAGET, Jean. <b>A Formação do símbolo na criança</b>: imitação, jogo e sonho. Imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 370 p.</p> <p>FELIPE, Tanya A. <i>Libras em contexto: curso básico: livro do estudante</i>. 2007.</p> <p>FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. <b>ETD-Educação Temática Digital</b>, v. 7, n. 2, p. 200-217, 2006.</p> <p>MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. <b>ETD-Educação Temática Digital</b>, v. 7, n. 2, p. 295-305, 2006.</p> <p>PEIXOTO, Renata Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. <b>Cadernos Cedex</b>, v. 26, n. 69, p. 205-229, 2006.</p>		

<b>Disciplina:</b> Tópicos da Cultura Material	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 3.1.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Pretende-se apresentar os paradigmas teóricos e metodológicos que orientam a reflexão sobre o lugar da materialidade nas relações sociais. Faz-se necessário identificar as especificidades das fontes materiais por meio de discussões epistemológicas e exercícios de análise, evitando-se o tratamento ilustrativo, periférico e de viés logocêntrico, ainda recorrente para esse tipo de documentação.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>APPADURAI, Arjun. <b>A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural</b>. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.</p> <p>MILLER, Daniel. <b>Trecos, troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material</b>. Rio de Janeiro – RJ, ZAHAR, 2013.</p> <p>OLIVEIRA, Andrea Bandoni de. <b>Objeto da floresta: explorando a Amazônia através do olhar de designers</b>. 1ª ed. São Paulo-SP, 2012.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>BOIVIN, Nicole. <b>Material Cultures, Material Minds. The Impact of Things on Human Thought, Society, and Evolution</b>. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.</p> <p>LIMA, Tania Andrade. <b>Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais</b>. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr. 2011</p> <p>MILLER, Daniel. <b>Artefacts and the meaning of things</b>. In INGOLD, T. (Ed) Companion Encyclopedia of Anthropology. Routledge: London, p 396-419, 1994.</p> <p>THOMAS, Julian. <b>The trouble with material culture</b>. IN: Overcoming the modern of material culture. Porto, ADECAP, 2007.</p> <p>WYLIE, Alison. <b>Thinking from things. Essays in the Philosophy of Archaeology</b>. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 2002.</p>	

<b>Disciplina:</b> Arqueologia e as interfaces entre o Xamanismo e a mitologia	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 2.2.0
<b>Ementa:</b> Relação da Arqueologia com os saberes tradicionais e mitológicos. Práticas de rituais xamanismo: danças arquetípicas, curas, quatro elementos, mitos. Relação de pertencimento e integração entre os humanos e a natureza.	
<b>Bibliografia Básica:</b> ARRIEN, Angeles. <b>O Caminho Quádruplo:</b> trilhando os caminhos do guerreiro, do mestre, do curador e do visionário. (Tradução Eleny C. Heller). São Paulo: Ágora, 1997. CAPRA, Fritjof. <b>Sabedoria incomum.</b> Tradução Carlos Afonso Malferrari. Editora Cultrix. São Paulo, 1995. KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. <b>A queda do céu:</b> Palavras de um xamã yanomami / Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.	
<b>Bibliografia Complementar:</b> CAPRA, Fritjof; <b>A Teia da vida.</b> Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos, São Paulo, Cultrix, 1997. CAVALCANTE, Ruth. GÓIS, Cezar Wagner de Lima. <b>Educação Biocêntrica:</b> ciências, arte, mística, amor e transformação. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015. CLOTTE, Jean; LEWIS_WILLIAMS, Davi. <b>Los chamanes de la pré-história.</b> Ed. Planeta S.A. Barcelona, 2010. ELIADE, Mircea. <b>O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase.</b> São Paulo: Martins Fontes, 1998. SOARES, Débora Leonel. Xamanismo e Cosmovisão Andina: um estudo sobre práticas de curandeirismo mochica expressas na cerâmica ritual. <b>Dissertação</b> (Mestrado em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.	

<b>Disciplina:</b> História Cultural	<b>Código:</b> CGP0036
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 4.0.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Aspectos teóricos e conceituais na abordagem da história cultural. Estudo das principais correntes teóricas versando sobre os problemas relativos a aspectos culturais do comportamento do homem.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>ACQUAVIVA, M. C. <b>Lendas e tradições das Américas: arqueologia, etnologia e folclore dos povos latinos americanos.</b> 2 ed. São Paulo: Hemus, 1997.</p> <p>BURKE, P. <b>O que é História Cultural?</b> 2.ed.rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. ,2008.</p> <p>COOK, M. A. <b>Uma breve história do homem.</b> Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editora, 2005.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>AZEVEDO, E. B. de <b>Arquitetura do Açúcar.</b> São Paulo : Nobel, 1990.</p> <p>CHUVA, M. R. R. <b>Os arquitetos da memória</b> : sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 2009.</p> <p>FARIA, S. de C. <b>A colônia em Movimento</b> : Fortuna e família no Cotidiano Colonial, 1998.</p> <p>FUNARI, P. P. <b>Arqueologia.</b> 2 ed. São Paulo : Contexto, 2006.</p> <p>FUNARI, P. P. <b>Cultura Material e Arqueologia Histórica</b> – Campinas, SP : UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.</p>	



<b>Disciplina:</b> Processamento de Dados em Arqueometria	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 0.4.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Organização e processamento de dados em arqueometria. Construção de tabelas. Construção de gráficos. Expressão corretada de resultados em tabelas e gráficos. Normalização de dados obtidos por fluorescência de raios X e expressão dos resultados na forma de elementos químicos ou de seus óxidos mais comuns correspondentes. Conjugação ou sobreposição de espectros e difratogramas. Identificação de bandas de vibração de energia no infravermelho e das espécies químicas correspondentes. Identificação de bandas de espalhamento Raman e das espécies químicas correspondentes. Busca de fases e identificação qualitativa de minerais por difratometria de raios X.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CAVALCANTE, L. C. D. <b>Caracterização arqueométrica de pinturas rupestres pré-históricas, pigmentos minerais naturais e eflorações salinas de sítios arqueológicos</b>. 2012. 207 f. Tese (Doutorado em Ciências - Química) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.</p> <p>CAVALCANTE, L. C. D.; SOUSA, J. W. L.; SILVA, H. K. S. B. <b>Análise químico-mineralógica e parâmetros de queima de cerâmicas do sítio arqueológico Entrada do Caminho da Caiçara, Brasil</b>. <i>Arqueologia Iberoamericana</i>, v. 43, p. 20-34, 2019.</p> <p>COHEN, E. R., et al. <b>Grandezas, unidades e símbolos em físico-química</b>. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química, 2018.</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>CANINDÉ – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2001-. Disponível em: &lt;<a href="http://max.ufs.br/pagina/publica-es-11292.html">http://max.ufs.br/pagina/publica-es-11292.html</a>&gt;. Acesso em: 10 dez. 2014.</p> <p>CAVALCANTE, L. C. D.; DA SILVA, H. K. S. B.; FABRIS, J. D.; ARDISSON, J. D. Red and yellow ochres from the archaeological site Pedra do Cantagalo I, in Piripiri, Piauí, Brazil. <b>Hyperfine Interactions</b>, v. 238, n. 1, p. 22.1-7, 2017.</p> <p>CAVALCANTE, L. C. D.; TOSTES, V. H. G. Espécies ferruginosas em pigmentos minerais do sítio arqueológico Pedra do Atlas. <i>Arqueologia Iberoamericana</i>, v. 36, p. 48-53, 2017.</p> <p>HYPERFINE INTERACTIONS. Springer Nature, 1975.</p> <p>QUÍMICA NOVA. Sociedade Brasileira de Química, 1978.</p>	

<b>Disciplina:</b> Desenho aplicado à Paleontologia	<b>Código:</b>
<b>Departamento:</b> Arqueologia	
<b>Curso:</b> Arqueologia	
<b>Carga Horária:</b> 60 h	<b>Créditos:</b> 1.3.0
<p><b>Ementa:</b></p> <p>Caracterização do desenho técnico paleontológico. Desenho de paleovertebrados, paleoinvertebrados e plantas fósseis. Desenho de material ósseo. Técnica do pontilhismo. Técnica do grafite. Técnicas digitais. Elaboração de pranchas.</p>	
<p><b>Bibliografia Básica:</b></p> <p>CARVALHO, Ismar de S. (editor) <b>Paleontologia</b>. Interciência. 3ª ed. 2010.</p> <p>BENTON, michael j. Paleontologia dos vertebrados. Editora Atheneu. São Paulo, SP. 3.ed. 2008.</p> <p>MENDES, Josue Camargo. <b>Paleontologia geral</b>. Livros Tecnicos e Cientificos. Rio de Janeiro, RJ. 1977</p>	
<p><b>Bibliografia Complementar:</b></p> <p>ARAUJO, Andrea Mendez. <b>Aplicações da ilustração científica em ciências biológicas</b>. Trabalho de Conclusão de Curso – UNESP. 2009.</p> <p>BRUZZO, Cristina. Biology: education and illustrations. <b>Educação &amp; Sociedade</b>, v. 25, n. 89, p. 1359-1378, 2004.</p> <p>MATEUS, Simão; TSCHOPP, Emanuel David. "Scientific illustration and reconstruction of a skull of the diplodocid sauropod dinosaur Galeamopus. <b>Journal of Paleontological Techniques</b>, 17:1-11. 2017.</p> <p>DE TROTTA, Tatiana; SPINILLO, Carla Galvão. Ilustração Científica: a informação construída pela sintaxe visual  Scientific illustration: information built by visual syntax. <b>InfoDesign-Revista Brasileira de Design da Informação</b>, v. 13, n. 3, p. 261-276, 2016.</p> <p>SUGUITURU, Silvia Sayuri; MORINI, M. S. C. Arte e ciência: uso de diferentes técnicas de Ilustração científica. In: <b>Anais do XV Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Mogi das Cruzes</b>. 2012.</p>	

## 14. COORDENAÇÃO DO CURSO

O Curso de Graduação em Arqueologia terá um chefe e um subchefe, que acumularão também as funções de coordenação, com regime de trabalho de Dedicção Exclusiva, destinando 20 horas para a administração. Exige-se, como requisito profissional do coordenador e subcoordenador, pós-graduação *stricto sensu* em Arqueologia. O coordenador terá como atribuições: o planejamento pedagógico, organização, direção e supervisão do curso, identificação dos problemas relacionados à dinâmica das disciplinas, proposição de soluções compatíveis com as necessidades e prioridades para o desenvolvimento da matriz curricular; capacidade para aperfeiçoar o uso dos recursos didático-pedagógicos disponíveis; valorizar o perfil de aptidões dos docentes no aproveitamento dos mesmos nas diversas disciplinas; manter o vínculo discente-coordenação retroalimentado; ter capacidade para lidar com a diversidade de comportamentos e ideias dos discentes, de modo a aproveitar o seu potencial e desenvolver empatia com os mesmos, impondo-lhes disciplina com flexibilidade.

O Curso de Arqueologia está estruturado em disciplinas de formação básica, de formação profissional, optativas e estágios, distribuídas em três áreas: Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ciências Tecnológicas, as quais trarão, na condução metodológica, a fundamentação para a organização do processo ensino-aprendizagem, baseado na integração teoria-prática.

Todas as disciplinas têm igual importância no desenvolvimento do curso, propondo atividades teóricas e práticas relativas à sua área, mas mantendo com as demais a articulação necessária à formação global do aluno. Busca-se uma abordagem interdisciplinar, em que as diferentes disciplinas se relacionem e se interpenetrem, ainda que mantenham suas especificidades.

A coordenação do curso, procurando operacionalizar de maneira mais efetiva a interdisciplinaridade, utiliza-se de trabalhos em equipe e da gestão participativa, superando as deficiências do currículo multidisciplinar lá onde as trocas são apenas tangenciais.

A gestão participativa consiste, entre outros aspectos, em reunir os professores de conteúdos afins, para planejarem em conjunto seu programa, a partir de um eixo comum, teórico ou metodológico, conforme está previsto no Plano de Trabalho da Coordenação do Curso.

## 15. ESTRUTURA PARA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

### 15.1 QUADRO DE RECURSOS HUMANOS

#### Docentes

Os professores que ministram a maioria das disciplinas do Curso de Arqueologia estão lotados no CCN/UFPI e pertencem ao próprio curso, em regime de Dedicção Exclusiva. A relação nominal destes e a respectiva titulação são apresentadas a seguir:

<b>Nome do professor</b>	<b>Titulação</b>	<b>Regime de Trabalho</b>
ANA LUISA MENESES LAGE DO NASCIMENTO CPF 017.847.553-03	Doutora	Dedicção Exclusiva
ÂNGELO ALVES CORRÊA CPF 081.890.427-50	Doutor	Dedicção Exclusiva
CLAUDIA MINERVINA DE SOUZA CUNHA CPF 571.286.005-82	Doutora	Dedicção Exclusiva
ELAINE IGNÁCIO CPF 081.613.378-61	Mestre/Doutoranda	Dedicção Exclusiva
FLÁVIO RIZZI CALIPPO CPF 170.736.108-83	Doutor	Dedicção Exclusiva
GRÉGOIRE ANDRÉ HENRI MARIE GHISLAIN VAN HAVRE CPF 848.187.515-53	Doutor	Dedicção Exclusiva
JÓINA FREITAS BORGES CPF 441.948.543-49	Doutora	Dedicção Exclusiva
JUAN CARLOS CISNEROS MARTÍNEZ CPF 691.889.631-87	Doutor	Dedicção Exclusiva
LUIS CARLOS DUARTE CAVALCANTE CPF 755.179.143-49	Doutor	Dedicção Exclusiva
MÁRCIA FERREIRA NETTO CPF 637.929.317-53	Mestre	Dedicção Exclusiva

<b>Nome do professor</b>	<b>Titulação</b>	<b>Regime de Trabalho</b>
MARIA DO AMPARO ALVES DE CARVALHO CPF 421.064.783-72	Doutora	Dedicação Exclusiva
MARIA CONCEIÇÃO SOARES MENESES LAGE CPF 228.997.313-00	Doutora	Dedicação Exclusiva
SÔNIA MARIA CAMPELO MAGALHÃES CPF 130.532.213-49	Doutora	Dedicação Exclusiva

### **Técnicos**

O Curso de Arqueologia tem um servidor Técnico Administrativo, nível médio, lotado no CCN/UFPI, além de um arqueólogo, nível superior, lotado na Graduação de Arqueologia, cujas funções estão indicadas abaixo:

<b>NOME</b>	<b>FUNÇÃO</b>
RENATA LARISSA SALES QUARESMA CPF 041.889.323-33	Técnica em Restauração
IGOR LINHARES DE ARAÚJO CPF 037.915.773-01	Arqueólogo

## 15.2. QUADRO DE MIGRAÇÕES

2020.1		
Semestre	Curso	Disciplina
I	NOVO	Seminário de Introdução ao Curso
I	NOVO	Introdução ao pensamento arqueológico
I	NOVO	Arqueologia e ciências sociais
I	NOVO	Origem e Evolução Humana
I	NOVO	Das primeiras sociedades às civilizações do “Velho Mundo”
I	NOVO	Arqueologia e Ciências Exatas
I	NOVO	Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica
I	NOVO	Patrimônio cultural e legislação
III	ANTIGO	Estatística Aplicada a Arqueologia
III	ANTIGO	Tópicos em Zooarqueologia
III	ANTIGO	História da América portuguesa
III	ANTIGO	Fundamentos de Geologia do Quaternário
III	ANTIGO	Filosofia e Ética
III	ANTIGO	Arqueologia Americana
V	ANTIGO	Seminário IV: Legislação ambiental
V	ANTIGO	Paleontologia geral
V	ANTIGO	História do Piauí
V	ANTIGO	Arte Rupestre II
V	ANTIGO	Monografia I
V	ANTIGO	Anatomia humana – arqueologia
VII	ANTIGO	Estágio Supervisionado

2020.2		
Semestre	Curso	Disciplina
II	NOVO	Técnicas de Laboratório em Arqueologia I
II	NOVO	Teorias e Métodos em Arqueologia
II	NOVO	Arqueologia e Ciências Humanas
II	NOVO	Arqueologia das Américas
II	NOVO	Arte Rupestre I
II	NOVO	Geologia Geral e do Quaternário
II	NOVO	Amostragem e Tratamento de Dados Arqueológicos
IV	ANTIGO	Seminário III: Legislação do Patrimônio cultural
IV	ANTIGO	Arqueologia brasileira
IV	ANTIGO	História dos Povos Indígenas no Brasil
IV	ANTIGO	Geomorfologia
IV	ANTIGO	Técnicas de laboratório em arqueologia
IV	ANTIGO	Arte rupestre I
VI	ANTIGO	Cartografia
VI	ANTIGO	Técnicas de levantamento
VI	ANTIGO	Teoria do trabalho de campo
VI	ANTIGO	Arqueologia histórica
VI	ANTIGO	Desenho técnico
VI	ANTIGO	Anatomia animal
VIII	ANTIGO	Arqueologia Pública
VIII	ANTIGO	Monografia II

2021.1		
Semestre	Curso	Disciplina
I	NOVO	Seminário de Introdução ao Curso
I	NOVO	Introdução ao pensamento arqueológico
I	NOVO	Arqueologia e ciências sociais
I	NOVO	Origem e Evolução Humana
I	NOVO	Das primeiras sociedades às civilizações do “Velho Mundo”
I	NOVO	Arqueologia e Ciências Exatas
I	NOVO	Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica
I	NOVO	Patrimônio cultural e legislação
III	NOVO	Técnicas de Laboratório em Arqueologia II
III	NOVO	Técnicas de Trabalho de Campo I
III	NOVO	Teoria da Conservação
III	NOVO	Arqueologia Latino-americana
III	NOVO	Arqueometria
III	NOVO	Geomorfologia
III	NOVO	Anatomia de Vertebrados para Arqueologia
V	ANTIGO	Seminário IV: Legislação ambiental
V	ANTIGO	Paleontologia geral
V	ANTIGO	História do Piauí
V	ANTIGO	Arte Rupestre II
V	ANTIGO	Monografia I
V	ANTIGO	Anatomia humana – arqueologia
VII	ANTIGO	Estágio Supervisionado



2021.2		
Semestre	Curso	Disciplina
II	NOVO	Técnicas de Laboratório em Arqueologia I
II	NOVO	Teorias e Métodos em Arqueologia
II	NOVO	Arqueologia e Ciências Humanas
II	NOVO	Arqueologia das Américas
II	NOVO	Arte Rupestre I
II	NOVO	Geologia Geral e do Quaternário
II	NOVO	Amostragem e Tratamento de Dados Arqueológicos
IV	NOVO	História da América Portuguesa
IV	NOVO	Arqueologia Histórica
IV	NOVO	Ecosystemas
IV	NOVO	Arqueologia Brasileira
IV	NOVO	Arte Rupestre II
IV	NOVO	Geoarqueologia
IV	NOVO	Zooarqueologia
VI	ANTIGO	Cartografia
VI	ANTIGO	Técnicas de levantamento
VI	ANTIGO	Teoria do trabalho de campo
VI	ANTIGO	Arqueologia histórica
VI	ANTIGO	Desenho técnico
VI	ANTIGO	Anatomia animal
VIII	ANTIGO	Arqueologia Pública
VIII	ANTIGO	Monografia II

2022.1		
Semestre	Curso	Disciplina
I	NOVO	Seminário de Introdução ao Curso
I	NOVO	Introdução ao pensamento arqueológico
I	NOVO	Arqueologia e ciências sociais
I	NOVO	Origem e Evolução Humana
I	NOVO	Das primeiras sociedades às civilizações do “Velho Mundo”
I	NOVO	Arqueologia e Ciências Exatas
I	NOVO	Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica
I	NOVO	Patrimônio cultural e legislação
III	NOVO	Técnicas de Laboratório em Arqueologia II
III	NOVO	Técnicas de Trabalho de Campo I
III	NOVO	Teoria da Conservação
III	NOVO	Arqueologia Latino-americana
III	NOVO	Arqueometria
III	NOVO	Geomorfologia
III	NOVO	Anatomia de Vertebrados para Arqueologia
V	NOVO	História dos Povos Indígenas no Brasil
V	NOVO	Técnicas de Trabalho de Campo II
V	NOVO	Arqueologia e Ética
V	NOVO	Introdução à Bioarqueologia
V	NOVO	Mapeamento Arqueológico
V	NOVO	Práticas de Conservação
VII	ANTIGO	Estágio Supervisionado

2022.2		
Semestre	Curso	Disciplina
II	NOVO	Técnicas de Laboratório em Arqueologia I
II	NOVO	Teorias e Métodos em Arqueologia
II	NOVO	Arqueologia e Ciências Humanas
II	NOVO	Arqueologia das Américas
II	NOVO	Arte Rupestre I
II	NOVO	Geologia Geral e do Quaternário
II	NOVO	Amostragem e Tratamento de Dados Arqueológicos
IV	NOVO	História da América Portuguesa
IV	NOVO	Arqueologia Histórica
IV	NOVO	Ecosistemas
IV	NOVO	Arqueologia Brasileira
IV	NOVO	Arte Rupestre II
IV	NOVO	Geoarqueologia
IV	NOVO	Zooarqueologia
VI	NOVO	História do Piauí
VI	NOVO	Monografia I
VI	NOVO	Desenho Técnico de Material Arqueológico
VI	NOVO	Arqueologia e Turismo
VI	NOVO	Paleontologia geral
VIII	ANTIGO	Arqueologia Pública
VIII	ANTIGO	Monografia II

2023.1		
Semestre	Curso	Disciplina
I	NOVO	Seminário de Introdução ao Curso
I	NOVO	Introdução ao pensamento arqueológico
I	NOVO	Arqueologia e ciências sociais
I	NOVO	Origem e Evolução Humana
I	NOVO	Das primeiras sociedades às civilizações do “Velho Mundo”
I	NOVO	Arqueologia e Ciências Exatas
I	NOVO	Iniciação à Pesquisa Científica e Arqueológica
I	NOVO	Patrimônio cultural e legislação
III	NOVO	Técnicas de Laboratório em Arqueologia II
III	NOVO	Técnicas de Trabalho de Campo I
III	NOVO	Teoria da Conservação
III	NOVO	Arqueologia Latino-americana
III	NOVO	Arqueometria
III	NOVO	Geomorfologia
III	NOVO	Anatomia de Vertebrados para Arqueologia
V	NOVO	História dos Povos Indígenas no Brasil
V	NOVO	Técnicas de Trabalho de Campo II
V	NOVO	Arqueologia e Ética
V	NOVO	Introdução à Bioarqueologia
V	NOVO	Mapeamento Arqueológico
V	NOVO	Práticas de Conservação
VII	NOVO	Estágio Supervisionado

2023.2		
Semestre	Curso	Disciplina
II	NOVO	Técnicas de Laboratório em Arqueologia I
II	NOVO	Teorias e Métodos em Arqueologia
II	NOVO	Arqueologia e Ciências Humanas
II	NOVO	Arqueologia das Américas
II	NOVO	Arte Rupestre I
II	NOVO	Geologia Geral e do Quaternário
II	NOVO	Amostragem e Tratamento de Dados Arqueológicos
IV	NOVO	História da América Portuguesa
IV	NOVO	Arqueologia Histórica
IV	NOVO	Ecosistemas
IV	NOVO	Arqueologia Brasileira
IV	NOVO	Arte Rupestre II
IV	NOVO	Geoarqueologia
IV	NOVO	Zooarqueologia
VI	NOVO	História do Piauí
VI	NOVO	Monografia I
VI	NOVO	Desenho Técnico de Material Arqueológico
VI	NOVO	Arqueologia e Turismo
VI	NOVO	Paleontologia geral
VIII	NOVO	Arqueologia Pública
VIII	NOVO	Monografia II

### 15.3. INFRAESTRUTURA DO CURSO

O curso de Arqueologia da UFPI funciona em prédio construído para abrigar os novos cursos do Centro de Ciências da Natureza - CCN, que inclui salas de professores, salas de aula, laboratórios, auditório, salas para secretarias da Graduação e da Pós-Graduação de Arqueologia, espaço para o Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP), o Museu de Arqueologia e Paleontologia e uma área destinada à instalação de pontos de serviço de alimentação, de fotocópias, de impressão, digitação e outros.

O curso dispõe de 18 salas para docentes e 1 sala de estudos para alunos da pós-graduação em Arqueologia equipada com computadores. Há também três laboratórios, de uso exclusivo da Arqueologia (Arqueometria e Arte Rupestre; Paleontologia e Bioarqueologia; Arqueologia e Estudos de Tecnologias), que totalizam 219,85 m<sup>2</sup>.

O Laboratório de Arqueometria possui dois estereomicroscópios, reservados para exames de microamostras, um microscópio óptico USB, com capacidade de aumento de até 400x, e um espectrômetro Mössbauer Miniaturizado (MIMOS), equipamento portátil adequado para análises de superfícies, assim como para análises convencionais, sobretudo útil para medidas *in situ* de pinturas rupestres, louças, porcelanas e cerâmicas pintadas (ressalte-se que este é o primeiro espectrômetro Mössbauer com essa geometria em universidades federais brasileiras). Também para medidas *in situ*, o laboratório está equipado com aparelhos que permitem medidas termo-higrométricas e eólicas. O laboratório de informática do Curso de Estatística para uso dos alunos encontra-se no mesmo bloco da Arqueologia, e conta com 30 computadores, o qual é utilizado pelos professores e alunos do curso de Arqueologia.

É importante frisar que há uma sala destinada ao Centro Acadêmico do Curso de Graduação em Arqueologia, onde os alunos podem planejar atividades da vida acadêmica.

A Graduação em Arqueologia conta ainda com o Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP), criado por Niède Guidon no início de 1978 e institucionalizado na UFPI em 1984, especialmente para realizar pesquisas arqueológicas no Piauí. Hoje o NAP possui sob sua guarda um considerável acervo arqueológico, o qual é inventariado e analisado pelos alunos da graduação e da Pós-graduação em Arqueologia da UFPI. Destaca-se que o NAP é uma unidade para realização de estágios curriculares e extracurriculares de alunos do Curso de Graduação em Arqueologia e tem sido utilizado com muita frequência pelos discentes, dispondo de uma biblioteca exclusiva, contendo um acervo acessível aos alunos e pesquisadores.

Criado em 2012 pela Resolução nº 004/2013/CD/CONSUN como órgão suplementar da Reitoria, o Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (MAP/UFPI) é um museu universitário de caráter interdisciplinar. Caracteriza-se como uma instituição de pesquisa e exposição, propícia para a realização de estágios curriculares e extracurriculares, dispondo de um auditório para eventos, reuniões de professores e alunos, assim como para defesas de trabalhos acadêmicos.

O curso de Arqueologia conta também com uma importante rede de bibliotecas, entre as quais se destaca a Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco e as bibliotecas setoriais do CCN e do CCHL. Além destas, os alunos também podem usufruir das bibliotecas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), da Fundação Estadual Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí (CEPRO), do Núcleo de Estudos do Piauí, do Instituto Dom Barreto e a do Arquivo Público do Estado do Piauí. A **Biblioteca Comunitária** foi instalada em janeiro de 1973, resultado da fusão dos acervos existentes nas bibliotecas das escolas isoladas de Medicina, Odontologia, Filosofia, Direito e Administração, quando da implantação da Fundação Universidade Federal do Piauí, instituída nos termos da Lei nº. 5.528, de 12/11/1968. Em agosto de 1995 foi inaugurada a **Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco (BCCB)**, órgão subordinado à Reitoria e que, atualmente, coordena 9 (nove) Bibliotecas Setoriais do Sistema de Bibliotecas da UFPI - **SIBI/UFPI**. A Biblioteca dispõe de 70.798 títulos e 205.198 exemplares de livros.

A Universidade Federal do Piauí – UFPI disponibiliza acesso ao Portal de Periódicos da CAPES a todos os seus alunos, professores, servidores e visitantes – desde que conectados à rede da UFPI.

O acervo da Biblioteca da Fundação Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato, conta com mais de 5.000 títulos da área de Arqueologia e correlatas, tratando das mais diversificadas temáticas. O Núcleo de Antropologia Pré-Histórica, na UFPI, em Teresina, conta com cerca de 1.000 volumes, os quais enfocam, sobretudo, temas relativos à Arqueologia.

## 16. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A -

ABRAMOVAY, Miriam; GARCIA, Mary Castro (Coord.). **Relações raciais na escola**: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília-DF: UNESCO; INEP; Observatório de Violências nas Escolas, 2006. 370 p.

ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de história colonial, 1500-1800**. 7. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ADDINGTON, L. R. **Lithic Illustration: Drawing Flaked Stone Artifacts for Publication**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

ADOVASIO, J. M.; PAGE, J. Os primeiros americanos. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ADKINS, L. e R. **Archaeological Illustration**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

AFONSO, J. (2003). **Notas de apoio às aulas práticas de Osteologia da disciplina Anatomia I** (texto elaborado para a disciplina Anatomia I do curso de licenciatura em Medicina Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa).

AGARWAL, S.C.; GLENCROSS, B.A. **Social Bioarchaeology**. Wiley-Blackwell, 2011.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em torno da utilização do antiplástico como elemento classificatório da cerâmica pré-histórica. **Revista CLIO**. Recife: UFPE, n.6, p.109-112, 1984. (Série Arqueológica).

ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia Histórica, Arquitetura e Restauração. **CLIO – Série Arqueológica**. n. 8, v. 1. Recife: EDUFPE, 1993.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica brasileira: novas perspectivas analíticas. **Revista CLIO, Série Arqueológica**. Recife: UFPE, n.7, 1991.

ALVES, M. A. As culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: estudo tecnotipológico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: MAE – USP, v.1, 1991.

ALVES, Márcia A. Estudo técnico em cerâmica do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. n. 4. São Paulo: EDUSP, 1994.

AMICO, J. C. Ciudad y territorio em los Andes. Contribuciones a la historia del urbanismo prehispánico. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006.

ANDREFSKY JR., William (Ed.). **Lithic Debitage**: context, form, meaning. Salt Lake City: University Of Utah



Press, 2001.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

AQUINO, J. G. (Org.). **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2ª edição. São Paulo: Summus. 1998.

ARAUJO, A. G. M. **Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo**. Tese de Doutorado. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental de Arqueologia.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de; EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). **Gente de longe: histórias e memórias**. Teresina: Halley, 2006.

ARCELIN, P. **Normalisation du dessin en ceramologie**. Montpellier: D.A.M, 1979.

ARENAS, Iraida Vargas; SANOJA, Mario. Archaeology as a social science: its expression in Latin America. In: NEVES, Eduardo G.. Changing perspectives in Amazonian archaeology. In: POLITIS, Gustavo G.; ALBERTI, Benjamin (Eds.). **Archaeology in Latin America**. 2. ed. New York: Routledge, 2005.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724/2011: Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação**. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/>>.

ATKINS, Peter; JONES, Loretta. **Princípios da Química - Questionando a vida moderna e o meio ambiente**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Bookman, 2011.

AURICCHIO, P.; SALOMAO, M. da G. (2002) **Técnicas de coleta e preparação de vertebrados**. 350 p. Editora: Terra Brasilis.

AZEVEDO, Domingos de. **Grande dicionário** (Francês-Português). Lisboa: Bertrand Ed., 1998.

- B -

BADY, J. et al. **Exerçons-nous: grammaire** (cours de civilisation de la Sorbonne). 350 exercices niveau débutant. Paris: Hachette, 1990.

BAHN, P. et al. **Dating and the earliest Known Rock**. [s.l.]: Oxbow Books, 1999.

BALME, J.; PATERSON, A. **Archaeology en practice**. A Student Guide to Archaeology Analyses. Oxford: Blackwell, 2006.

BANDEIRA, Arkley Marques. **Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na ilha de São Luís – Maranhão**. Dissertação. São Paulo: 2008. Universidade de São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O feudo: A Casa da Torre de Garcia D'Ávila – da conquista dos sertões à independência do Brasil**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

BAPTISTA, João Gabriel. **Etnohistória indígena piauiense**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, APL, FUNDAC, 2009. (Grandes Textos, v. 2).

BARAAS, Robert. **Os cientistas precisam escrever**: guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979.

BARBOSA, Edson; SILVA, Lina Pereira da. **Casa grande de São Domingos**. Teresina: EDUFPI, 1984.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista USP**. São Paulo, n.44, p.10-31, dezembro/fevereiro, 1999-2000.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide. **Fundamentos da metodologia científica**: um guia para a iniciação científica. 3. ed.ampl. São Paulo: Makron Books, 2007.

BARTH, Frederick. Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: \_\_\_\_\_ **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas** (org. TomkelLask). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de; GALLO, Haroldo (Orgs.). **Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico**. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005.

BASTOS, Rossano Lopes. **O papel da Arqueologia na Inclusão Social**. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília-DF, Nº33/2007, IPHAN, p. 289-303.

BAPTISTA, João Gabriel. **Etnohistória indígena piauiense**. Teresina: EDUFFPI, 1994.

BASS, George F. **Arqueologia subaquática**. Lisboa: Verbo, 1969.

BAUDRILLAR, Jean. A moral dos objetos. Função-signo e lógica de classe. In: MOLES, Abraham et al. **Semiologia dos objetos**. Petrópolis: Vozes, 1972.

BAVA DE CAMARGO, P. F. **Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, séculos XIX-XX**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BEDNARIK, Robert G. **Rock Art Science: the scientific study of paleoart**. New Delhi: Ed. Aryan Books International, 2007. Beck C. W. **Archaeological Chemistry**, Ed. American Chemical Society, Advances in Chemistry Series, 1974.

BENTON, M.J. 1997. **Vertebrate Paleontology**. Chapman & Hall, London, 452 p.

BERGER, Lee, HILTON-BARBER, Brett. **In the footsteps of Eve: The mystery of human origins**. Washington: National Geographic Society, 2000.

BERGER, Lee; HAWKS, John. **Almost Human: The Astonishing Tale of Homo naledi and the Discovery That Changed Our Human Story**. Washington: National Geographic Society, 2017.

BESCHERELLE, **La conjugaison 1200 verbes**. Paris: Hatier, 1990.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad.: Ávila, Myriam e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001.

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de arqueologia pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BINFORD, Lewis. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**. v. 8, n. 2, outubro, 1962.

DE BLASIS, P. A. D.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com full-coverage survey no Bairro da Serra. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. v. 5. São Paulo: USP, 1995. p. 125-143.

BITTENCOURT, José Neves. Museu Paraense Emílio Goeldi: uma instituição científica em um museu. **MUSAS**. n. 2. Brasília: IPHAN, 2006.

BORGES, Jóina Freitas. **A história negada**: em busca de novos caminhos. Teresina: FUNDAPI, 2004

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTTALLO, Marilúcia. A gestão documental do patrimônio arqueológico e etnográfico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. n. 6. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOWEN, D. Q. **Quaternary Geology - A Stratigraphic Framework for Multidisciplinary Work**. Londres: Pergamon, 1978, 217 p.

BRADLEY, D.; CREAGH, D. (Edit.). **Physical techniques in the study of art, archaeological and cultural heritage**. Amsterdam: Elsevier, 2006. v. 1. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/1>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **A elite colonial piauiense**: família e poder. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995. 344p

BRANDI, C. **Teoria da restauração**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2004. 261p.

Brasil, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, Lei nº9.394/1996.

BRASIL. Lei Federal Nº10. 172/2001

BRASIL. Decreto 5.626. Lei 10.436 de 2002. Diário Oficial, Brasília, 24 de abril de 2002, p. 23. <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L10.436.htm>. Acesso em 15/05/2010.

BRASIL, **Plano Nacional de Educação**, Lei nº13.005/2014.

BRADY, James E.; HUMISTON, Gerard E. **Química Geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1983. Volume 1.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **A elite colonial piauiense**: família e poder. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995. 344p

BROCHADO, José Proenza. **Alimentação na floresta tropical**. Porto Alegre: UFRGS, 1977. (Cadernos, 2).

BROCHADO, José Proenza. Expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, São Paulo: USP, n. 27, p.65-82, 1998. BROTHWELL, D.; HIGGS, E. **Science in archaeology**: a survey of progress and research. London: Thames & Hudson, 1969.

BRUNET, J.; VIDAL, P. Les oeuvres rupestres préhistoriques: etude de problèmes de conservation. **Studies In conservation**, Paris, n. 25, p. 97-107, 1980.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da arqueologia**: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema, São Paulo. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, nº 17).

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Arqueologia e antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**: Museus: antropofagia da memória e do patrimônio, Brasília: IPHAN, n. 31, 2005.

BUENO, L.; ISNARDIS, A. (Orgs.). **Das Pedras aos Homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira**. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

BUIKSTRA, J.; UBELAKER, D. **Standards for data collection from human skeletal remains**. Proceedings of a Seminar at The Field Museum of Natural History. Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Research Series No. 44, 1994.

BURKE, H.; SMITH, C. (2004) - **The Archaeologist's Field Handbook**. Crows Nest: Allen &Unwin, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURSZTYN, Marcel (Org.). **Ciência, Ética e Sustentabilidade: desafios ao novo século**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

- C -

CALIPPO, Flávio Rizzi. **Sociedade sambaqueira, Comunidades Marítimas**. 2010, p. 290. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CAMACHO, H.H. **Invertebrados fósseis**. Buenos Aires: Universitária, 1974.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Legislação sobre Patrimônio Cultural**. 2. ed. 2013. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/4844>>.

CAMPOS, G. N. e GRANATO, M. (organizadores) **Preservação do Patrimônio Arqueológico: desafios e estudos de caso**. Editor: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)-RJ-RJ, 2017; [http://site.mast.br/hotsite\\_livro\\_desafios\\_e\\_estudos\\_de\\_caso/pdf/livro\\_completo.pdf](http://site.mast.br/hotsite_livro_desafios_e_estudos_de_caso/pdf/livro_completo.pdf).

CANEVA, Giulia; SALVADORI, Ornella. **La dégradation et La conservation de La Pierre**. Paris: UNESCO, n. 16, 1996.

CANINDÉ – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2001-. Disponível em: <<http://max.ufs.br/pagina/publica-es-11292.html>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CAPOVILA, Fernando C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. 1v. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Os mortos e os Outros** – uma Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os Índios Krahó. Editora Hucitec, São Paulo, 1978.

CARVALHO, I. de S. (ed.) 2000. **Paleontologia**. Editora Interciência, Rio de Janeiro, 628 p.

CARVALHO, I. de S. (ed.) 2004. **Paleontologia**. 2ª. ed. Editora Interciência, Rio de Janeiro, v. 1, 861 p., v. 2, 261.

CARVALHO FILHO, Sergio de. **Estatística básica**. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 464p.

- CASSETI, V. **Elementos de Geomorfologia**. Editora da UFG, Goiânia2, 1994.
- CERAM, C. W. **Deuses, Túmulos e Sábios: as grandes descobertas da arqueologia**. 21. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERVO, Amado Luiz. **Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHADBURN, Amanda. **An Overview of Recent Developments and Initiatives by UNESCO and ICOMOS with Especial Reference to World Heritage Sites** in Open-Air Rock-Art Conservation and Management State of the Art and Future Perspectives. Routledge Studies in Archaeology, 2014. p.272-281.
- CHARBONNIER, Georges. **Arte, linguagem, etnologia: Entrevistas com Lévi-Strauss**. Campinas: Papirus, 1989.
- CERVO, Amado Luiz. **Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHAVES, Monsenhor Joaquim. **O Piauí nas lutas pela Independência do Brasil**. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005. Obra completa.
- CHMYZ, Igor (Ed.). **Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica**. Curitiba: CEPA/UFPR, 1966. (Série Manuais de Arqueologia, n. 1).
- CHOAY, F. **A Alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2006. 282p.
- CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. São Paulo: Edgard Blüher, 1974.
- CLASTRES, Pierre. "O arco e o cesto". In: **A Sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- CONNOLY, J. e LAKE, M. (2006). **Geographical Information Systems in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press.
- COUTO, C. de P. **Tratado de Paleomastozoologia**., Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1979.
- CREAGH, D. C.; BRADLEY, D. A. (Edit.). **Radiation in art and archeometry**. Amsterdam: Elsevier, 2000. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/book/9780444504876>
- CREAGH, D. C.; BRADLEY, D. A. (Edit.). **Physical techniques in the study of art, archaeological and cultural heritage**. Amsterdam: Elsevier, 2007. v. 2. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/bookseries/18711731/2>
- CRIBADO-BOADO, F. **Del Terreno a IEspacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología dei Paisaje**. CAPA 6. Criterios y Convenciones em Arqueología del Paisaje. Universidade de Santiago de Compostela. 1999.
- COLINVAUX, P. **Ecology**. Editora John Wiley & Sons, Inc. 1986.
- COMERLATO, F. **As representações rupestres do litoral de Santa Catarina**. CONGRESSO DA SAB: arqueologia, patrimônio e turismo, XIII, 2005, Campo Grande (MS). Anais... Campo Grando (MS): Ed. Oeste, 2005. CD ROM.
- CUNHA, Manoela Carneiro (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

CURY, Isabele. **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

- D -

DARWIN, Charles. **A origem e evolução das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

DAVID, Nicholas; KRAMER, Carol. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia. **Horizontes Antropológicos**, v. 8, n. 18, p. 13-60, 2002.

DAVIDSON, D. A. **Geomorphology and archaeology**. IN: Archaeological Geology. London, 1985.

DAVIES, N. Los antiguos reinos del Peru. Barcelona: Critica, 1998.

DAVIS, S. J. M. **The Archaeology of Animals**. London. New Haven: Yale University Press. 1987.

DAWKINS, Richard. **A grande história da evolução: na trilha dos nossos ancestrais**. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAUVOIS, M. **Precis du dessin dynamique et struturel des industries lithiques préhistóriques**. Paris: Ed. Pierre Fanhac, 1976.

DENCKER, Ada de Freitas; DA VIÁ, Sarah C. **Pesquisa empírica em Ciências Humanas**. São Paulo: Futura, 2001.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

DOBZHANSKY, Theodosius Grigorievich. **O Homem em evolução**. 2ed. Sao Paulo: Universidade de Sao Paulo, 1968. 422p.

DORLING, D., FAIRBAIRN, D. **Mapping ways of representing the world**. Essex: Longman, 1997. 184p.

DRENNAN, R. D. **Statistics for Archaeologists: a common sense approach**. 2ed. Berckley: Springer, 2009. 327p.

DREWETT, P. L. **Field Archaeology: An Introduction**. London: Taylor & Francis, 2001.

DUNNEL, Robert C. **Classificação em arqueologia**. São Paulo: EDUSP, 2006.

DURAN, Leandro D. **Arqueologia Marítima de Um Bom Abrigo**. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.338.

DYCE, K.M, SACK, W.O. e WENSING, C.J.G. (1996). **Textbook of Veterinary Anatomy**. W.B. Saunders Company, Philadelphia, Pennsylvania, U.S.A.

- E -

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos).

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Descolonizando a arqueologia no brasil: contribuições da etnoarqueologia para a compreensão e preservação de cemitérios indígenas no estado de mato grosso do sul. **Cuadernos del**

**Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano–Series Especiales**, v. 2, n. 3, 2015.

ESTEVES, F.A. **Fundamentos de limnologia**. Rio de Janeiro, Interciência, 1998.

- F -

FAGUNDES, Marcelo. O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. **CANIDÉ**. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. n. 4. Aracaju: UFS, dezembro de 2004.

FARACO, Carlos Alberto e MANDARIK, David. **Prática de redação para estudantes universitários**. Vozes: Petrópolis, 1987.

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. **Prática de textos: língua portuguesa para nossos estudantes**. Vozes: Petrópolis, 1992.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 200-217, 2006.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: curso básico: livro do estudante**. 2007.

FERNANDES, T. **Vamos criar um sentimento?** Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-15042008-144626/pt-br.php>.

FERNANDES, A. G. & BEZERRA, P. **Estudo fitogeográfico do Brasil**. Fortaleza: Stilus Comunicações, 1990.

FERREIRA, Ialy Cintra et al. ARQUEOLOGIA SUBAQUÁTICA: Linhas de pesquisa científica no Brasil entre 1970 e 2014. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 14, n. 27, p. 219-234, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FIEDEL, S. **Prehistoria de América**. Barcelona: Critica, 1996.

FISH, S. K.; KOWALEWSKI, S. A. (Eds.). **The Archaeology of Regions. A Case for Full-Coverage Survey**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.

FLINT, R. F. **Glacial and Quaternary Geology**. Nova York: John Wiley & Sons, 1971, 892 p.

FLOOD, J. **Rock art of the dreamtime**. Sydney: Angus & Robertson, 1997.

FOGAÇA, E. Análise preliminar de algumas indústrias líticas lascadas recuperadas em Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Xingó: UFS, Chesf, Petrobras. 1997 (Documento 3).

FOLEY, Robert. **Os humanos antes da humanidade**. São Paulo: UNESP, 2003.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 1997.

FORSSMAN, T.; GUTTERIDGE, L. **Bushman Rock Art**. Pinetown: Southbound, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Brasiliense: São Paulo, 1994.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, P.P.A. Teoria Arqueológica na América do Sul. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Coleção "Primeira Versão" 76), 1998, 51pp.

FUNARI, P.; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. **Ética, Capitalismo e Arqueologia Pública no Brasil**. História, v.27, n.2, p.13-30, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a02v27n2.pdf>.

FUNARI, P.P.A.; ORSER, E.C. Jr.; SCHIAVETTO, S.N.O. (Orgs.) **Identidades, Discurso e Poder: Estudos de Arqueologia Contemporânea**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005.

FUNARI, P. P.; ZARANKIN, A.; REIS, J. A. (orgs.). **Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

FUMDHAMENTOS – Revista da Fundação Museu do Homem Americano. São Raimundo Nonato (Piauí): Anais da Conferência Internacional sobre o povoamento das Américas, 1996.

- G -

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1980.

GASPAR, Madu. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GATTI, Bernardete Angelina; FERES, Nagibe Lima. **Estatística básica para ciências humanas**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977. 163p.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GENDROP, P. A civilização maia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIONGO, Affonso Rocha. **Curso de desenho geométrico**. 34ª edição. São Paulo: Nobel, 1984.

GNECCO, Cristóbal. Archaeology and historical multivocality: a reflection from the Colombian multicultural context. In: POLITIS, Gustavo G.; ALBERTI, Benjamin (Eds.). **Archaeology in Latin America**. 2. ed. New York: Routledge, 2005.

GNECCO, Cristóbal; HABER, Alejandro. **Arqueología Suramericana – Arqueologia Sul-Americana**. V.4, N.1, Janeiro 2008. Disponível em: [http://worldarch.org/wp-content/uploads/2008/05/RAS\\_4.1\\_2008.pdf](http://worldarch.org/wp-content/uploads/2008/05/RAS_4.1_2008.pdf)

GOLDBERG, Paul & MACPHAIL, Richard I. **Practical and Theoretical Geoarchaeology**. Oxford: Blackwell Science, 2006.

GOLDENBERG, M. 2009. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. In:\_\_\_\_\_. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record. (pp.16-24).

GOMES, Denise Maria Cavalcante. Metodologia da pesquisa arqueológica: uma introdução. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 513-516, set.-dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n3/02.pdf>.



GOMES, N. L.; SILVA, P. B. G. e (Org). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

GÓMEZ, M. R. **Patrimonio y Turismo**. Disponível em: [www.naya.org.ar/](http://www.naya.org.ar/)

GOMIDE, J. H., SILVA, P. R., BRAGA, S. M. M. **Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural**. Brasília: Ministério da Cultura. 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Os Limites do Patrimônio in Antropologia e Patrimônio Cultural: Diálogos e Desafios Contemporâneos*. Org. Manuel Ferreira Filho, Cornélia Eckert e Jane Felipe Beltrão. Ed. Nova Letra, 2007. p.239-248.

GONÇALVEZ, J. Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/IPHAN, 1996.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. (ed.). Arqueología Simétrica. Un Giro Teóricos in Revolución Paradigmática (with commentary). **Complutum**, 18, p. 283-319, 2007. Disponível em: <http://humanitieslab.stanford.edu/23/814>.

GONZALES, I.; FREIRE, C.; MORENTE, L.; ASENSIO, E. **Los Sistemas de Información Geográfica y la Investigación em Ciencias Humanas y Sociales**. Madrid, 2012.

GOULD, R. **Recovering the Past**. Albuquerque: University of New Mexico, 1990.

GOWLETT, John. **Arqueologia das primeiras culturas**. Barcelona: Folio, 2007. 212p.

GRANJA, Elza Corrêa et.al. **Normalização de referências bibliográficas**: manual de orientação. 3ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1997.

GREGOIRE, Maia; MERLO, Gracia. **Grammaire progressive du Français**: avec 400 exercices, niveau débutant. Paris: Cle International, 2004.

GROTZINGER, John; JORDAN, Tom. **Para entender a Terra**. 6ed. Porto Alegre: Bookman, 2013. 738p.

GRUZINSKI, Serge. **A passagem do século - 1480-1520**: as origens da globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. da (org). **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

GUERRA, A. J. T.; BATISTA, Sandra da Cunha. (org.). **Geomorfologia e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1996.

GUIDON, N. **As Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato**. Revista CLIO, Recife, n. 5, 1988. (Série Arqueológica).

GUIDON, N.; BUCO, C. **Zone 3**: Brésil - Nordeste – Etats du Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte et Paraíba. In: ICOMOS - World Heritage Convention. (Org.) Paris, Rock Art of Latin America & the Caribbean, n. 1, p. 122-137, 2006.

- H -

HAYS-GILPIN, K. A. **Ambiguous Images**. Walnut Creek. Altamira Press, 2003.

HEMMING, John. **Ouro vermelho**: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.

HEWINGS, Martin. **Advanced grammar in use**: a self-study reference and practice book for advanced learners of English. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HILDEBRAND, Milton; GOSLOW, G. E. **Análise da estrutura dos vertebrados**. 2ed. São Paulo: Atheneo, 2006. 637p.

HILL, C.L. **Geoarchaeology**. The Earth-Science Approach to Archaeological Interpretation. Chelsea: BrookCrafters, 1998.

HEMMING, John. **Ouro vermelho**: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.

HODDER, Ian (Ed.). **Archaeological theory today**. Cambridge: Polity Press, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HOLZ, M. e SIMÕES, M.G. **Elementos Fundamentais de Tafonomia**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002. 232p.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia prático de Educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

HORTAS, A. I. **Entre as Pedras**: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres de Diamantina, Minas Gerais. São Paulo. MAE – USP, 2009. (Tese de Doutorado).

- I -

IANNUZZI, R.; VIEIRA, C. E. L. **Paleobotânica**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

IBGE. **Noções básicas de Cartografia**. Manuais Técnicos em Geociências. No. 8. Rio de Janeiro: FIBGE, 1999. 130p.

ICOMOS. A carta internacional do ICOMOS sobre proteção e gestão do patrimônio cultural subaquático. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 7, 1997, p. 209-213.

INFANTE, Ulisses. Do texto ao texto. Scipione: São Paulo, 1991.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN – Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/legislacao>

IPHAN. **Revista do Patrimônio**. Rio de Janeiro, n. 33, 2007.

IRISH, J.D; SCOTT, G.R. **A Companion to Dental Anthropology**. Chichester: *Wiley Blackwell*, 2016.

ISKANDER, Z. A Arqueologia da África e suas técnicas – Processos de datação. In: KI-ZERBO, J. (Edit.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 213-246. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

- J -

JOHANSON, Donald; EDGARD Blake; BRILL, David. **From Lucy to Language**. New York: Simon & Schuster,

2006.

JOHNSON, Matthew. **Teoría Arqueológica - Una Introducción**. Barcelona: Ariel S. A., 2000.

JORGE, Vítor Oliveira. **Arqueologia, património e cultura**. Lisboa: ED. Instituto Piaget, 2000.

MATOS, Alexandre. Da escavação ao Museu: caminhos da informação. **Práxis Archaeologica**, Lisboa: Associação Profissional de Arqueólogos, n. 2. 2007.

JOUKOWSKY, M. **A Complete Manual of Field Archaeology: tools and techniques of field work for archaeologists**. New York: Prentice-Hall Press, 1986.

- K -

KENT, S. **Method and Theory for Activity Area Research (An Ethnoarchaeological Approach)**. New York, Columbia University Press, 1987.

KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000318.pdf> LEAKEY, Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

KLOKLER, D.; VILLAGRÁN, X.S.; GIANNINI, P.C.F., PEIXOTO, S.; DEBLASIS, P. Juntos na costa: zooarqueologia e geoarqueologia de sambaquis do litoral sul catarinense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 20: 53-75, 2010.

- L -

LAMING-EMPERAIRE, Annette. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Curitiba: EDUFPR, 1967.

LAGE, M. C. S. M. **Conservação de arte rupestre**. Teresina: Alínea, 1996.

LAGE, Maria Conceição Soares Meneses. A conservação de sítios de arte rupestre. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 33 – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília: IPHAN, 2007.

LAGE, M. C. S. M. e LAGE, W. Conservation of rock-art sites in Northeastern Brazil; IN: **Open-Air Rock-Art Conservation and Management – State of the Art and Future Perspectives**; Ed. Routledge Studies in Archaeology, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis; metodologia jurídica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod\\_resource/content/1/colonialidade\\_do\\_saber\\_eurocentrismo\\_ciencias\\_sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf).

LAP – Laboratório de Arqueologia Pública. **Revista de Arqueologia Pública**. Unicamp. Disponível em: <http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica/>

- LAPPONI, Juan Carlos. **Estatística usando excel**. São Paulo: Lapponi Treinamento, 2000. 450p.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.
- LEAKEY, Richard; LEWIN, Roger. **O povo do lago: o homem – suas origens, natureza e futuro**. 2.ed. Brasília: UNB, 1996.
- LEMOS Carlos A.C. **O que é patrimônio histórico**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LE PETIT, Robert. Dictionnaire de la Langue Française. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.
- LEROI-GOURHAN, André. **Evolução e técnicas**. Lisboa: Ed. 70, 1984.
- LERY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 205-222.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "A ciência do concreto". IN: \_\_\_\_\_. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1992.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naif, 2008.
- LEVIN, Jack. **Estatística aplicada a ciências humanas**. 2ed. São Paulo: Harbra, 1978. 392p.
- LEVINE, David M; STEPHAN, David; BERENSON, Mark L. **Estatística: teoria e aplicações usando Microsoft Excel em português**. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 811p.
- LIMA, Luis C. F. **O desenho como substituto do objecto: Descrição científica nas imagens do desenho de materiais arqueológicos**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Belas Artes: Universidade do Porto, 2007.
- LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Darcy. (ed.). **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes, v.2, p. 137-229. 1986. (Edição atualizada do Handbook of south american indians).
- LIMA, Tânia Andrade. **Zooarqueologia: Considerações Teórico-Metodológicas**. Dédalo. São Paulo, 1989.
- LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico. **Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material**. n. 1. São Paulo: EDUSP, 1993.
- LIMA, Tânia Andrade. Restos humanos e arqueologia histórica: uma questão de ética. In: **Historical Archaeology in Latin America**. n. 5. Columbia: The University of South Carolina, 1994.
- LIMA, Tania Andrade. Nos mares do sul: a pré-história do centro-meridional brasileiro. In: BANCO DO BRASIL. **Antes - História da Pré-História**. Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo: Centro Cultural do Brasil, 2004.
- LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas. v. 6, n. 1, janeiro/abril, 2011.
- LIMAVERDE, Rosiane. **Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe, Nova Olinda, Ce**. Tese de doutorado em Arqueologia, Universidade de Coimbra, Portugal, 2015.
- LINOTT, Mark J. Ethical principles and archaeological practice: development of an ethics policy. **American Antiquity**. v. 62, n. 4, 1997.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

LORÊDO, Wanda M. **Manual de Conservação em Arqueologia de Campo**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Proteção, 1994.

LOURDEAU, Antoine. A pertinência de uma abordagem tecnológica para o estudo do povoamento pré-histórico do Planalto Central do Brasil. **Habitus**, v. 4, n. 2, p. 985-710, 2006.

LUCKESI, Cipriano et.al. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

- M -

MADEIRA J. L. **O desenho na Arqueologia**, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras , 2002, Coimbra.

MADRIGAL, L.; GONZALÉZ-JOSÉ, R.. **Introducción a la Antropología Biológica**. Book 1, 2016. Publicação opensource disponível em: [http://scholarcommons.usf.edu/islac\\_alab\\_antropologia/1](http://scholarcommons.usf.edu/islac_alab_antropologia/1)

MAHAN, Bruce M.; MYERS, R. J. **Química - Um Curso Universitário**. 4. ed. São Paulo: Ed. Edgard Blucher LTDA, 1995.

MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo?** A questão dos Bens Culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira/Fundação Nacional Pró-Memória, 1995.

MAROTE, d'Olim. **Mini-dicionário (Francês-Português)**. São Paulo: Ática, 1998.

MARQUES, Marcélia. **Pedra que te quero palavra: discursividade e semiose no (con)texto arqueológico**. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2010.

MARQUES, P. **Lições de Propedêutica Anatómica**. Faculdade de Medicina Veterinária, Lisboa, 1995.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 3. ed. Recife: Editora da UFPE, 1999.

MARTINS, Dilamar Cândida et al. **Gestão e tratamento do acervo arqueológico: rta – salas Judite Ivanir Breda**. **Revista de Arqueologia**. v. 14/15. São Paulo: SAB, 2001 – 2002.

MARTINS, Dileta Silveira e ZILBERNOP, Lúbia Seljar. **Português instrumental**. Prodil: Porto Alegre, 1979.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Brasiliense: São Paulo, 1994.

MARX, K. *On Society and Social Change*. Chicago: Chicago University Press, 1973. MATINI, L. et al. **Fundamentos e reconstrução de antigos níveis marinhos do Quaternário**. Boletim IG-USP, publicação Especial 4, 1986, 161 p.

MEDEIROS, Iago Henrique Albuquerque de. **Processos de formação do registro arqueológico em dunas eólicas: os sítios do litoral setentrional do Rio Grande do Norte, Brasil**. Dissertação. Aracaju: 2005. Universidade Federal de Sergipe: Centro de Educação e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

MEGGERS, B. **América pré-histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

- MEHRER, M. & WESCOTT, K. **GIS and Archaeological Site Location Modeling**. New York, 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da museologia**. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994.
- MICHEL, Maria Helena. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009
- MITHEN, Steven. **Pré-História da Mente**. São Paulo: Unesp, 2002.
- MONTEIRO, John. **O índio na história do Brasil: informações, estudos, imagens**. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/>
- MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 295-305, 2006.
- MORAIS, J. L. **Tecnologia lítica**. Erechim (RS): Habilis, 2009.
- MORALES JR. R. Considerations on the Art and Aesthetics of the Rock Art. In: T. Heyd and J. Clegg (ed.) **Aesthetics and Rock Art**. Aldeshot: Ashgate. 2005a. MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MOTT, Luiz R. B. Piauí Colonial. **População, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- MUCKELROY, Keith. **Maritime Archaeology**. (New Studies in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- MUNHOZ, Rosangela. Inglês instrumental: estratégias de leitura. Módulo I. São Paulo: Textonovo, 2000.
- MURPHY, Raymond. **English grammar in use: a self-study reference and practice book for intermediate students**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- N -
- NAJJAR, Rosana. **Arqueologia Histórica: manual**. Brasília: IPHAN, 2005.
- NAUTICAL ARCHAEOLOGY SOCIETY. **Archaeology underwater: the NAS guide to principles and practice**. Portsmouth, 1995. NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009 (Coleção Primeiros Passos).
- NEVES, W. Uma proposta pragmática para cura e recuperação de esqueletos humanos de origem arqueológica. Bol. do Museu paraense Emílio Goeldi, Série Antropológica, 4(1);3-26. 1988.
- NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- NEVES, Walter Alves. Assim Caminhou a Humanidade. São Paulo, Palas Athena, 2015. 320p.
- NEVES, W. A.; PILÓ, L. B. O povo de Luzia. Em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo, 2008.
- NIELD E.W.; Tucker, V.C.T. 1985. **Palaeontology: an Introduction**. Pergamon Press, Oxford, 178p.
- NUNAN, David. Second language teaching & learning. Massachusetts: Heinle & Heinle Publishers, 1999.

NUNES, Odilon. **Os primeiros currais**. Teresina: Comepi, 1972. (Monografias do Piauí, série histórica).

- O -

ODUM, Eugene Pleasants. **Fundamentos de ecologia**. 8ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

OLIVÉ, Leon (Ed.). **Ética y diversidad cultural**. Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1997.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2.ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

ORSER Jr., Charles E. **Introdução à arqueologia histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

ORR, Robert T. **Biologia dos vertebrados**. 5ed. Sao Paulo: Roca, 1986. 508p.

ORTON, Clive. **Pottery in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

OLSON, Steve. **A história da humanidade**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

- P -

PACHECO, Mirian L. A. F. **Zooarqueologia dos sítios arqueológicos Maracaju 1, MS e Santa Elina, MT**. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. São Paulo, 2008, 285 p.

PEARSON, M.P. **The Archaeology of death and burial**. Gloucestershire: Sutton Publishing, 2005.

PEIXOTO, Renata Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos Cedex**, v. 26, n. 69, p. 205-229, 2006. PENTEADO, M.M. **Fundamentos de Geomorfologia**. IBGE, Rio de Janeiro, 1994, 113p.

PERRRENOUD, P. **A Pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. 2ª edição. Trad.: Schilling, Cláudia. Porto Alegre: Artmed. 2001.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-história**. São Raimundo Nonato (PI): A & A Comunicação, Parque Nacional Serra da Capivara, 2003.

PIAGET, Jean. **A Formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho. Imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 370 p.

PIAZZINI, C. - Arqueología, espacio y tiempo: una mirada desde latinoamerica in: **Arqueología Suramericana** 2 (1): 3-25. 2006

POLITIS, G (ed). **Arqueología Latinoamericana Hoy**. Bogotá, Editorial del Fondo de Promoción de la Cultura, 1992

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: Algumas Reflexões sobre ética na História Oral**, In: **Ética e História Oral Projeto História**, nº 15, Revista do departamento de História da PUC SP, São Paulo: Abril de 1997, p. 13-33.

PROUS, André. Os artefatos líticos: elementos descritivos classificatórios. In: **Arquivos do Museu de História**

**Natural – UFMG.** Belo Horizonte: UFMG, v. 11, 1986/90.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: UNB Editora, 1992.

- Q -

QGIS 2.8 **Guia do Usuário.** 2016.

- R -

RAINBIRD, Paul. **The archaeology of the islands.** Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

RAMBELLI, Gilson. **Arqueologia até debaixo d'água.** São Paulo: Maranta, 2002.

REDMAN, C. Multistage Fieldwork and Analytical Techniques. **American Antiquity.** 38 (1), 1973, p. 61-79.

REGO, Junia Motta A. N. do. **Dos Sertões aos Mares:** História do Comércio e dos Comerciantes de Parnaíba (1700 – 1950). 2010. 291 f. Tese (Doutorado em História). – Universidade Federal Fluminense: UFF. Niterói, 2010.

REIS, José Alberione dos. **“Não pensa muito que dói”:** um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Tese de Doutorado. Campinas: 2004. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em História.

REITZ, E. J. & WING, E. S. **Zooarchaeology.** Cambridge: Cambridge University Press (Cambridge Manuals in Archaeology), 1999.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología:** teoria, métodos y practica. Madrid: Akal Ediciones, 1993.

RESOURCE: The Council for Museums, Archives and Libraries. **Conservação de Coleções.** São Paulo: EDUSP/Fundação Vitae, 2005. (Museologia. Roteiros Práticos; 9).

REVISTA BRASILEIRA DE ARQUEOMETRIA, RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO. Recife: AERPA, 2006-. Disponível em: <<http://www.restaurabr.org/siterestaurabr/home.html>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

RIBEIRO, Maria do Carmo Franco. **A Arqueologia e as Tecnologias de Informação. Uma Proposta para o Tratamento Normalizado do Registo Arqueológico.** Dissertação defendida pela Universidade de Minho, Braga, 2001. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8603/1/TESE\\_MESTRADO.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8603/1/TESE_MESTRADO.pdf)

RIBEIRO, M.S. **Arqueologia das Práticas Mortuárias:** uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

RICKLEFS, Robert E. **A Economia da natureza.** 5ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

RIEGL, A. **O Culto Moderno dos Monumentos.** 1. ed. Ed. Perspectiva. 2014.

RIDLEY, Matt. **O que nos faz humanos.** Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004.

RIZZINI, C. T. **Tratado de fitogeografia do Brasil:** aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos. Âmbito Cultural Edições Ltda., 1997.



- RIZZINI, C. T.; COIMBRA, A. F. & HOVAISS, A. **Ecosistemas brasileiros**. Rio de Janeiro: Index, 1988.
- RKE, H.; SMITH, C. **The Archaeologist's Field Handbook**. Crows Nest: Alenandunwin, 2004. RODNEY, Carlos Bassanezi. **Modelagem Matemática: Ensino e Aprendizagem**. Editora Contexto, 2002
- ROBBEN, A.C.G.M. **Death, Mourning, and Burial: A Cross-Cultural Reader**. Victoria: Wiley-Blacwell, 2004.
- ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho; TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). **Ensino Fundamental: orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.
- ROMER, A. S. & PARSONS, T. S. **Anatomia Comparada dos Vertebrados**. São Paulo. Atheneu, 1985.
- ROSS, J. L. S. **Relevo Brasileiro: Uma Nova Proposta de Classificação**. Revista do Departamento de Geografia, 4, FFLCH/USP, São Paulo, 253p. ROUSE, Irving. The classification of artifacts in archaeology. **American Antiquity**. v. 23, n. 3, 1960.
- RUBIN, Julio Cezar Rubin de; SILVA, Rosiclér Theodoro da. **Geoarqueologia: teoria e prática**. Editora da UCG, 2008.
- RUIBAL, Alfredo Gonzalez. Hacia otra arqueología: diez propuestas. **Complutum**, 2012, Vol. 23 (2): 103-116. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CMPL/article/viewFile/40878/39138>.
- RUPPERT, E. F. & BARNES, D. **Zoologia dos Invertebrados**. 7ª edição. São Paulo. Roca. 2005.
- RUSSELL, John Blair. **Química Geral**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2008. Volumes 1 e 2.
- S -
- SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SANCHIDRIAN, J. L. **Manual de Arte Prehistórico**. Ed. Ariel Historia, 2001.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTOS, Isabel Aparecida dos Santos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 97-114.
- SANTOS, Melquiades dos Santos. **Os artesãos da pedra: arqueologia e museologia das vasilhas de pedrasabão em Minas Gerais**. São Paulo: USP, 2011 (Dissertação de Mestrado).
- SCARRE, Geoffrey; SCARRE, Chris. **The Ethics of Archaeology: philosophical perspectives on archaeological practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro; DEMARTINI, Célia Maria Cristina; BUSTAMANTE, Alejandra. O aproveitamento científico de coleções arqueológicas: a coleção Tapajônica do MAE/USP. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, EDUSP, n. 6, 1996.
- SCHALLER, O. (1992). **Illustrated Veterinary Anatomical Nomenclature**. Ferdinand EnkeVerlag, Stuttgart.
- SHEEL-YBERT, R.; KLOKLER, D.; GASPAR, M.D. & FIGUTI L. 2005-2006 Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. Revista do

Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16: 139-163.

SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SEMAR - Secretária de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí. **ZEE – Zoneamento Ecológico e Econômico do Piauí**. 2010.

SEPLAN. **Plano Diretor de desenvolvimento Turístico Arqueológico do Piauí**. Governo do Estado do Piauí, PRODETUR, Banco do Nordeste, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

SHAEFER, M.; BLACK, S.; SCHEURER, L. **Juvenile Osteology – a Laboratory and field Manual**. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2009.

SHEKHAR, S.; XIONG, H. (Org.) **Encyclopedia of GIS**. New York, 2008.

SILVA, Cassio Roberto da. **Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro**. Rio de Janeiro: CPRM, 2008. 265p.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler**. Cortez: São Paulo, 1984. SILVA, Fabíola Andréa. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, v. 4, n. 1, p. 27-37, 2009.

SILVA, Fabíola Andréa. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. **Métis: história & cultura**, v. 8, n. 16, 2009.

SILVA, Fabíola Andréa. Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu: Um relato sobre a pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 143-172, dec. 2015. ISSN 1678-9857. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/108570/107406>.

SILVA, Jorge Xavier da; ZAIDAN, Ricardo Tavares. **Geoprocessamento e análise ambiental: aplicações**. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 363p.

SILVA, Vagner G. da 2006. **O Antropólogo e sua Magia nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-brasileiras**. São Paulo: EDUSP.

SISSON, S. e GROSSMAN, J.M. (1981). **Anatomia dos Animais Domésticos**. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana.

SKOOG, D. A.; HOLLER, F. J.; NIEMAN, T. A. **Princípios de Análise Instrumental**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

SOARES, A L. Ramos. **Educação Patrimonial: Relatos e Experiências**. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2003.

SOARES, Luiz Eduardo. **Hermenêutica e Ciências Humanas**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 1, p. 100-142, 1988.

SOBOLICK, K. D. **Archaeobiology**. California: Alta Mira Press. 2003 (Archaeologist's Toolkit 5)

SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. **Código de Ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira**,

aprovado em Assembleia Geral em 1997.

SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. Código de Ética da Sociedade de Arqueologia Brasileira, aprovado em Assembléia Geral em 2015.

SOLEILHAVOUP, F. L'étude, la dégradation et la protection des peintures rupestres préhistoriques. Exemple du Tassili (SaharaAlgérien). **Revue Caesar Augusta**, p. 115-153, n. 49 e 50, 1979.

SOUTH, Stanley. Reconhecimento de padrões na arqueologia histórica. **VESTÍGIOS**. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. v. 1, n. 1, jan./jun., 2007.

SOUZA, Adriana Grade Fiori et. al. **Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental**. São Paulo: Disal, 2005.

SOUZA, M. do S. E. de; SOUZA, C. N. N. de; GONÇALVES, L. R. L. R. et al. **Inglês instrumental. Estratégias de Leitura**. Teresina: Editora Halley, 2002.

SOUZA, Regina M. de; GOES, Maria C. R. de. **O ensino para surdos na escola Inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da incluso**. In: SKLIAR, C. Atualidades da Educação Bilingüe para surdos. Porto Alegre: Mediações. 1999. 1V. p. 163-187.

STEWART, J.H. **Handbook of South American Indians**. Volume 1 – The Marginal Tribes, 1946. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Publicação opensource disponível em: <https://archive.org/details/bulletin14311946smit>

STRINGER, Chris; ANDREWS, Peter. **The Complete World of Human Evolution**. Thames & Hudson, 2012.

SUGUIO, Kenitiro. **Geologia do Quaternário e mudanças ambientais**. São Bernardo do Campo: Oficina de Textos, 2010. 408p.

SUGUIO, Kenitiro; SUZUKI, Uko. **A Evolução geológica da Terra e a fragilidade da vida**. Sao Paulo: Edgard Blucher, 2003. 152p.

SUSANNE, C.; REBATO, E.; CHIARELLI, B. **Antropologia Biológica: Evolução e Biologia Humana**. Lisboa: Edições Piaget, 2014.

SWAN, Michael. **Practical english usage**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

SWARBROOKE, J. **Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

SYMANSKI, Luís Cláudio P.; SOUZA, Marcos André T. de. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. In: LIMA, Tânia A. (org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 33, p. 215-243, 2007.

- T -

TANTALÉAN, Henry; AGUILAR, Miguel (compiladores). **La arqueología social latinoamericana: de la teoría a la praxis**. Bogotá: Universidad de Los Andes, 2012. Disponível em: <http://lagunablanca.unca.edu.ar/assets/libro-arqueologia-social-latinoamericana.pdf>

TENÓRIO, M. C. (Org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

TOLEDO, Geraldo Luciano; OVALLE, Ivo Izidoro. **Estatística básica**. 2ed. São Paulo: Atlas, 2014. 459p.

TOCHETTO, Fernanda; MEDEIROS, João Gabriel Toledo. A louça em lixeiras urbanas: reflexões sobre atributos, datações e consumo em Porto Alegre. **Revista de Arqueologia**. v. 22, n. 1, jan./jul., 2009.

TOCCHETO, F.; THIESEN, B. A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 33, p. 175-199, 2007.

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

- U -

ULM, Sean. **Coastal themes: an archaeology of the Southern Curtis Coast, Queensland**. Canberra: Anu Press, 2006.

UNESCO. **Cartas patrimoniais**. Disponível em: <[http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL\\_ID=12024&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=12024&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)>.

UNIVERSIDADE FEDERAL PIAUÍ. Guia do Calouro.2018. Disponível em: [http://ufpi.br/arquivos\\_download/arquivos/PREG/Guia\\_do\\_Calouro\\_2018-1.c20180425171719.pdf](http://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/PREG/Guia_do_Calouro_2018-1.c20180425171719.pdf)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Informações gerais sobre o funcionamento da UFPI**. Disponível em: [www.ufpi.br](http://www.ufpi.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Normas de funcionamento dos cursos de graduação da Universidade Federal do Piauí**. Disponível em: [http://www.ufpi.br/arquivos/File/normas%20da%20graduacao%20APROVADO%20CEPEX%20\(2\).pdf](http://www.ufpi.br/arquivos/File/normas%20da%20graduacao%20APROVADO%20CEPEX%20(2).pdf)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Regimento Geral da Universidade Federal do Piauí**. Disponível em: [http://www.ufpi.br/arquivos/File/estatutos\\_e\\_regimentos/regimento\\_geral\\_ufpi.pdf](http://www.ufpi.br/arquivos/File/estatutos_e_regimentos/regimento_geral_ufpi.pdf).

- V -

VALLS, Álvaro L. M. O que é ética. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos), 1994.

VELOSO, T. P. G.; CAVALCANTI, J. E. A. O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico. **Revista de arqueologia**, v. 20

VILLAGRAN, Ximena S. **Geoarqueologia de um Sambaqui Monumental – estratigrafias que falam**. São Paulo: Annablume. Fapesp, 2010. 213p.

VIVAS, L. **El Cuaternario**, Mérida (Venezuela), Imprenta, 266 p, 1984.

- W -

WALDRON, T. Paleopathology. **Cambridge Manuals in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

WATERS, Michael R. **Principles of Geoarchaeology**. Tucson: University of Arizona Press, 1997.

WHEELER, Mortimer. **Arqueología de campo**. – 3. reimpr. – Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.

WHITE, T.; BLACK, M.; FOLKENS, P. 2012. **Human Osteology**. Amsterdam, Boston, Heidelberg, London, New York, Oxford, Paris, San Diego, San Francisco, Singapore, Sydney, Tokyo: Elsevier, 2012. WHITLEY, D. **Introduction to Rock Art Research**. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, Inc. 2005.

WÜST, Irmhild. Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 2, p. 13-26, 1992.

WYLIE, A. The reaction against analogy. In: SCHIFFER, M.B. (Ed.). **Advances in Method and Theory**. New York: Academic Press, 1985. pp. 63-111

WYLIE, Alison. Thinking from Things. **Essays in the Philosophy of Archaeology**. Berkeley: University of California Press, 2002.

- Z -

ZANETTINI, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando Bava. **Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?** São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2005.

ZARANKIN, Andrés e ACUTO, Félix A. (Eds). **Sed non satiata. Teoria social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporanea**, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, Colección Científica, 1999, 287 pp

#### FILMES:

1492 – *A Conquista do Paraíso* (1492: Conquest of Paradise, ESP/FRA/ING 1992)  
DIREÇÃO: Ridley Scott.

#### PÁGINAS NA INTERNET:

<http://www.onelook.com> (dicionário)

<http://sk.com.br/sk.html>

<http://www.rd.com>

## APÊNDICE A – FUNDAMENTOS LEGAIS DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO

O Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado do Curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, tem sua base legal pautada na Legislação Federal (Lei Federal nº. 11.788), no Regimento Geral da UFPI, no Projeto Pedagógico do curso de Arqueologia e na Resolução 177/2012 — CEPEX. Seguem abaixo excertos destas disposições legais, as quais tratam do estágio acadêmico obrigatório e estágio profissionalizante:

- I. Lei Federal nº. 11.788 de 25 setembro de 2008, da Subchefia para assuntos Jurídicos da Presidência da República – Dispõe sobre os estágios de estudantes; altera a redação do artigo 428 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº. 5. 452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nº. 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art.6º da medida Provisória nº. 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências;
- II. Regimento Geral da Universidade Federal do Piauí:  
“§ 2º O estágio de extensão é um momento de prática profissional e de atendimento a demandas.”  
(CAPÍTULO VI - Da Extensão).
- III. Resolução Nº. 177/2012, que institui as Normas dos Cursos de Graduação no âmbito da UFPI, orientando as diretrizes do Estágio Obrigatório:

### APRESENTAÇÃO

O Regulamento de Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, objetiva orientar os discentes do curso em relação à matrícula, obrigações, documentos necessários, atribuições dos agentes envolvidos (estagiário, supervisor de campo e coordenador/supervisor de estágio) e elaboração do relatório final pelos estagiários. O Coordenador do curso de Arqueologia, no uso de suas atribuições regimentais, torna público os procedimentos e regras para a realização do Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado nos termos deste Regimento.

### Das Disposições Gerais (Preâmbulo)

1. O Estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza. Devem ser observados os seguintes requisitos para o/a aluno/a candidato/a a estagiário/a:
  - (a) estar matriculado e ter frequência regular;
  - (b) respeitar o termo de compromisso no que ele dispõe sobre as obrigações do aluno, da parte concedente do estágio e da UFPI;
  - (c) haver compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.
2. O estágio curricular supervisionado é componente curricular obrigatório, indispensável à consolidação dos desempenhos profissionais desejados, inerentes ao perfil do formando.
  - 2.1. As atividades de estágio curricular poderão ser reprogramadas e reorientadas de acordo com os resultados apresentados pelo/a aluno/a.

**Nestes termos, o Regulamento de Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado dispõe:**

**Art. 1º** Os Orientadores/Supervisores de Estágio têm a atribuição de coordenar, supervisionar, controlar, acompanhar e avaliar as atividades de estágio dos alunos do Curso de Arqueologia conforme dispõem as Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação, a Lei nº11.788/2008, o Projeto Pedagógico do Curso de

Arqueologia e a Resolução 177/2012 – CEPEX. O exercício de tais atribuições deve se dar, outrossim, em respeito às competências específicas da Coordenação do Curso de Arqueologia, bem como em respeito às competências da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG) e da Pró-Reitoria de Extensão (PREX).

**Art.2º** O Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado deve ser coordenado pelos supervisores de estágio e pelo supervisor de campo (funcionário chefe ou encarregado da empresa na qual o aluno fará estágio).

§1º O Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado deverá ocorrer no intervalo de um (1) período acadêmico no qual o/a aluno/a deverá exercer suas funções estagiárias durante um turno (manhã ou tarde), perfazendo 20 (vinte) ou 30 (trinta) horas semanais de trabalho de segunda à sexta-feira, facultando à cada caso particular de convênio, o cumprimento do expediente aos sábados.

### **Etapas do Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado**

**Art.3º** O Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado possui carga horária total de 210 horas e acontece em uma única etapa, especificamente, durante o (7º) sétimo período, tendo como pré-requisito a disciplina Arte Rupestre II. O Estágio está voltado para a apresentação do local onde o/a aluno/a irá realizar seu estágio, descrição do setor do estágio, análise e diagnóstico do campo de estágio.

### **Procedimentos quanto à formalização do Estágio Supervisionado**

**Art.4º** Para matricular-se na disciplina de Estágio Curricular Obrigatório, conforme dispõe o Projeto Pedagógico do Curso de Arqueologia, o/a aluno/a deverá, preferencialmente, estar matriculado no 7º (sétimo) período.

### **Áreas de atuação**

**Art.5º** Os alunos deverão escolher uma área de atuação para o Estágio, levando-se em conta sua afinidade, a disponibilidade de tempo e a compatibilidade temática com o/a orientador/a. São exemplos de áreas possíveis de atuação para estágio no curso de Arqueologia:

- 1) Realizar trabalhos nos laboratórios vinculados à Coordenação do Curso de Arqueologia da UFPI (Laboratório de Arqueologia e Estudos de Tecnologia, Laboratório de Arqueometria e Arte Rupestre, Laboratório de Paleontologia e Bioarqueologia, assim como laboratórios de arqueologia que estejam conveniados;
- 2) Realizar o estágio no Núcleo de Antropologia Pré-histórica, ou em outros núcleos e reservas técnicas conveniados à UFPI;
- 3) Atuar no Museu de Arqueologia e Paleontologia, além de outros museus que já tenham convênio com a UFPI;
- 4) Executar o estágio em empresas privadas que realizam a atividade arqueológica por contrato e que seja previamente conveniada com a instituição;
- 5) Exercício de funções de docente-pesquisador em Universidades, Faculdades e Instituições de Ensino e Pesquisa.

### **Horários de atendimento da coordenação de estágio**

**Art.6º** A Coordenação de Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado do Curso de Arqueologia encontra-se localizada na sala da Coordenação do Curso, tendo seu horário de funcionamento compatível com o horário da referida Coordenação.

### **Horários de atendimento para orientação**

**Art.7º** Durante o sexto (6º) período os alunos deverão entrar em contato com o/a professor/a coordenador/a de estágio, o qual será indicado pelo colegiado do curso como titular da disciplina “Estágio Supervisionado”. Caberá a este professor/a apresentar aos alunos os convênios disponíveis para Estágio e articular a admissão do/a aluno/a numa das empresas conveniadas.

### **Prazo para entrega do relatório**

**Art.8º** O relatório de estágio deve ser entregue ao coordenador/a de estágio no prazo estabelecido pela Coordenação de Estágio no início, ou no final de cada semestre letivo.

### **Estágios**

**Art.9º** Quanto aos documentos exigidos para matricular-se e dar início ao Estágio Curricular destacam-se o **Termo de Convênio** e o **Termo de Compromisso**. O Termo de Compromisso é o documento que firma acordo entre a UFPI, empresa concedente e o discente, norteador alguns direitos e deveres. Finalmente, conforme estabelece a Lei nº. 11.788, todo estagiário/a deve estar assegurado por uma **apólice de seguros** contra acidentes pessoais, que atuará em todo território nacional. O/a estagiário/a não pode pagar por nenhuma taxa em decorrência de despesas administrativas do estágio, ficando esta sob responsabilidade da empresa contratante. Tal procedimento é realizado online via SIGAA, caberá ao aluno contratado entregar o termo de compromisso assinado ao contratante.

### **Estágios inválidos**

**Art.10º** O Estágio Obrigatório pode ser invalidado pela Coordenação de Estágio e/ou pelo supervisor da empresa conveniada, quando:

- a) O Estágio estiver em desacordo com a presente norma, com os regulamentos desta Universidade ou com a legislação brasileira vigente;
- b) A área de conhecimento não for compatível com o caráter do curso;
- c) A carga horária mínima não for atingida;
- d) Os objetivos propostos para o Estágio não forem atingidos;
- e) O/a discente não comparecer e não justificar a ausência nas reuniões marcadas pela Coordenação de Estágio e pelo orientador;
- f) O/a discente deixar de apresentar ou apresentar fora de prazo, as documentações exigidas pela Coordenação do Estágio;
- g) O Estágio for suspenso, exceto se a suspensão for motivada por desinteresse em continuidade, por quaisquer das partes, após o cumprimento dos objetivos e da carga horária mínima;
- i) Houver a ocorrência de situações que justifiquem a invalidação do Estágio, segundo quaisquer partes envolvidas, cabendo ao discente recurso junto à Coordenação do Curso;

Obs.: A invalidação do Estágio implica na REPROVAÇÃO do/a aluno/a na respectiva disciplina.

### **Estágios suspensos**

**Art.11º** O Estágio deve ser imediatamente suspenso se:

- a) O Estágio estiver em desacordo com a presente norma, com os regulamentos desta Universidade ou com a legislação brasileira vigente;
- b) As atividades desenvolvidas pelo/a estagiário/a estiverem fora dos objetivos do estágio obrigatório;
- c) As atividades desenvolvidas pelo/a estagiário/a estiverem fora dos padrões de ética exigidos pela Universidade Federal do Piauí;
- d) As atividades desenvolvidas pelo/a estagiário/a estiverem fora dos padrões de qualidade exigidos pelo curso;
- f) O/a estagiário/a deixar a condição de aluno desta Universidade;
- g) Houver desinteresse de continuidade da parte desta Universidade ou da organização cedente do estágio, sem prejuízo dos trabalhos em curso;
- h) O/a estagiário/a estiver exposto ou causando risco à vida, ao patrimônio e ao ambiente;
- i) Houver ato de má fé, fraude ou tentativa de fraude em atividades e documentação relativas ao estágio, por quaisquer das partes;
- j) Houver a ocorrência de situações que justifiquem a suspensão do estágio, segundo quaisquer partes envolvidas, cabendo ao discente recurso junto à Coordenação de Curso.

Obs.: A suspensão do Estágio implica na REPROVAÇÃO do/a aluno/a na respectiva disciplina, exceto se a suspensão for motivada por desinteresse em continuidade, por quaisquer das partes, após o cumprimento dos objetivos e da carga horária mínima.

### **Atribuições do/a estagiário/a**



**Art.12º** São atribuições dos/as alunos/as matriculados/as nas disciplinas de Estágio Obrigatório:

- a) Tomar conhecimento integral do conteúdo das normas que regem as disciplinas, que estão disponibilizadas neste manual e na Coordenação do Curso;
- b) Agendar com o professor orientador/supervisor, as datas e horários para o acompanhamento do relatório;
- c) Procurar o/a professor/a supervisor/a (coordenador/a de estágio) e agendar horários para a definição do plano de trabalho e para elaboração do relatório de estágio, o qual deverá estar definido segundo as áreas de conhecimento inseridas nas normas vigentes;
- d) Entregar, dentro do prazo estabelecido pela Coordenação de Estágio, todos os documentos necessários a consecução do estágio, bem como relatório do estágio as atividades realizadas.
- e) No caso de estágio em instituições conveniadas, o aluno apresentará ao professor da disciplina, mensalmente, relatório com a comprovação da frequência e das atividades desenvolvidas, relatório este devidamente assinado pelo profissional orientador do aluno-estagiário.

### **Atribuições do Coordenador de Estágio**

**Art.13º** São consideradas obrigações do/a professor/a supervisor/a (coordenador de estágio, titular da disciplina "Estágio Curricular"):

- a) Elaborar a programação semestral de estágios obrigatórios;
- b) Orientar os alunos, na elaboração dos seus planos e relatórios de estágio;
- c) Acompanhar e orientar a execução das atividades dos estagiários;
- d) Avaliar o desempenho dos estagiários atribuindo-lhes conceitos expressos sob a forma adotada pela Universidade;
- e) Cobrar dos estagiários, ao final do período letivo, o relatório correspondente ao Estágios Curricular;
- f) Contribuir para a elaboração ou reelaboração de normas ou critérios específicos do Estágio Curricular do Curso, com base nas legislações vigentes e na experiência da coordenação dos estágios;
- g) Informar a Coordenação de Estágio Obrigatório da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (CEO/PREG) os Campos de Estágio, tendo em vista a celebração de Convênios e Termos de Compromisso;
- h) Fazer, no final do período, levantamento acerca do número de alunos aptos e pretendentes ao estágio, em função da programação semestral;
- i) Elaborar a cada semestre, junto com a coordenação, as programações de Estágio Curricular que serão enviadas CEO/PREG no prazo estabelecido no Calendário Acadêmico;
- j) Orientar e encaminhar os alunos aos Campos de Estágio;
- k) Acompanhar o desenvolvimento do Estágio, tendo em vista a consecução dos objetivos propostos;
- l) Enviar a CEO/PREG, no final de cada período letivo, o relatório correspondente ao Estágio curricular do Curso.
- m) Caberá aos professores das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado estabelecer o plano de atividades dos alunos-estagiários matriculados na respectiva turma;
- n) Os Supervisores de Estágio publicarão cadastro das instituições conveniadas;
- o) A atribuição da nota final do estagiário conforme critérios claros e previamente apresentados ao aluno. Tais critérios devem estar de acordo com as exigências da Resolução 177/2012 – CEPEX.

### **DO ESTÁGIO EXTRAORDINÁRIO**

**Art.14º** A prática real do estágio também poderá ser realizada, excepcionalmente, em projetos de extensão e pesquisa. O estágio extraordinário apenas será admitido com a prévia autorização dos Supervisores de Estágio.

### **ASPECTOS GERAIS DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

**Art.15º** O Relatório de Estágio Curricular é um documento acadêmico no qual o estagiário deve descrever sua experiência prática na empresa, sobretudo no que diz respeito à correlação entre o aprendizado acadêmico (empírico-teórico) e a experiência concreta. As observações do estagiário, contudo, devem estar sob a supervisão do coordenador de estágio. As informações gerais acerca da elaboração de tal Relatório devem ser fornecidas pelo Coordenador de Estágio nas semanas iniciais de cada semestre em aulas previamente marcadas. O Coordenador de Estágio deve esclarecer em pormenor os procedimentos e critérios para elaboração do documento. Os itens do relatório apresentado pela Coordenação de Estágio não são fixos ou

definitivos. São apenas sugestões que devem se coadunar às particularidades de cada estágio ou área de trabalho.

### **Relatório de Estágio Curricular**

**Art.16º** O Relatório do Estágio Curricular tem como objetivos:

1) Descrever a empresa - o local do campo de estágio, seu histórico, missão, visão e filosofia (ou política) de trabalho, sua estrutura organizacional e serviço. Entre os principais requisitos estão:

- a) Razão social da empresa;
- b) Endereço, CNPJ, telefone, principal contato (presidente);
- c) Histórico (como foi criada a empresa e quando);
- d) Segmento de atuação;
- e) Principais atividades desenvolvidas durante a realização do estágio;
- f) Organograma (apresentação dos principais dirigentes considerando os responsáveis de linha e assessoria);
- g) Missão empresarial;
- h) Visão de futuro;
- i) Objetivos organizacionais.

2) Apresentar o campo de estágio – Isto é, o setor e as atividades que o estagiário está habilitado a desempenhar. Nesta apresentação deve constar, no mínimo:

- j) Justificar a escolha; proceder uma descrição das atividades desenvolvidas pelo estagiário;
- k) A apresentação das atividades ou rotinas em fluxograma;
- l) A conclusão do capítulo: apresentação da importância das atividades do setor para a empresa, sob a ótica do estagiário;

3) No que diz respeito à correlação teoria e prática deve constar:

- m) Abordagem das principais problemáticas identificadas pelo estagiário;
- n) Análise de, pelo menos, uma das problemáticas que é considerada pelo estagiário de maior predominância ou que requer maior atenção por parte dos administradores/responsáveis do setor;
- o) Relacionar as teorias ou abordagens estudadas no curso as quais envolvam o problema, realizando uma comparação entre a teoria e a prática;

## APÊNDICE B – REGULAMENTO PARA EXECUÇÃO DO TRABALHO MONOGRÁFICO DE CONCLUSÃO DE CURSO

### **CAPÍTULO I DA NATUREZA**

**Art. 1º**– A **Monografia**, ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é parte integrante da estrutura curricular obrigatória do Curso de Graduação em Arqueologia, e funcionará sob a forma de duas disciplinas, Monografia I e Monografia II, com carga horária de 60 horas, cada.

**Parágrafo único** – A disciplina Monografia I compreenderá a elaboração do projeto de pesquisa e deverá ser cursada no 6º semestre, enquanto a Monografia II refere-se à execução do projeto e redação da monografia, devendo ser cursada no 8º semestre.

### **CAPÍTULO II DAS FINALIDADES E OBJETIVOS**

**Art. 2º** – A Monografia é uma atividade acadêmica obrigatória, que visa complementar o ensino teórico-prático, com o objetivo de desenvolver o espírito criativo, científico e crítico do aluno de graduação, capacitando-o na abordagem de problemas e proposição de soluções, sob a orientação de um professor-orientador.

**Art. 3º** – A área de conhecimento da monografia será de livre escolha do estudante, em consonância com as linhas de pesquisa do professor-orientador vinculado ao Curso de Arqueologia.

### **CAPÍTULO III DAS ATRIBUIÇÕES E DIREITOS**

**Art. 4º** – São atribuições do professor-orientador da monografia:

- Orientar a elaboração do projeto de pesquisa (Monografia I) e as atividades inerentes ao seu desenvolvimento.
- Acompanhar a execução das atividades relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa (Monografia II).
- Orientar a redação da monografia.
- Encaminhar à Coordenação do Curso o projeto de pesquisa (Monografia I), em arquivo eletrônico, formato pdf, para a formação de um banco de dados.
- Autorizar o aluno a submeter a monografia à avaliação da banca examinadora, utilizando para isso o formulário próprio, devidamente assinado por ambos (Monografia II).
- Designar, caso o trabalho assim o exija, um co-orientador, que poderá ser um docente da UFPI ou de outra instituição.

**Art. 5º** – São atribuições do Orientando:

- Elaborar o projeto da Monografia I, sob a orientação do professor-orientador.
- Executar as atividades relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa e elaborar o texto monográfico (Monografia II).
- Defender publicamente a monografia elaborada como produto final da Monografia II.

- Expor à Coordenação do Curso, em tempo hábil, problemas que dificultem ou impeçam a realização do projeto de pesquisa, visando encontrar soluções.

**Art. 6º** – São direitos do Orientando:

- Receber orientação do professor-orientador no período de realização da monografia.
- Dispor dos elementos básicos necessários à execução das atividades previstas no projeto de pesquisa, dentro das possibilidades científicas, técnicas e financeiras da UFPI.

## **CAPÍTULO V DA AVALIAÇÃO**

**Art. 7º** – A avaliação da monografia será feita por disciplina (Monografia I e Monografia II) observando o estabelecido nos artigos 5º e 14º da Resolução Nº 043/95 CEPEX.

§ 1º O estudante matriculado na disciplina Monografia I será avaliado pelo projeto de pesquisa elaborado.

§ 2º O estudante matriculado na disciplina Monografia II será avaliado com base no trabalho de monografia, apresentado oralmente a uma banca examinadora, em defesa pública.

## **CAPÍTULO VI DA APRESENTAÇÃO E JULGAMENTO DA MONOGRAFIA**

**Art. 8º** – A Monografia deverá ser depositada em três vias de igual teor, junto com a lista dos membros que irão compor a banca examinadora – com visto do orientador –, na Coordenação do Curso de Arqueologia, no prazo mínimo de 30 (trinta) dias antes da data prevista para a defesa pública.

**Art. 9º** – A Banca Examinadora para avaliação da Monografia será aprovada em reunião de Colegiado do Curso, sendo constituída de no mínimo 3 (três) membros, sob a presidência do professor-orientador.

§ 1º Poderão participar da Banca Examinadora profissionais da área não vinculados à UFPI e que tenham experiência acadêmica comprovada ou didática em nível superior, desde que não supere 1/3 (um terço) do número de membros que compõem a banca.

§ 2º Na ausência de algum dos membros titulares, a Coordenação do Curso, fundamentada na lista encaminhada para o depósito da monografia, deve indicar avaliadores suplentes até compor o número mínimo exigido de avaliadores para possibilitar a defesa da Monografia.

**Art. 10º** – O horário e o local da Defesa da Monografia serão amplamente divulgados, devendo a defesa ocorrer em sessão aberta ao público.

**Art. 11º** – São atribuições do Presidente da Banca:

- Zelar pelo cumprimento dos horários.
- Distribuir os instrumentos de avaliação aos demais membros da banca examinadora.
- Conduzir as atividades, fazendo com que cada membro participe, bem como suscitar o exame acurado dos aspectos que lhe parecem pertinentes e úteis à avaliação do aluno.
- Atuar como moderador e/ou dinamizador dos debates.
- Recolher os instrumentos de avaliação devidamente preenchidos e rubricados pelos

membros da Banca.

- Encerrar os trabalhos da Banca.
- Elaborar uma ata que deverá ser assinada por todos os membros da Banca Examinadora.
- Encaminhar à Coordenação do Curso a Ata, juntamente com todos os instrumentos de avaliação.

**Art. 12º** – A Banca Examinadora deve observar os seguintes critérios de avaliação da Monografia:

- Clareza e objetividade do texto.
- Domínio do assunto.
- Pertinência e eficácia dos métodos empregados.
- Qualidade das evidências apresentadas.
- Lógica e relevância das conclusões obtidas.
- Abrangência e relevância da bibliografia consultada.

**Parágrafo único** – A Banca Examinadora pode acrescentar outros critérios além dos especificados neste Artigo, de acordo com o assunto e tipo de trabalho em julgamento.

**Art. 13º** – O aluno será considerado aprovado pela Banca Examinadora, quando obtiver nota média igual ou superior a 7,0 (sete) pontos, conforme o que estabelece o artigo 13º da Resolução 043/95 do CEPEX/UFPI.

**Art. 14º** – Após a sessão de avaliação e tendo a Monografia sido aprovada, o estudante deve proceder às correções recomendadas pela Banca Examinadora e entregar à Coordenação a versão definitiva, em formato digital, no prazo de 30 (trinta) dias, para integrar banco de dados.

## **CAPÍTULO VII DA ESTRUTURA DA MONOGRAFIA**

**Art. 15º** – A estrutura e apresentação da monografia deverão seguir os padrões acadêmicos da área e estar conforme previsto nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) em vigor.

**Art. 16º** – A monografia poderá ser acompanhada de informações suplementares em formato eletrônico, tais como vídeos, programas, planilhas, mapas, bases de dados, e outros arquivos que complementem o trabalho realizado ou que forem relevantes para a devida avaliação do mesmo.

**Parágrafo único** – Estes arquivos deverão ser armazenados em um meio durável, como o DVD, e anexados ao texto, devendo estar listados no sumário.

## **CAPÍTULO VIII DISPOSIÇÕES GERAIS**

**Art. 17º** – Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação do Curso de Arqueologia, seguindo deliberação do Colegiado do Curso, devendo ser observadas as normas e regulamentos da UFPI e as disposições legais vigentes.

**Art. 18º** – Este Regulamento entrará em vigência no período letivo seguinte ao de sua aprovação.

Teresina, 28 de Junho de 2018.

## ANEXO A – QUADRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Quadro 1: ATIVIDADES DE ENSINO E DE PESQUISA: ATÉ 60 (SESSENTA) HORAS PARA CADA ATIVIDADE			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Ensino	Monitoria no curso por período letivo/ Participação em projetos institucionais, PIBID, PET.	30	60
Iniciação científica	Um semestre de atividades de iniciação científica com dedicação semestral de 10 a 20 h semanais e com apresentação de resultados parciais e/ou finais em forma de relatório ou de trabalho apresentado em evento científico.	30	60
Iniciação científica voluntária	Um semestre de atividades de iniciação científica com dedicação semestral de 10 a 20 h semanais e com apresentação de resultados parciais e/ou finais em forma de relatório ou de trabalho apresentado em evento científico.	30	60
TOTAL			180
<b>Certificação:</b> Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

**Quadro 2: ATIVIDADES DE PARTICIPAÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS: ATÉ 60 (SESSENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES**

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Participação em trabalhos em eventos técnico-científicos e eventos nacionais/internacionais	<p>Apresentação de trabalhos em congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fórum, semanas acadêmicas (participação e organização).</p> <p>Participação em eventos nacionais diretamente relacionados às atividades acadêmicas e profissionais da área, com apresentação de trabalho e publicação nos anais do evento.</p>	30	60
TOTAL			60
<b>Certificação:</b> Declaração ou Certificado de participação (com cópia do trabalho apresentado) ou de organização do evento ou declaração do órgão/unidade competente.			

**Quadro 3: EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E/OU COMPLEMENTARES: ATÉ 120 (CENTO E VINTE) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES**

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Experiências profissionais.	<p>Realização de estágios não obrigatórios cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão.</p> <p>Realização de Estágios em empresa Júnior/incubadora de Empresas.</p>	30	60
Participação em Projetos	Participação em Projetos Sociais governamentais e não governamentais	30	60
Bolsistas PRAEC	Participação como bolsista da PRAEC	15	30
TOTAL			150
<b>Certificação:</b> Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			



<b>Quadro 4: ATIVIDADES DE EXTENSÃO: ATÉ 90 (NOVENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES</b>			
<b>ATIVIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PONTUAÇÃO (C/H)</b>	
		Mínima	Máxima
Projeto de extensão	Um semestre de participação em projeto de extensão vinculado à PREX, com dedicação semanal de 12 a 20h.	15	60
Atividades de extensão	Cursos e minicursos, cursos e oficinas registradas no âmbito da PREX; Cursos à distância; Estudos realizados em programa de extensão.	10	30
TOTAL			90
<b>Certificação:</b> Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

<b>Quadro 5: TRABALHOS PUBLICADOS: ATÉ 90 (NOVENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES</b>			
<b>ATIVIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PONTUAÇÃO (C/H)</b>	
		Mínima	Máxima
Publicações em anais de eventos nacionais.	Publicação em anais de congressos e similares, comprovados com documentação pertinente (declaração, cópia dos anais).	15	30
Publicações em anais de eventos locais e/ ou regionais.	Publicação em anais de congressos e similares, comprovados com documentação pertinente (declaração, cópia dos anais).	10	20
Publicações em periódicos nacionais.	Publicações em periódicos especializados comprovados com apresentação de documento pertinente (declaração, cópia dos periódicos).	20	20
Publicações de trabalhos integrais em anais de eventos nacionais, internacionais, regionais e locais.	Publicação em anais de congressos e similares, comprovados com documentação pertinente (declaração, cópia dos anais, etc).	20	20
TOTAL			90
<b>Certificação:</b> Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

<b>Quadro 6: VIVÊNCIAS DE GESTÃO: ATÉ 40 (QUARENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES</b>			
<b>ATIVIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PONTUAÇÃO (C/H)</b>	
		Mínima	Máxima
Representação estudantil.	Participação anual como membro de entidade de representação político – estudantil. Participação anual como membro de diretoria de entidade de representação político – estudantil	05	10
Participação em órgão colegiado classista como membro da diretoria, na condição de estudante.	Mandato mínimo de seis meses, devidamente comprovado, com apresentação de relatório, descrevendo a sua experiência na gestão.	05	10
Participação em órgão profissional (entidades de classe ligadas ao magistério) como membro da diretoria	Mandato mínimo de seis meses, devidamente comprovado, com apresentação de relatório, descrevendo a sua experiência na gestão.	05	10
Representação estudantil	Participação como representante estudantil no Colegiado do Curso, nas Plenárias Departamentais, Conselhos de Centro, Centro Acadêmico ou nos Colegiados Superiores com apresentação de documento comprobatório de participação na reunião.	05	10
<b>TOTAL</b>			<b>40</b>
<b>Certificação:</b> Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

<b>Quadro 7: ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS, ESPORTIVAS E PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS: ATÉ 90 (NOVENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES</b>			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1 Atividades Artístico-culturais e esportivas e produções técnico-científicas.	Participação em grupos de artes, tais como, teatro, dança, coral, poesia, música e produção e elaboração de vídeos, softwares, exposições e programas radiofônicos.	05	30
2.Premiação em trabalho científico na área	Premiação em âmbito local/regional/nacional/internacional.	20	60
TOTAL			90
<b>Certificação:</b> Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

<b>Quadro 8: DISCIPLINA OPTATIVA OFERTADA POR OUTRO CURSO DESTA IES OU POR OUTRAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: ATÉ 60 (SESSENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES</b>			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Disciplina Optativa	Ofertada por outro curso desta IES ou por outras Instituições de Educação Superior.	12	60
TOTAL			60
<b>Certificação:</b> Histórico Escolar.			

<b>Quadro 9: ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO: ATÉ 90 (NOVENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES</b>			
<b>ATIVIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PONTUAÇÃO (C/H)</b>	
		Mínima	Máxima
Estágios não obrigatórios	Programas de integração empresa-escola ou de trabalhos voluntários, com dedicação semanal de 5 a 10 horas para o aluno e com apresentação de relatórios.	30	90
TOTAL			90
<b>Certificação:</b> Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

<b>Quadro 10: VISITAS TÉCNICAS: ATÉ 10 (DEZ) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES</b>			
<b>ATIVIDADE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PONTUAÇÃO (C/H)</b>	
		Mínima	Máxima
Visitas técnicas	Visitas técnicas na área do curso, que resultem em relatório circunstanciado, validado e aprovado por um prof. responsável, consultado previamente.	02	10
TOTAL			10
<b>Certificação:</b> Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			